A TEOLOGIA DE LUCAS



JAVIER PIKAZA

Cada um dos quatro evangelistas nos oferece uma visão completa de toda a realidade cristã, a partir do enfoque e da problemática de cada autor. Por isso é preciso acompanhar o texto, expor pura e simplesmente o conteúdo de cada evangelho, estudado a partir do próprio livro e não se deixar levar por construções sistemáticas apriorísticas.

Os evangelhos foram escritos pelos evangelistas. É preciso aceitá-los como são: com seu ritmo interno, com suas antecipações e repetições, com sua dinâmica própria e distintiva. Nessa antecipação, na estrutura geral de cada obra literária, pode-se descobrir um pensamento vigoroso, uma grande mensagem. É esse o conteúdo destas páginas.

Esta obra é, portanto, em primeiro lugar bíblica. É preciso compreender o texto dos evangelhos. Mas é preciso entendê-lo em sua realidade de evangelho, de boa-nova de Jesus, e não apenas em sua pré-história ou em suas simples formas literárias.

Por isso esta obra quer ser também cristã. Quer que Jesus fale em nosso mundo; quer fazer com que tantos homens, que constroem a própria vida sobre sistemas mais ou menos atraentes, possam, quem sabe, se encontrar com o Jesus do evangelho. É uma tentativa de volta às fontes, nas quais a mensagem cristã não é teoria ou filosofia, mas vivência plena de uma realidade. Não existe verdade teórica. O que existe é a prática do homem que se entrega ao evangelho e vai descobrindo pouco a pouco a interioridade da pessoa de Jesus aí presente.

Coleção "Teologia dos Evangelhos de Jesus"

1. *TEOLOGIA DE MARCOS* — F. de la Calle
2. *TEOLOGIA DE MATEUS* — J. Pikaza
3. *TEOLOGIA DE LUCAS* — J. Pikaza
4. *TEOLOGIA DO QUARTO EVANGELHO* — F. de la Calle



TEOLOGIA DOS EVANGELHOS DE JESUS

Edições Paulinas

JAVIER PIKAZA

TEOLOGIA DE LUCAS

EDIÇÕES PAULINAS

Título original
Teología de los Evangelios de Jesús, 3ª ed. 1977
© Ediciones Sígueme, Salamanca, 1974

Tradução

Pe. José Raimundo Vidigal CSsR

Com aprovação eclesiástica

© BY EDIÇÕES PAULINAS - SÃO PAULO - 1978

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Lucas ocupa um lugar bem preciso dentro do novo testamento. Escreveu um "evangelho" e sentiu a necessidade de completá-lo com o livro dos Atos. Dessa forma distinguem-se mutuamente a mensagem de Jesus e a existência da igreja.

A própria dualidade da obra implica um pressuposto teológico bem preciso. O tempo ou plano da história de Jesus — o evangelho — distingue-se claramente do agir do Cristo que se encontra já nos céus e que atua por meio do Espírito na igreja (Atos). Os dois momentos surgem, finalmente, do princípio original divino.

A estrutura e divisões de são Lucas refletem-se de preferência na liturgia e em suas festas. *Advento* e *Natal* apóiam-se de uma forma especial nos primeiros capítulos do seu evangelho. Só em Lucas aparece o tempo de quarenta dias da *páscoa* e a *ascensão* como subida simbólica e concreta para a glória de Deus Pai. Finalmente, a data de Pentecostes baseia-se unicamente sobre o livro dos Atos.

Por isso, quando datamos o Natal ou interpretamos a ascensão como o ápice da páscoa ou consideramos o "dia do Espírito" utilizamos o esquema teológico de Lucas. Talvez Paulo e João ofereçam um retrato

mais profundo e mais austero do mistério de Jesus nos cristãos; mas cremos que pela nitidez dos seus traços e pela clareza das suas divisões, a teologia de Lucas oferece uma das mais autênticas e completas expressões da boa nova.

Nas páginas que seguem tencionamos surpreender e apresentar a novidade de Lucas. Não traçamos um sistema; preferimos seguir humildemente o texto (Lc e At). Certamente, esse trabalho pode ser cansativo e aborrecido. Mas Lucas é importante para nós e parece-nos que é preciso traçar uma linha de interpretação teológica que corra mesmo ao lado do seu texto e que o explique numa linguagem que se adapte aos nossos dias. Por isso nossas páginas supõem a leitura constante e repetida da obra de são Lucas.

Utilizamos uma bibliografia especializada e numerosa. Parece-nos obrigatório recordá-lo. Todavia, ao redigirmos este trabalho duma forma pessoal, não quisemos deter-nos em citações e alusões de caráter erudito ou técnico. Só de maneira esporádica referimo-nos a livros que julgamos importantes.

Bartsch., H. W., *Wachet aber zu jeder Zeit! — Lukasevangelium*, Hamburgo, 1963.

Baumbach, G., *Das Verständnis der Bösen in den synoptischen Evangelien*, Berlim, 1963.

Beyer, H. W., *Die Apostelgeschichte* (NTD 5), Göttingen, 1949.

Bouwmann, G., *Das dritte Evangelium*. Einübung in die formgeschichtliche Methode, Düsseldorf, 1968.

Bultmann, R., *Die Geschichte der synoptischen Tradition*, Göttingen, 1970; *Die Erforschung der synoptischen Evangelien*, em *Glauben und Verstehen* IV, Tübingen, 1967, 1-41.

Caba, J., *De los evangelios al Jesús histórico*, Madri, 1971 211-224 e 280.

Caird, G. B., *Saint Luke*, Londres, 1965.

Cerfaux, L. - Cambier, J., *Luc (Évangile selon saint)*, DBS V, 545-594.

Conzelmann, H., *Die Mitte der Zeit.* Studien zur Theologie des Lukas, Tübingen, 1964. *Die Apostelgeschichte* (Handbuch NT 7), Tübingen, 1963.

Cullmann, O., *Christus und die Zeit,* Zurique, 1962.

Dibelius, M., *Aufsätze zur Apostelgeschichte,* Göttingen 1968; *Die Formgeschichte des Evangeliums,* Tübingen, 1966.

Dupont, J., *Les Actes des apôtres* (Bibl Jer), Paris, 1954; *Notes sur les Actes des apôtres:* RB 62 (1955) 45 s.

Flender, H., *Heil und Geschichte in der Theologie des Lukas,* Munique, 1968.

Gnilka, J., *Die Verstockung Israels (Isaias 6,9-10* in *der Theologie der Synoptiker).* Munique, 1961.

Grundmann, W., *Das Evangelium nach Lukas,* Berlim, 1961.

Haenchen, E., *Die Apostelgeschichte,* Göttingen, 1961.

Harrington, W. J., *El evangelio segün san Lucas,* Madri, 1972.

Hirsch, E., *Frühgeschichte des Evangeliums.* Die Vorlagen des Lukas und das Sondergut des Matthäeus, Tübingen, 1941.

Klein, G., *Die Zwölf Apostel.* Ursprung und Gehalt einer Idee, Göttingen, 1961.

Klostermann, E., *Das Lukas-Evangelium,* Tübingen, 1929.

Knox, W. L., *The Acts of the Apostles,* Cambridge, 1948.

Laurentin, R., *Structure et theologie de Luc I-II,* Paris, 1957.

Lohfink, G., *Die Himmelfahrt Jesu.* Untersuchungen zu den Himmelfahrts — und Erhöhungs — texten bei Lukas, Munique, 1971.

Lohse, E., *Die Auferstehung Jesu Christi im Zeugnis des Lukasevangeliums,* Neukirchen, 1961; *Lukas als Theologe der Heilsgeschichte:* EvTh 14 (1954) 256-275; *Die Bedeutung des Pfingstberichtes im Rahmen des lukanischen Geschichtwerkes:* EvTh 13 (1953) 422-436.

López Melús, F. M., *Pobreza y riqueza en los evangelios.* San Lucas, el evangelista de la pobreza, Madri, 1963.

Luck, U., *Kerygma, Tradition und Geschichte Jesu bei Lukas:* ZthK 57 (1960) 51-66.

Marxsen, W., *Einleitung in das Neue Testament,* Gütersloh, 1964.

O'Neill, J. C., *The theology of Acts in its historical setting,* Londres, 1961.

Pesch, R., *Der reiche Fischfang: Lk 5,1-11 — Jn 21,1-14,* Düsseldorf, 1969.

Plümacher, E., *Lukas als hellenistischer Schrifsteller.* Studien zur Apostelgeschichte, Göttingen, 1972.

Plummer, A., *The gospel according to St. Luke,* Edimburgo, 1951.

Rehkopf, F., *Die lukanische Sonderquelle,* Tübingen, 1959.

Rengstorf, K. H., *Das Evangelium nach Lukas* (NTD 3), Göttingen, 1967.

Robinson, W. C., *Der Weg des Herrn.* Studien zur Geschichte und Eschatologie im Lukas-Evangelium, Hamburgo, 1964.

Rohde, J., *Die redaktions-geschichtliche Methode,* Hamburgo, 1966.

Roloff, J., *Apostolat-Verkündigung-Kirche,* Gütersloh, 1965.

Schmid, J., *Evangelio según san Lucas,* Barcelona, 1968.

Stoeger, A., *El evangelio según san Lucas,* 2 vol., Barcelona, 1970.

Schulz, S., *Die Stunde der Botschaft.* Einführung in die Theologie der vier Evangelisten, Zurique, 1970.

Schütz, F., *Der leidende Christus.* Die angefochtene Gemeinde und das Christuskerygma der lukanischen Schriften, Stuttgart, 1969.

Tinsley, E. J., *The gospel according to Luke,* Cambridge, 1965.

Trocmé, E., *Le "Livre des Actes" et l'histoire,* Paris, 1957.

Vielhauer, P., *Zum Paulinismus der Apostelgeschichte:* EvTh 10 (1950) 1-15.

Wilckens, U., *Die Missionsreden der Apostelgeschichte,* Neukirchen, 1963.

INTRODUÇÃO

O OBJETIVO TEOLÓGICO DE LUCAS

> Visto que muitos já tentaram escrever um relato dos acontecimentos que se cumpriram entre nós, conforme no-los transmitiram os que foram testemunhas oculares desde o princípio e foram os ministros da mensagem, eu também decidi escrever-te por ordem, ilustre Teófilo, depois de haver-me informado de tudo desde o princípio, a fim de que assim reconheça a solidez das doutrinas que recebeste (Lc 1,1-4).

Deste modo começou Lucas o seu tratado. Tenciona escrever um relato "sobre os acontecimentos que se cumpriram entre nós". Quais? Em primeiro lugar, aquelas coisas que Jesus realizou e ensinou até o momento em que, tendo instruído os seus apóstolos por meio do Espírito, eleva-se até a altura dos céus (At 1,1-2). Mas isto constitui apenas a primeira parte do trabalho (cf. At 1,1). Entre os fatos que sucederam "entre nós" encontra-se para Lucas a vinda do Espírito, a vida e o testemunho da igreja palestinense, a missão de Paulo entre os gentios. Por isso escreve uma segunda parte do tratado, precisamente o livro dos "Atos".

Os acontecimentos de Jesus e da igreja realizam-se para Lucas à luz de todo o mundo (At 26,26). Já não são mero objeto de uma mensagem. Podem ser muito

bem o tema de um trabalho de tipo literário em que se empregam as técnicas do tempo. São assunto de uma história que merece ser contada. Com isto se situa o evangelho e o livro dos Atos no nível das obras literárias do seu tempo.

Lucas parece ser o único escritor do novo testamento que deixou de pensar exclusivamente na igreja e se preocupa com oferecer o fato de Jesus no mercado aberto do seu mundo.

Mas Lucas não abandona a tradição. Ao contrário, situa-se conscientemente na linha que se apóia nas testemunhas oculares (os apóstolos) e nos próprios ministros da palavra. Além disso, adverte que já têm havido outros autores que quiseram traçar-nos um relato dos fatos sucedidos (Lc 1,1). Com isso refere-se, ao que parece, a Mc e ao chamado documento Q, no qual, segundo uma hipótese provável, exprimiam-se sentenças de Jesus que Mateus também conheceu. Nada impede que são Lucas tenha consultado outros escritos; talvez algum deles contivesse detalhes da história da igreja palestinense ou das viagens de Paulo.

Marcos havia apresentado Jesus como "evangelho", o salvador autêntico do homem. Mateus centrou-se em Jesus como origem da nova e verdadeira lei (sermão da montanha), o juiz (25,31-46) e fundamento da igreja (28,16-20). E Lucas? Jesus se mostrou como o ponto de partida, o centro de um profundo movimento religioso que já alcança importância neste mundo e merece ser contado.

Lucas pode realizar sua tarefa porque, mesmo não sendo um gênio literário, é narrador que entende, sabe escrever e crê que os fatos que se fundam em Jesus e se atualizam por meio do Espírito podem-se expor num contexto de saber greco-latino. Ao realizar a sua obra há de se mostrar fiel aos antigos dados da fé que nos apresentam as palavras de Jesus, dados que expressam o sentido da páscoa e que se fixam de uma forma espe-

cial na presença do Espírito na igreja. Com o passar do tempo e com a nova reflexão crente, aquele destaque que a princípio se dava à esperança inquieta do fim próximo, imediato da terra, ficou modificado. O fim demora a chegar. O importante não é o tempo em que venha a realizar-se. O importante e decisivo é viver de acordo com a palavra e o caminho de Jesus. A própria igreja, sustentada no Espírito, passou a fazer parte do mistério da mensagem. Assim Lucas o sente, interpreta os dados primitivos, cria.

Marcos e Mateus não puderam escrever nenhuma "história da igreja". Tal história não fazia parte da obra de Jesus; não era evangelho (Mc), não acrescentava algo distinto à palavra dedicada ao Cristo, legislador, juiz e princípio salvador do homem (Mt).[1] Certamente, Jesus é para Lucas a origem, é o ponto de partida de toda a salvação. Mas é preciso esclarecer que a sua influência se realiza por meio do espírito, na igreja. Como "atos" do espírito que deriva de Jesus, os traços fundamentais e os acontecimentos decisivos da igreja têm valor de salvação, pois atualizam a presença de Deus entre os homens.

Certamente, Jesus Cristo é para Lucas centro e expressão de toda a história salvadora. As suas palavras e milagres são o ponto de partida para o qual sempre devemos olhar e do qual estamos dependendo em todo instante. Mais ainda: a sua morte, interpretada segundo as Escrituras, é caminho para a páscoa que, considerada na forma de ascensão ao céu, converte esse Jesus em centro da vida e do agir dos homens (cf. Lc 22,69).

O passado da vida de Jesus, que termina na ascensão, transformou-se assim em presente glorificado e glorificante. Jesus encontra-se imerso no mistério de Deus Pai e, de lá, na sua altura que é divina, guia a nossa história para ele mesmo. Aquele Jesus da nossa terra, que já morreu, transforma-se assim em modelo, imagem e segredo do caminho dos homens (Lc 9-18)

rumo ao antigo final da esperança que se encontra na ressurreição (que também os judeus admitem: cf. At 21-26). Esse final se concretizou agora na glória de Jesus que nos atrai para a sua altura (cf. o bom ladrão: Lc 23,43 e Estêvão: At 7,56-60).

O presente divino de Jesus que, sendo humano, acha-se imerso no mistério do Pai atualiza-se em seus discípulos e no mundo por meio do Espírito. Trata-se do Espírito que estava velado nos profetas (At 2,16s), que atuava no Batista (Lc 1,15) e que se expressa de uma forma absoluta por Jesus, chamado o Cristo (Lc 3,22; 4,18s; At 10,38). Por meio de Jesus glorificado (Lc 24,49; At 2,33), o Espírito de Deus inunda o mundo e transforma-se em fundamento do caminho dos homens, passando a ser a vida mais interna e verdadeira da igreja.

Jesus voltará no final do tempo? Para Lucas o Jesus glorificado não é um simples futuro, como um "depois" que ainda não chegou e influi em nós. Mais do que de um depois, fala são Lucas de um presente, de um Jesus que é plenitude e que se encontra lá na profundeza do caminho da vida. Assim se exprime ao afirmar que o "reino" é já a autêntica riqueza e a verdade na aventura da busca do homem (Lc 9-18). Não é riqueza de um utópico depois, mas sim a vida concreta do agora. Descobri-lo significa ter achado já o caminho que com Cristo hão de fazer seu os crentes. Embora não se possa vê-lo, desde o próprio momento do seu juízo e da sua morte, Jesus se acha sentado como guia, modelo e plenitude no mistério de Deus Pai (Lc 22,69). Jesus interpreta desde agora o papel de Deus, seu Pai.

Mas quando faz de Jesus Cristo, exaltado à direita do Pai, um presente salvador pelo Espírito, Lucas não nega que Jesus seja, ao mesmo tempo, o que virá no final do tempo. A mais profunda validade do momento salvador atual não nega nem destrói a marcha da histó-

ria que se acha dirigida para uma meta que é o triunfo de Deus Pai, por seu Cristo.

Tendo isso em conta, distinguimos os dois planos de leitura de são Lucas. No *nível externo* os diversos momentos do mistério e da obra de Jesus se diferenciam de uma forma plena e nítida; há um progresso histórico e um outro tempo sucede ao anterior de um modo bem preciso. Mas, ao mesmo tempo, e penetrando no *nível profundo* compreendemos que o progresso dos tempos não se pode tomar como palavra decisiva; mais do que progresso há uma revelação crescente daquilo que se achava como em germe no princípio e que se atua depois em Jesus Cristo e no Espírito.

Supondo esses níveis, delimitam-se os diversos tempos da obra de são Lucas:

1. é necessário. partir sempre de Deus como princípio;

2. partindo de Deus entende-se o tempo de preparação do homem que tomou em Israel forma profética e entre os gentios se manifesta como "era de ignorância" (At 17,30);

3. no centro está a história dos fatos e palavras de Jesus, que começa no momento bem preciso do anúncio do anjo a Maria e que termina na subida do Senhor ressuscitado ao céu;

4. partindo de Jesus e na forma de expressão aberta do agir divino, compreende-se o tempo do Espírito e da igreja;

5. tudo se acha, afinal, orientado para o futuro apocalíptico que se pode interpretar como "volta decisiva de Jesus" e cumprimento da sua obra, sendo por sua vez a elucidação plena do mistério de Deus entre os homens[1].

1. Devemos confessar que a nossa forma de entender Lucas pressupõe e ao mesmo tempo supera a visão de H. Conzelmann *(Die Mitte der Zeit)*. Parece-nos que no meio de todos os seus arrazoados, Conzelmann simplificou de modo extremo a noção de tempo e história em Lucas.

1. *Deus como princípio*

O progresso da história deriva do Pai que se acha na origem e é a base e fundamento universal do cosmo. De Deus procedem o Espírito e o Cristo. Atuando-se no mundo, não passaram a situar-se fora do mistério primordial, porque esse Deus que se acha acima da história — é verdadeiro mais além — mostra-se ao mesmo tempo como tema e conteúdo da história. Assim o mostram e atualizam Cristo e o Espírito.

De Deus provém Adão, lá no início (Lc 3,38), e é Deus que Jesus reflete aqui no centro da história (Lc 3,22; 1,32-35). Só Deus é o princípio dos céus e da terra, é a origem dos homens (At 17,23s; 14,15s), o fundamento de Israel e seu caminho em nossa história (At 7,2s). Por isso mesmo, sempre que se tratar dos "tempos" em são Lucas, é preciso começar falando desse Deus que, sendo o ponto de partida original, tempo primeiro, não passou ainda e continua sendo o substrato de Jesus (Lc 23,46), a plenitude do presente e o futuro (o reino que virá).

Agora se entende que o autêntico passado não é aquele que já aconteceu num momento e que termina; o mais autêntico passado do qual o homem se origina é, ao mesmo tempo, o substrato do seu próprio presente e seu futuro. Esse é Deus para são Lucas.

2. *O passado de Israel*

A lei e os profetas constituem um tempo de esperança que é valioso mas passa, já passou. Nem por isso Israel vem a ser, para são Lucas, a recordação de uma época já morta. A sua verdade e realidade perdura em nossa igreja (na qual culmina) ou continua sendo por si mesma ainda um ponto de partida salvador[2].

2. De certa forma, no tempo de esperança de Israel pode-se integrar o âmbito de preparação dos gentios que, embora seja na realidade uma era de ignorância, transforma-se, para a pregação cristã, em prelúdio de Jesus, o salvador de todos (cf. At 14,15; 17,23s).

Jesus transcende todo o passado. Nasce do Espírito e realiza o grande mistério de Deus entre os homens. Mas, ao mesmo tempo, pode-se afirmar que somente esse Jesus é a verdade do velho povo israelita. Não se sai de Israel quando se vem pára Jesus. Chegando até o messias, penetra-se de verdade no passado, atualiza-se o que estava pressentido. Tal é o tema de Lc 1-2.

Também a igreja é mais do que Israel. Não se move no campo da esperança profética; recebe já o perdão de Deus e tem a força do Espírito. Não obstante, a primeira igreja palestinense (At 2-6) constitui para Lucas o desdobramento de Israel, o verdadeiro sentido das velhas esperanças. No seu discurso do concílio (At 15) Tiago demonstrou que a igreja judeu-cristã é o autêntico Israel restabelecido que serve — há de servir — como atração para os gentios.

Certamente, Lucas não supôs, como Mateus, que todos os cristãos formam o verdadeiro Israel. A igreja, que começa sendo unicamente judaica, divide-se depois em duas metades: acham-se de um lado os convertidos de Israel, que continuam cumprindo a lei antiga, vão ao templo e crêem ao mesmo tempo em Jesus Cristo como ápice salvador do povo; de outro lado se acham os pagãos convertidos que, sem necessidade de se tornarem israelitas, crêem em Jesus, messias de Israel e salvador do mundo.

Mas não fica só nisso. Como arremate da sua obra, quando tudo parece indicar que a igreja judeu-cristã corre o risco de se diluir por esterilidade interna, Paulo, mensageiro do evangelho para o mundo, proclama de forma solene as raízes comuns de Israel e do cristianismo, que é aqui a igreja dos gentios (At 21-26). Paulo anuncia a esperança messiânica na ressurreição, esperança que partilham com ele os fariseus, autênticos representantes de Israel e das promessas. Por isso, mesmo contra a própria verdade histórica superficialmente entendida, Lucas se esforçará por mostrar que Paulo, o

cristão mais aberto para o novo, é ao mesmo tempo e até o fim um autêntico fariseu, um israelita da mais pura observância.

Tudo isso indica que, embora Cristo seja o ápice de Israel, embora condene a riqueza deste mundo nos escribas e fariseus, embora o próprio judaísmo oficial não o tenha aceitado, para Lucas, o antigo tempo salvador da lei e dos profetas, centrado no farisaísmo, continua sendo, mesmo depois da ascensão de Jesus, um tempo de começo de redenção. Em outras palavras, os momentos da história de Lucas não se sucedem de forma puramente cronológica, estanque: implicam-se, ou melhor, se interpenetram.

3. *O tempo de Jesus*

Num primeiro momento, Jesus aparece para Lucas como o amadurecimento da esperança e o tempo de Israel (Lc 1-2). Sendo verdade para Israel, Jesus é luz para as nações (Lc 2,32): quando o antigo povo da esperança encontrar a sua verdade, quando chegar â sua plena dimensão, converter-se-á em serviço para o mundo, salvação para os povos.

Sendo a verdade de Israel, Jesus contém por sua vez um tempo bem concreto. É o tempo de um homem que limita com a profundidade de Deus (pois surge do Espírito) e que nasce, entretanto, num momento bem concreto, no ano do recenseamento de Quirino, sob o poder de Augusto (Lc 2,1s). É tempo de uma vida que se pode enquadrar nos anais de uma história (Lc 3,1-2). Por isso morre num momento bem preciso, com Pilatos e Herodes e os sumos sacerdotes como testemunhas. Mais ainda. O tempo de experiência primordial de Jesus ressuscitado abrange ainda, para Lucas, os quarenta dias. Tudo termina, todavia, no mistério primordial do divino; Jesus ressuscitado sobe ao Pai.

Com isso não termina a história de Jesus. Só termina um tipo de existência. Com a ascensão se aprofunda no divino; a obra de Jesus recebe assim dois traços principais: por um lado, a sua obra se expande e se realiza por meio do Espírito; por outro, a sua própria pessoa se transforma em força salvadora para sempre. Este segundo aspecto é o que agora nos importa.

Só a partir da ascensão de Jesus adquire sentido o "hoje" salvador do nascimento: "Nasceu-vos hoje um *soter* que é cristo-*kyrios*, na cidade de Davi" (Lc 2,11). O evangelho que encerra esta palavra não é verdade só para um momento; nem é tampouco a expressão de um fato físico passado, pois encerra a certeza de que o Jesus glorificado (salvador, senhor, messias) é poder renovador para a terra. É este mesmo o sentido de "hoje" em Lc 4,21:

> Hoje se cumpre esta escritura:
> O Espírito de Deus está sobre mim;
> por isso me ungiu;
> enviou-me a evangelizar os pobres,
> anunciar a remissão aos cativos...
> (cf. Lc 4,21 e 4,18).

O Senhor glorificado em quem se centra a força de Jesus é salvação para os homens. Por isso, o livro dos Atos repete até o final que a verdade se encontra em Jesus Cristo.

Isto nos diz que o passado da história de Jesus converteu-se para Lucas, ao mesmo tempo, num presente. É um presente que repleta de tal modo a vida dos homens, que se pode afirmar que ir a Jesus é "ir a Deus". Não é preciso esperar que chegue o fim da nossa história: os que morrem em Jesus sobem ao céu, ao paraíso (cf. Lc 23,43; At 7,56s).

Por isso, o tempo do Espírito e da igreja não é, sem mais, tempo que vem depois do de Jesus. A ativi-

dade do Espírito, a igreja como tempo de missão e de caminhada, formam sobre o mundo o campo de influência de Jesus glorificado.

4. *Tempo da igreja e do Espírito*

O tempo do Espírito não começa simplesmente com a igreja. Certamente, para Lucas todo o ser e realidade da nossa igreja é conseqüência do Espírito que Jesus prometeu (Lc 24,49; At 1,4.8) e se condensa de uma forma simbólica no primeiro pentecostes (At 2). Mas dando um passo atrás, temos de afirmar que até o próprio Jesus é um efeito (Lc 1,35), é uma espécie de expressão concreta e corporal do próprio Espírito divino (cf. Lc 3,22; At 10,38). Sendo poder que atua sobre o mundo, o Espírito é de Deus; é força que unifica a história salvadora; é garantia da origem divina de Jesus e da igreja.

Sem deixar de ser divino, o Espírito atua plenamente em Jesus de Nazaré, de tal modo que a sua obra é concretização visível do eterno poder do divino (cf. At 10,38). De tal modo se iguala o Espírito de Deus com Jesus Cristo que, dizendo adeus ao mundo, Jesus pode prometê-lo e concedê-lo de uma forma plena (At 1,4.8).

O Espírito é "de Jesus". Recebeu-o do Pai e pode dá-lo (Lc 24,49; At 2,33). Embora Lucas não se detenha abertamente nesse tema, pode-se afirmar que toda a obra de Jesus se resume neste centro: subindo ao céu nos concede o Espírito de Deus (o seu Espírito) a fim de que possamos tomar parte em sua caminhada para a glória.

Por isso, em todo o livro dos Atos, o verdadeiro conteúdo da igreja expressou-se em dois traços que se mostram, ao mesmo tempo, complementares e constantes: a fé em Jesus é fundamento e é origem; mas tudo é, igualmente, efeito do Espírito. O que de um

ponto de vista pode-se expressar em forma de "crença em Jesus Cristo", mostra-se, em outra perspectiva, como presença do Espírito (cf. At 2,38 e 10,42s).

Fundado em Deus e prometido em Israel (cf. At 2,16s; 2,32s), o tempo do Espírito não é mais que a expressão daquele agir de Jesus ressuscitado que transforma, na missão, todo o mundo dos homens. Jesus é a origem, humana e divina, da nova realidade. O Espírito é a força imediata que deriva de Jesus e que realiza a transformação entre os homens. A igreja, enfim, é o efeito e a expressão, o resultado do agir do novo e antigo Espírito divino.

Mas o Espírito não atua duma forma uniforme e monótona; tem um ritmo peculiar que Lucas soube interpretar de maneira impressionante.

Baseando-se em Jesus ressuscitado, a igreja há de fundar-se no mais profundo testemunho daqueles que o viram; por isso Lucas nos apresenta os quarenta dias do encontro com Jesus glorificado. A verdade desse encontro se revela só na vinda do Espírito (At 2). Ser de Jesus já implica um viver em testemunho missionário, como sinal de verdade e salvação para os homens.

Num primeiro momento (At 2-5), a igreja se mostrou na forma de Israel perfeito. Crê-se em Jesus e recebe-se a força do Espírito a partir dos moldes da religiosidade israelita. Num segundo momento, e dirigida pela força do Espírito, a igreja palestinense se abre para as nações e se mostra como sinal de perdão e salvação universais (At 6-15). Forma-se assim uma dupla igreja que, unida no testemunho de Jesus, consta de fiéis judeus e de membros do antigo paganismo. O ritmo final foi o que refletiu Paulo, missionário das nações, perseguido pelos judeus, julgado em Roma e pregando, apesar de tudo, o evangelho.

A igreja de Jesus se mostra assim, ao mesmo tempo, como o efeito do mais novo agir de Deus (Espírito) e como o pleno cumprimento daquela realidade que se

achava velada nos profetas (At 2,16s). Melhor, dizendo a igreja é a continuação, a manifestação plena do Espírito de Jesus e, ao mesmo tempo, é o efeito do novo agir de Deus que inunda o mundo a partir de Jesus Cristo. Pode-se falar de um tempo do Espírito (a igreja) cronologicamente posterior ao tempo de Jesus? Certamente, mas só quando se adverte que o Espírito é a expressão da profundidade de Jesus e é, ao mesmo tempo, o cumprimento verdadeiro de Israel, o povo das promessas.

5. *A volta de Jesus e o tempo do reino decisivo*

Para Lucas, Deus não é só o "tempo no princípio". É, ao mesmo tempo, a meta para a qual tendemos sem cessar no caminho da vida. Utilizando um conceito da apocalíptica judaica, são Lucas fala de um tempo de "restituição universal" (At 3,21), de um mundo novo que vai se formar em torno de Cristo, verdadeiro filho do homem que desce das nuvens (Lc 21,27).

Lucas não nega esse conceito apocalíptico judaico, nem excluiu a primeira esperança dos fiéis cristãos que nos falam de um Jesus que vem logo para transformá-lo, para renová-lo todo. No entanto, a vinda de Jesus glorificado e o final do tempo deixam de ser o centro da sua obra e do seu evangelho. Não importa que Jesus se atrase. O que vale é a sua importância atual, como salvador que está elevado ao divino e que transforma a nossa vida no Espírito.

Toda a secção do caminho de Jesus para a morte (Lc 9-18) já nos indica que o reino é a riqueza verdadeira dos homens; não aquele reino que virá, mas o que está escondido entre nós. De maneira semelhante, o livro dos Atos nos indica que na fé já se nos concede o perdão dos pecados; temos desde agora a verdade e realidade que é decisiva (o Espírito divino). Quem

aceita Jesus Cristo vive em Deus e embora espere no final definitivo, está seguro desde já.

Por isso mesmo, porque o fim universal deixa de ser o centro do viver cristão, toda a existência da igreja e do crente se converte em realidade escatológica. Já se está realizando em nós o grande juízo; assim o supõe — repetimos — o caminho de Jesus (Lc 9-18), a própria vida da igreja. Por isso o homem que viveu em Jesus, ou em Jesus morre, vai sem mais, já desde agora, para o reino (cf Lc 23,43; At 7,56s).

Concluímos. As considerações precedentes podem nos ajudar a entender Lucas. Nelas vimos que o esquema da sua obra não se pode entender de maneira puramente unívoca. Não basta descrever os traços de um progresso da história que nos leva de Israel até Jesus e de Jesus até a igreja. É necessário compreender que neste progresso não se vem simplesmente para algo novo; penetra-se na verdade do que estava oculto.

Em Israel tudo se abre para Jesus (Lc 1-2). Israel todo, centrado na promessa do Espírito, vem espelhar-se logo no primeiro e grande pentecostes do nascimento da igreja (At 2). De maneira semelhante, porém mais imediata, a vinda do Espírito nos Atos não se pode tomar como algo puramente novo; é o reflexo e resultado do mistério de Jesus que sobe para o Pai.

De modo geral poder-se-ia afirmar que Lucas tencionou descobrir os traços de continuidade histórica do único Espírito de Deus. Israel, Jesus, a igreja são momentos progressivos do agir de um mesmo Espírito divino. Mas se o Espírito é a força constante que vem revelando-se de forma progressiva, temos de afirmar que só Cristo é centro, é o sentido do pensar de Lucas.

Jesus está anunciado em Israel (cf. Lc 1-2). Jesus existe como um homem bem concreto num momento da história e constitui dessa forma um verdadeiro passado que já se foi. Mas, ao mesmo tempo, Jesus é para

Lucas o Senhor presente que se senta à direita de Deus Pai e tudo dirige, no Espírito.

A dupla obra de Lucas gira em torno da dialética do evangelho e dos Atos. A história de Jesus leva ao mistério do Senhor ressuscitado, ao kyrios dos Atos. Ao mesmo tempo, o Senhor do livro dos Atos não poderia ter sentido algum sem Jesus, o evangelho.

Esta dialética não se refletiu só na união das duas obras de são Lucas. Seguindo já a tradição de Marcos, reflete-se no seu próprio evangelho.

O que o evangelho mostra é mais que a história de um homem que passou; é também o testemunho de um Senhor que vive acima do transcurso dos tempos e que chama todos ao seu nível de salvação.

Esta dialética reflete uma verdade permanente da igreja e do cristão. Certamente, Lucas não é o único critério no caminho que conduz a Cristo; mas Lucas tem valor. Por isso, poderá ter utilidade esta leitura da sua obra que tencionamos refletir nas páginas que seguem.

1.

APRESENTAÇÃO DE JESUS

(1,4-4,13)

I. O NASCIMENTO DE JESUS. SUA RELAÇÃO COM JOÃO E O ANTIGO TESTAMENTO (c. 1-2)[1]

O evangelho de Lucas se abre com a cena do anúncio do anjo ao velho Zacarias (Lc 1,5-25). O velho e sua esposa vivem estéreis, sem filhos, como tantos na antiga história do seu povo, como o próprio Israel daqueles tempos. Apesar de tudo, eram ambos pessoas honestas que se moviam na esfera da esperança religiosa e Zacarias, sacerdote, servia a Deus lá no seu templo.

Lucas dirige-nos precisamente ao templo. Lá se encarna a grandeza do antigo Israel e a sua esperança. Não é preciso teorizar; não é necessário dizer nada. Ao situar-nos no templo, Lucas pressupõe uma visão do mundo, evoca um grande mistério religioso. Israel é realidade sagrada; a sua esperança é santa; é isso o que aqui nos dizem, sem mencioná-lo.

Mas vejamos. Lucas não pretende abandonar-nos no templo. O que importa é o que Deus nos manifesta

1. De modo geral, ao tratarmos da infância seguimos Laurentin, *o.c.*. Remetemos à sua obra quem quiser precisar as influências do antigo testamento, a estrutura literária e os problemas que o texto suscita.

no recinto sagrado. O anjo fala (Lc 1,11s). As suas palavras são precisas: o verdadeiro culto de Israel e a sua esperança vão concretizar-se agora num homem. Não é preciso apresentá-lo; chama-se João e é "nazoreu", um consagrado (Lc 1,13-15).

Lucas não pretende descrever-nos simplesmente os acontecimentos de um passado. Não tenhamos curiosidade; não perguntemos no texto por detalhes, nem por nomes ou famílias, nem por tempos ou lugares. O importante é João. E Lucas sabe, com a antiga tradição, que a missão e o encargo do Batista se enraíza no antigo povo israelita e vem do próprio Deus: estará cheio (esteve cheio) do Espírito de Deus e converteu numerosos membros do seu povo, transmitindo-lhes o fogo sagrado de seus pais, os profetas e patriarcas (Lc 1,15-17).

Mas a tarefa de João se concretiza de uma forma ainda mais profunda: preparará o caminho e a vinda do seu Deus (1,17; se não precisamos as citações, elas se referem aqui, seguindo o texto, ao evangelho). Israel inteiro se resumiu em João e se converte num anúncio, em testemunho de verdade imensa: Deus, o grande Senhor se aproxima.

Em torno de João se esclareceu a verdade fundamental do evangelho: por um lado, é necessário que os homens se preparem, que se exige penitência, que a vida se modifique. Por outro, deve-se afirmar que a chegada de Deus é o momento decisivo. Sem conversão humana Deus não vem; sem a vinda de Deus, a conversão não pode ser autêntica. Isto suscita duas perguntas: qual é a verdadeira conversão? como é que Deus se aproxima e como se pode assegurar sua presença? Mas com isso corremos o risco de nos perdermos em questões genéricas. Para Lucas a exigência de conversão se precisou em João; a chegada de Deus realizou-se em Jesus Cristo.

Paralelo ao de João, está em são Lucas o anúncio de Jesus (1,26-38). Desaparecem altar e templo e achamo-nos numa aldeia qualquer da terra palestinense: Nazaré, na Galiléia. Do âmbito sagrado do judaísmo e do seu templo, que são preparação, saímos para a própria realidade do mundo, para o campo profano e decisivo, no qual vão penetrar Jesus e sua mensagem divina salvadora.

Em Nazaré está Maria, uma donzela, virgem desposada. Que terá pensado, que segredos se refletem em sua vida, que valores nos apresenta? Nada sabemos. Em torno dela só existe um grande silêncio. Mas é um silêncio que Deus preenche; por isso, o anjo diz: "Salve, agraciada; o Senhor está contigo" (1,28). Maria (a mulher), Maria (o mundo inteiro de Israel e das nações) recebe seu Senhor como o presente decisivo, como o ponto de partida da missão mais elevada[2].

Tampouco aqui, na cena do anúncio do anjo a Maria, oferece Lucas o detalhe de uma história. Faz algo mais: apresenta o grande segredo do homem que se acha aberto para Deus (Maria); leva-nos até o mistério do Deus que se reflete e se realiza através do compromisso do homem que o aceita. Passaram-se já séculos e séculos. Escreveram-se mil histórias de Jesus. Nenhuma delas soube refletir com profundidade e singeleza o grande mistério. Diz Lucas:

> Conceberás e darás à luz um filho. Por-lhe-ás o nome de Jesus e ele será grande. Será chamado o filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai e reinará sobre a casa de Jacó para sempre... (1,31-33). Virá sobre ti o Espírito santo; a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; dessa forma, aquele que nascer será santo; chama-lo-ás filho de Deus (1,35).

2. Cf. S. Lyonnet, *Il racconto dell'annunciazione:* ScuolC 82 (1954) 411-446.

Jesus, aquele que provém de Maria, não prepara, como João, algo mais alto. Jesus é já a realidade do "filho", que nos traz o reino decisivo, o reino eterno de Deus sobre os homens.

João anunciava a chegada do Senhor. Jesus não anuncia: é Deus que vem. Vem de Deus; por isso "nasce do Espírito" (1,35). Não é o simples efeito transitório de um processo deste mundo, não é um filho a mais entre os filhos da terra. Estão em Deus as suas verdadeiras raízes e seu substrato; é uma graça de Deus, é Deus mesmo, o que ele traz em sua pessoa. É isto que Lucas quer dizer-nos quando afirma que Jesus, o filho de Maria, nasce da força do Espírito, provém do próprio Deus[3].

Certamente, é grandioso o que afirma Lucas: Jesus é a expressão do grande mistério, do ser do divino. Não obstante, externamente, nada se muda. Aqui não há nada daquele ambiente sagrado de Israel em que se anuncia o nascimento de João a Zacarias; não há tampouco, nota alguma de poder, grandiosidade, sabedoria humana. Tudo sucede nesse campo imensamente delicado, imensamente aberto, da fé de uma moça que aceitou a palavra de Deus que a interroga e fala. A plenitude de Deus, o ápice da história expressou-se simplesmente numa cena de confiança delicada, de aceitação, de reverência. Maria começou a ser já sinal de uma nova forma de existência.

O texto continua. Maria visita Isabel, sua prima (Lc 1,39-45.56). A cena serve para unir desde o princípio os destinos do Batista e de Jesus, o Cristo. No seio de Isabel, sua mãe, João se alegra. Em seu gozo resume-se a felicidade do autêntico Israel pela vinda

3. Semelhante, embora expresso de outra forma, é o que diz Paulo quando afirma que Jesus é "preexistente" (cf. Fl 2,5s). Jesus não é simplesmente conseqüência do tempo e da terra; a sua verdade provém do eterno, estava em Deus no princípio e se "revela" por Maria no final (centro) do tempo.

de Jesus. Isabel bendiz a mãe do Senhor que é sua parenta.

Melhor que em nenhuma cena puramente histórica, melhor que em nenhum relato de caráter teológico, retrata-se aqui o destino de Israel, centrado em João, e a verdade e graça de Jesus, que é salvador desde o princípio. O seu parentesco é o reflexo da união dos seus caminhos: são aliados na obra de Deus; encontraram-se já no começo de suas vidas.

Neste ambiente de visita situou Lucas o cântico de Maria (1,46-55). Isabel declarou-a "a bendita" e portadora de interna bênção. E isto Maria é, na verdade, "porque acreditou" (1,42-45). Maria responde com palavras que soam como velhas e de conteúdo absolutamente novo: "glorifico ao Senhor, rejubilo-me em Deus meu salvador..." (1,46-47).

Naquele Jesus que nasce — está no mundo embora sem nascer — resumiu-se já a salvação humana. Nele se dá o agora escatológico, quer dizer, a mudança da vida dos homens. Com palavras do antigo testamento e num contexto puramente israelita, apresenta-nos Lucas a certeza de que estamos já diante do mundo decisivo. Esse Jesus que nasce é a verdade, a salvação mais profunda; mas, ao mesmo tempo, esse Jesus não é mais do que o cumprimento dos anseios do antigo testamento, de Abraão e nossos pais, no princípio (Lc 1,55).

O cântico de Maria apresenta um conteúdo muito lucano:

> Porque olhou para a humildade da sua serva...
> Fez em mim grandes coisas aquele que é poderoso.
> Encheu de bens os famintos;
> aos ricos despediu de mãos vazias (Lc 1,48.49.53).

Só Deus é a riqueza verdadeira; por isso, quem se encontra cheio de si mesmo, quem pretende assegurar

sua vida aqui no mundo, na realidade está vazio e faminto. Assim o refletiu o mistério de Jesus que vem. Só abrindo-se para a profundidade de Deus e do seu amor, ao receber a graça do perdão e ao estendê-la para os outros, chega o homem a ser rico. É o que exprime o cântico de Maria, no qual são Lucas quis resumir o verdadeiro destino de Israel, a mais profunda condição humana que se mostra e plenifica em Jesus Cristo.

A história continua. João nasce (1,57). Alegram-se diante de Deus os conhecidos (1,58). E aquele menino vai receber o seu nome próprio, um nome que não é simples expressão de vontade ou tradição humana, mas um sinal de missão divina: "João será o seu nome" (1,63). E diante do nome e da missão do menino desprende-se a voz muda do pai Zacarias, que bendiz a Deus e canta, profetiza:

> Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,
> porque visitou, remiu o povo... (1,68).

O cântico de Zacarias (1,68-79) oferece-nos o mesmo tema que tinham as palavras de Maria (1,46-55): louva-se a Deus porque amanhece para o homem a existência verdadeira, um ser e vida que não acaba, um mundo novo.

Tudo, neste cântico e em sua esperança, se mantém no nível do judaísmo: já se cumpriram as profecias, a aliança e as promessas; agora e só agora a casa de Davi chega ao seu centro (cf. 1,69-73). Mas, ao mesmo tempo, tudo o que se acha cantado aqui, é verdade cristã. O homem está sem medo, já libertado do mundo e dos poderes inimigos; é homem em santidade, livre e completo, perante seu Deus. Pela terra de fadiga e de cansaço passa um aprazível sopro de esperança. Zacarias o recolhe e canta (1,74-75).

Perguntamos: Pode ser real esse mistério de justiça e liberdade que aqui se canta? Não será tudo isso um imenso sonho dos homens? Lucas escreveu dois livros porque quer mostrar-nos que esse sonho existe e é possível consegui-lo. Tal é o conteúdo da história de Jesus e do Espírito no mundo. Desde já, João, aquele que nasceu, é um arauto desse mistério. Disporá o caminho do seu Deus, será um anúncio do Oriente salvador que já se aproxima (1,76-79).

Depois de ter deixado João se preparar no deserto (1,80), Lucas nos conduz a Belém, ao nascimento (2,1-7). Corriam os anos de César Augusto. O mundo era seu e mandara todos virem se inscrever nas listas do recenseamento. José e Maria foram a Belém. E nasce o menino.

Nasce o menino como membro de um império profano deste mundo (Roma). Mas nasce, ao mesmo tempo, em Belém porque descende de Davi e é a expressão da esperança e das promessas do antigo testamento. Nasce sozinho, separado dos grandes caminhos deste mundo, ao lado de um presépio.

Nenhuma palavra da terra pôde manifestar a verdade do nascimento de Jesus. Por isso o anjo do Senhor rompe o silêncio dos céus e começa a suscitar com a sua mensagem um mundo novo. Um mundo que é dom dirigido aos pobres, aos pastores mais perdidos da terra, aos que vivem afastados e não têm um abrigo nas cidades, aos que ignoram os segredos das coisas e estão sós (2,8-20).

> Não temais. Anunciamo-vos uma grande alegria, uma alegria dirigida a todo o povo. Hoje mesmo vos nasceu, na cidade de Davi, um salvador que é Cristo-senhor (2,10-11).

Aqui se centra o evangelho (Lc 2,10: "Vos evangelizamos"). A sua verdade não é a notícia ou a recor-

dação do nascimento de um César ou Senhor dos impérios da terra. Os nascimentos deste mundo passam. Seu valor e sua alegria logo se diluem e se esquecem. Não obstante, o "hoje" da vinda de Jesus perdura sempre; é um hoje que nos conduz àquele Senhor e salvador que nos ajuda e vive, sem cessar, para nós[4].

As palavras do anjo dirigem-se a todos os homens de todas as idades. São anúncio de evangelho, salvação que nunca passa. Nelas se compendia e se resume a mensagem de são Lucas. A salvação de Jesus já não se reduz ao momento da cruz e da páscoa (como em Paulo). A vinda de Jesus, a encarnação do grande mistério de Deus em nossa terra, é força e realidade que salva[5].

O nascimento de Jesus deixa de ser um simples traço do passado. Não é um fato que se perde. Toda a obra de Jesus é verdadeiro "nascimento" de Deus neste mundo. É nascimento a páscoa, a ascensão e a vinda do Espírito na igreja. Por isso, o anjo canta lá no alto:

> Glória a Deus nas alturas;
> e na terra paz ao homem em quem Deus se compraz (2,14).

A glória de Deus e a paz dos homens acham-se unidas para sempre no Cristo. O verdadeiro culto, o sacrifício — glória a Deus nas alturas! — traduz-se como nova realidade humana, como amor de Deus que se estendeu sobre o mundo — e na terra paz ao homem...

Mas continuemos com Lucas. Como a um judeu, circuncidam Jesus, põem-lhe o nome revelado pelo anjo (2,21). Apesar disso, interessa a Lucas centrar todo o destino de Jesus em torno do templo. A salvação

4. Veja-se uma ambientação desta passagem do anúncio dos anjos e sua relação com o culto imperial do helenismo em P. Mikat, *La predicación de Cristo en san Lucas y el culto al emperador:* RevOcc 111 (1973) 267-297.

5. Desta forma, Lucas se aproxima do que será a teologia clássica de João. A tendência a apresentar colocações que João desenvolverá de forma mais extensa é uma linha constante em são Lucas.

de Deus começou a expandir-se a partir do templo (1,15s). Por isso, embora Jesus esteja radicado na Galiléia (anunciação) e em Belém (nascimento), há de subir ao templo e ouvir lá a voz do Pai (2,22s).

A ação começa de baixo: cumprindo a escritura, oferecem Jesus ao Pai (2,22-24). Deus logo responde: O Espírito penetra em Simeão, o expectante ancião, que bendiz a Deus e canta:

> Agora, Senhor, deixa que teu servo vá em paz, segundo disseste; porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste em face de todo o mundo, luz de revelação para as nações e glória de teu povo Israel (2,29-32).

O velho Israel de esperança já pode morrer. Não termina em vão, pois viu o salvador e sabe que agora a sua meta é a glória. Nesse Jesus que é menino se condensam todos os momentos da história salvadora; esse Jesus é a verdade do antigo povo israelita, é irrupção de luz e salvação para as nações.

As palavras do ancião podem parecer sentimentalmente preciosas. E o são, de certa forma. Não obstante, em seu interior, contêm luta, expressam um parto doloroso, dificuldade e morte. Maria é desde agora sinal da igreja que, mostrando o grande mistério de Jesus, suscitou divisão e choque. Só na espada da perseguição, só na dor de um oferecer-se com Jesus por todos, pode-se apresentar o menino como bandeira salvadora para o mundo (2,34-35).

Jesus, o menino, leva em si a verdadeira redenção de Jerusalém (2,38). O homem desse mundo, cresce (2,40) e passa; todavia, a sua verdade e realidade perduram. A sua vida é um mistério. Assim já o entende Maria que conserva tudo no mais íntimo (2,19; 2,51). Assim o mostra a cena de Jesus que, sendo menino, já ensina no templo (2,41-50).

A cena do templo oferece um tema bem preciso. Já dissemos que Jesus menino é para Lucas a expressão

do grande mistério salvador do Pai. É ápice e verdade do antigo povo israelita, é ao mesmo tempo revelação e plenitude para as nações. Tudo o que depois se manifesta no ensinamento de Jesus, o que se exprime na sua ascensão e na vinda do Espírito, encontra-se aqui latente, de uma forma germinal e verdadeira. De algum modo pode-se afirmar que na vinda de Jesus resumiu-se para Lucas toda a revelação de Deus, a salvação do homem.

Em outras palavras, a salvação não é simples efeito de um esforço humano; não é tampouco resultado de uns atos mais ou menos arbitrários. A salvação que nos oferece Jesus é a expressão de uma vinda de Deus, de um agir do Espírito divino. Por isso, o menino é senhor *(kyrios)*, e isto desde o princípio; é o *soter*, aquele que salva, já desde a origem da sua vida. Vem de Deus e é Deus quem salva.

Lucas quis precisar esta verdade com respeito à doutrina de Jesus, pregador do reino, mestre dos homens. A sua sabedoria não é produto de um contato com os sábios da escola. A sua mensagem não é efeito de um pensar ou discorrer do mundo. Sendo menino — doze anos — Jesus sabe. Disputa com os sábios, no templo e os ensina. Poderia afirmar, utilizando palavras de são João: "A minha ciência não provém deste mundo". Certamente, é o saber do Pai que o repleta. Por isso diz a Maria e a José que o procuraram: "Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?" (2,49).

Com isso, já se disse o essencial sobre a infância de Jesus. Sabemos que o menino provém de Deus; sabemos que a sua própria realidade é salvadora, plenitude para Israel, revelação para os povos. Por isso podemos esperar um pouco. Enquanto isso, Jesus cresce (2,52). As cenas que agora seguem repetirão a mesma coisa: Jesus e João, o ponto de partida da mensagem. Mas

agora Jesus e João deixam de ser meninos. Falam-nos de uma forma pública e aberta.

II. A ATIVIDADE DE JOÃO (3,1-20)

A mensagem de João começa com uma datação histórica: "No ano décimo quinto do reinado de Tibério César... a palavra de Deus veio sobre João no deserto..." (3,1.2). Mais do que a exatidão do dado concreto, interessa a Lucas o seu sentido teológico: o fato de Jesus e da igreja é, efetivamente, um elemento novo, mas realiza-se neste mundo, começou num momento bem preciso da história.

João proclama um batismo de penitência, dirigido para o perdão dos pecados (3,3). Busca a conversão, a mudança humana e quer colocar os judeus diante do juízo de Deus que exige uma mudança radical, definitiva. Desta forma situa-se à luz dos profetas, converte-se em voz que clama: preparai-vos! Preparai vossos caminhos porque Deus se aproxima e verão todos a sua vinda salvadora (cf. 3,4-6; citação de Is 40,3s).

Em tudo isso, segundo a velha tradição, João aparece como o precursor de Deus: a conversão que suscitou tenciona dispor para o perdão que se aproxima (cf. 3,3). Mas, ao mesmo tempo, nos ameaça com o juízo: "O machado já está na raiz da árvore..." (3,9). De nada vale ser judeu (3,8), ou apelar para velhos privilégios; o chamado que se estende a todos é o mesmo: demonstrai a conversão com obras (3,8).

A conversão se mostra no serviço aos outros: "Quem tiver duas túnicas dê (uma) ao que não tem; faça o mesmo quem dispõe de alimentos" (3,11). De repente descobre-se agora que ninguém tem coisas para si; ninguém pode se chamar de dono verdadeiro dos seus bens. Converter-se significa pôr o que se tem

ao serviço dos outros, dos que necessitam de mim e são pobres.

Esta atitude de conversão pode encontrar-se também entre os homens que parecem servidores de um estado ou situação injusta (3,12-14). Publicanos e soldados são para Israel a mais viva expressão de uma injustiça: representam a ditadura do dinheiro iníquo ou do poder tirano. E contudo João escuta a sua pergunta e testemunha que também a eles se estende o chamado, sempre que não abusem da lei, da situação, da força (3,12-14), sempre que partilhem o que têm e lhes sobra com o pobre (3,11).

Este chamado à conversão é importante para Lucas. Certamente, não se trata aqui de uma mudança social planejada (revoluções modernas). Todavia, o que pede está mais próximo de uma revolução do que de uma simples mudança sentimental interna. É necessário que a vida não seja simples procura de domínio sobre o mundo, os bens da fortuna e as pessoas. A vida há de se mostrar agora sob a forma de serviço ao outro, na igualdade e na justiça entre os homens.

Desta forma preparou João o caminho que conduz a Cristo: "Eu vos batizo em água. . .; vem aquele que é mais forte; ele vos batizará no Espírito santo e no fogo" (3,16). João é o apelo à penitência e simboliza a preparação do homem que se quer dispor para seu Deus. Nele se refletiu todo o antigo testamento e o seu caminho de justiça e de esperança. Mas toda a sua missão e a sua exigência carecem de sentido se é que Deus não se aproximou. Por isso anuncia:

> Vem aquele que vos dará o Espírito de Deus. . .; aquele que reunirá o trigo no celeiro da glória decisiva (cf. 3,16.17).

A salvação não se resume simplesmente na mudança humana. É necessário que Deus venha, que o

Espírito nos preencha; é necessário receber o dom de Deus, viver no amor de sua presença, no milagre do perdão que oferece. Tudo isso o supõe João quando nos fala que vem aquele que é mais forte, quando prega ao povo dirigindo-o para o Cristo.

Sem necessidade de mencioná-lo, João anuncia o Cristo. Anuncia-o quando fala do perdão de Deus que vem sobre aqueles que fazem penitência (= se convertem). Ao falar assim, são Lucas não quer referir-se apenas a um velho tema da história já passada; é muito mais. Para são Lucas, o apelo do Batista à penitência é um momento do evangelho de Jesus. Sem a conversão, sem a mudança profunda, sem a entrega aos outros... Jesus não vem.

Aqui se podem distinguir os dois momentos da conversão cristã. O primeiro é uma preparação à vinda de Jesus, uma mudança na qual o homem se mostra disposto, modifica-se e aguarda expectante o grande dia de Deus que se aproxima. Desta primeira conversão seria João o verdadeiro protótipo. A segunda já é expressão da graça, a saber, uma procura de viver de acordo com o mistério do perdão já recebido. Dela se fala em todo o evangelho.

Aqui não podemos deter-nos em detalhes. Estamos falando de João como preparação para Jesus e já notamos o sentido que apresenta a sua mensagem. De modo geral, podemos afirmar que ainda hoje ressoa a sua palavra. Se quisermos que Jesus venha a nós, temos de buscar a conversão e a justiça, mesmo que no final nos levem ao cárcere (3,19-20). Tal é o destino do profeta.

Se não passamos pela *conversão de João* — justiça — não poderemos chegar nunca ao Cristo. Poderemos comprazer-nos em palavras sem sentido, em ritos mortos... Só quando se escuta a urgência da mensagem do Batista, quando se cumpre a sua exigência de servi-

ço para com o pequeno, só então se pode compreender o chamado de Jesus, o Cristo.

Utilizando uma linguagem mais moderna, poder-se-ia precisar: a revolução social não é, por si mesma, o conteúdo do reino de Jesus; é ainda antigo testamento. Jesus vai mais além: o seu reino é mais interno, é mais profundo, como graça de Deus em nossa vida. Mas sem esta revolução, sem a justiça que nos leva à igualdade, e sem a ajuda aos pequenos, é utópico pensar que entenderemos algum dia a palavra de Jesus, o Cristo.

O que hoje se chama comumente "teologia da libertação" não é a verdade de Jesus. Mas nem por isso é "acristã". É mais exato chamá-la "pré-cristã". De um modo geral identifica-se com a exigência de conversão de João, em que culmina todo o antigo testamento. Só por ela se pode compreender a palavra de perdão do reino.

A palavra do reino que é um dom de Deus — que é graça — não destrói o anterior (renovação, justiça). Aprofunda-o a partir do plano do amor de Deus, do mundo novo que já refulge, a partir de Cristo. Uma vez ou outra são Lucas voltará a este tema. Por isso quisemos mencioná-lo desde já.

III. A ORIGEM DE JESUS. AS TENTAÇÕES (3,21-4,13)

A unidade redacional formada por 3,21-38 quer precisar, como prelúdio à missão da Galiléia e ao conjunto de todo o evangelho, a dupla origem de Jesus. A sua pessoa e realidade é, por um lado, a expressão do divino (3,21-22); por outro, é resultado da história dos homens (3,23-38).

"Aconteceu que, ao se batizarem todos, também Jesus foi batizado..." (3,21). Assim começa o texto em

Lucas. Parece certo que a antiga tradição se referia a esse batismo de João que Jesus recebeu no começo da sua obra. Mas esse dado já não interessa a Lucas. Por isso, pode começar com uma frase ambígua: "aconteceu que, ao se batizarem todos...". Interessa-lhe o íntimo de Jesus, aquela origem que é divina e que aqui se manifesta.

João falou de Jesus. Situou a sua figura sobre o campo de conversão e de perdão em que se torna compreensível. Por isso, já não importa a sua ação no batismo. Tudo se centrou no mistério de Deus que se revela. "Abriu-se o céu e o Espírito santo desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba" (3,22). Esta vinda do Espírito adquiriu em Lucas extraordinária importância (cf. Lc 4,18; At 10,38). Já sabemos que Jesus procede do Espírito divino (Lc 1,35); toda a sua obra se apresenta aqui como expressão e conseqüência desse Espírito.

O que Jesus realiza não se pode considerar como obra humana. É o mistério e é a força de Deus que atua em sua pessoa. Jesus se acha "ungido no Espírito", diznos o livro dos Atos (10,38). Precisando este dado, o nosso texto do batismo poderia ser traduzido do seguinte modo: "Como pomba que desce, assim desceu o Espírito sobre Jesus e mostrou-se nele de forma corporal". Jesus seria a corporalidade, algo assim como a encarnação do Espírito de Deus.

Seja qual for a tradução, temos de afirmar que Jesus Cristo, guiado e plenificado no Espírito divino, tem, todavia, autonomia pessoal. Por isso pode-se ouvir uma palavra que proclama: "Tu és meu filho, o predileto, em ti pus minhas complacências" (3,22). Jesus não é um autômato, movido de cima. É certo que realiza o mistério de Deus sobre a terra. Mas ao fazê-lo é filho bem concreto. Mais ainda, é homem entre os homens. Só no centro da sua obra, no final do evangelho e no princípio dos Atos, apresentando a subida de

Jesus à direita de Deus Pai e concretizando a vinda do Espírito à igreja, precisa Lucas a mútua implicação e diferença de Jesus, o Pai e o Espírito na mesma história salvadora. Não será demais que aguardemos nós também até lá.

Cheio do Espírito e sendo na realidade o "filho de Deus Pai", Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, um homem entre os homens. Para mostrá-lo e manifestar em paralelo a dupla origem do seu Cristo, apresenta-nos Lucas a sua grande genealogia (3,23-38). Sendo israelita, filho de Abraão (3,34) e de Davi (3,31), Jesus será, ao mesmo tempo, um homem aparentado mediante Adão com todos os seres humanos (3,38). Por isso a sua obra salvífica abrange judeus e gentios.

Ao apresentar a linha humana de Jesus e ao situá-la ao lado da sua origem celestial (Pai, Espírito), Lucas assinala esse duplo plano em que se move Jesus o tempo todo. A verdade do que aqui está contido só se pode mostrar plenamente no final do seu caminho (ascensão); mas deve-se levar em conta desde agora.

Poderia parecer-nos que com isso chegamos a conhecer toda a profundidade da obra de Jesus e já podemos começar com o seu evangelho. Poderia parecer, mas não é exato. Entre Deus e o homem, confrontado com Jesus, move-se o terceiro ator do drama. O seu nome próprio é "tentador", o diabo.

Por isso, como o fez Mateus, Lucas acaba de anunciar os atores da obra de Jesus, quando apresenta o diabo (4,1-13). As suas tentações não são algo que se deu somente no princípio, embora à primeira vista nos pudesse parecer que o texto assim o indica (4,13). Estando aqui no prólogo, as tentações são como que uma nota que ressoa em todo o evangelho: vindo de Deus e sendo um homem, Jesus derrotou o poder do mal[6].

6. Cf. J. Dupont, *Les tentations de Jésus dans le récit de Luc (Lc 4,1-13)*: ScienEccl 14 (1962) 7-29.

A tentação do Cristo é, no fundo, o risco do poder do mundo. O risco do pão como verdade definitiva (4,3-4). O perigo de se deter no poder da política ignorando o mais profundo resplendor do reino (4,5-8). O risco é finalmente a confiança no milagre, na verdade já possuída, na bondade da nossa própria atitude já formada (4,9-13).

Contra todos esses riscos lutaram a história de Jesus e os cristãos (igreja). A verdade não é um poder que nos concede o pão do mundo, nem a força de um estado, nem tampouco a confiança na justiça pessoal, que obrigaria Deus a fazer milagres. Todas essas coisas são em Lucas riqueza da terra. Superando-as, apresenta o seu evangelho a autêntica riqueza de Deus e do seu reino. Descobrir e conceder essa riqueza é a missão do Cristo e é o lema de vida dos cristãos.

Vamos resumir o que foi dito. Sobre o pano de fundo da esperança do antigo testamento e preludiado no apelo à conversão feito por João Batista, Cristo se apresenta. É homem e, ao mesmo tempo, é o efeito (é obra) do Espírito divino. De tal modo provém de Deus que o próprio Pai chamou-o para sempre "filho".

Certamente, ainda não sabemos o que será o menino que nasceu. No entanto, já se definiram os traços decisivos da sua vida: com ele vai se cumprir o que tem de verdade o grande apelo à penitência do antigo testamento e do Batista. Mais ainda: Jesus derrota o diabo.

João resumiu a sua missão dizendo: "Ele vos batizará no Espírito santo e no fogo" (3,16). Sem dúvida, Jesus tem como próprio o Espírito divino; por isso pode dá-lo, inundar os homens com sua força. Com isso se preludia todo o tema de são Lucas e até o próprio livro dos Atos. Porque possui o Espírito de Deus, Jesus nos julga; na sua verdade podemos descobrir se somos trigo de celeiro ou só palha que se usa para o fogo (3,17).

Vamos entrar, com isso, no relato propriamente dito das obras e palavras de Jesus (cf. At 1,1) e já sabemos que aquele reino que existe para sempre é de Jesus. Como sabemos que Jesus é salvador, senhor do mundo (cf. Lc 1,33; 2,11). Conhecendo isso, podemos passar à missão da Galiléia.

2.

MISSÃO NA GALILÉIA
(4,14-9,50)

I. INTRODUÇÃO

> Com o poder do Espírito, voltou Jesus à Galiléia. E a sua fama se espalhou por toda a região. E ensinava nas suas sinagogas, sendo glorificado por todos (Lc 4,14-15).

Mais do que um resumo do que segue, estas palavras constituem como que a base de toda a estadia missionária de Jesus na Galiléia; apresentam o contexto da ação e da sua mensagem. A introdução mais detalhada da obra de Jesus aparece em 4,16-30. Ali se mostra que a mensagem foi dirigida ao povo israelita, assinala-se seu fracasso e insinua-se a missão entre as nações. Não obstante, ainda falta alguma coisa. Em 4,16-30 é só Jesus que dirige a grande mensagem; nos capítulos seguintes se irá vendo que à sua obra se unem os discípulos. Com isso já traçamos os temas primordiais desta parte de Lucas (4,14-9,50):

1. Jesus revelou-se em obras e palavras, de tal forma que os homens já podem chegar a confessá-lo como messias;

2. contudo, sua mensagem não convence plenamente em Israel. De certo modo há um fracasso. Mas é

preciso que mostremos, ao mesmo tempo, um lado positivo: Jesus acha-se aberto de verdade para as nações;

3. como preparação para a sua obra missionária entre os homens, Jesus associa à sua tarefa uns discípulos. Quando entendem o seu segredo e já o confessam messias (9,20), parece que termina esta secção do evangelho.

A confissão dos discípulos suscita um novo movimento. Assim o mostra o fim da missão na Galiléia (9,21-50). O caminho de Jesus conduz ao sofrimento; nele vêm associar-se os que o admitem e o confessam. Desta maneira encerra-se a missão. Teve seus frutos, embora tenham sido evidentemente muito pequenos. A partir daqui abre-se o caminho da nova grande secção (de 9,51 até o final do evangelho): a subida que, tendendo para Jerusalém e o calvário, continua e leva à ascensão de Jesus Cristo ao Pai.

A secção de que tratamos (4,14-9,50) apresenta um fundo muito mais histórico do que a anterior (1,5-4,13). Até aqui se podia afirmar que o predominante era a fé, fé em Jesus que é homem da história, mas deve ser entendido dentro do contexto de Israel, da tradição sobre o Batista e da obra de Deus que se atualiza. Também agora nos fala a fé; mas existem recordações históricas mais fortes, há palavras e gestos que remontam ao testemunho preciso que ofereceram de Jesus os seus seguidores mais antigos.

Podemos afirmar que aqui se oferece uma "história interpretada". Trata-se de uma história que, nas suas linhas gerais, pertence à mensagem original em que se funda a realidade da igreja (cf. At 10,37-38). Mas é uma história que só se revela por Jesus (o *kyrios*) e se apresenta em forma de caminho para a confissão de Jesus como messias, à maneira de seguimento desse Jesus já confessado.

Por tudo isso, nas páginas que seguem não queremos nos deter em detalhes sobre o fundo e o valor histórico de um fato ou de uma sentença. Importa-nos sobretudo mostrar com Lucas o sentido de Jesus como messias. Só assim se poderá depois apresentar o valor do seu caminho, no Espírito, para a morte e a glória.

II. NA SINAGOGA DE NAZARÉ (4,16-30)

> Veio a Nazaré onde fora criado e, segundo o seu costume, entrou na sinagoga em dia de sábado... (4,16).

Assim começa uma das mais extraordinárias narrações evangélicas. Tomando o rolo de Isaías, solenemente, Jesus recita umas palavras antigas:

> Sobre mim (veio) o Espírito do Senhor;
> por isso me ungiu.
> Enviou-me a anunciar a boa nova ao pobre,
> a proclamar a liberdade dos cativos,
> (a dar) a vista ao cego, liberdade ao oprimido,
> a proclamar um ano de graça do Senhor
> (Lc 4,18-19; cf. Is 61,1-2; 58,6).

A pregação de Jesus, em Marcos e Mateus, começou com palavras bem diferentes. "Convertei-vos, porque se aproxima o reino dos céus" (Mt 4,17; cf. Mc 1,14-15). Dizendo isso, parecem ser mais fiéis à velha tradição. Lucas, por sua vez, apresentou a urgência da conversão com o Batista. Por isso, aqui, no princípio da ação de Jesus, preferiu apresentá-lo como "graça": "Hoje se cumpriu esta escritura diante de vós" (4,21).

Em outras palavras, Lucas não quis começar dizendo-nos que o seu Jesus anuncia o reino. Prefere fazer-nos ver desde o princípio que o reino é a verdade,

a realidade do Cristo. Jesus vem e manifesta o conteúdo da sua vida interna. Este é o centro.

O reino já não é mais a meta de um futuro ao qual tendemos. O reino é a verdade, a novidade do mundo que suscita ao seu redor o Cristo. O que aqui Lucas nos diz de uma forma tímida, constituirá o centro do evangelho de João; o seu tema será sempre o mesmo: a auto-revelação de Jesus que se mostra como a verdade, a vida e salvação que vem de Deus para os homens.

Lucas não se refere aqui a uma redenção ou liberdade para o futuro (o fim do mundo). Jesus é "hoje" a boa nova, é graça e liberdade para os homens. Voltamos a encontrar o mesmo "hoje" do anúncio dos anjos (2,11). Jesus se transformou na expressão, na verdade do evangelho que já modifica os homens desde agora, lhes concede uma verdade e salvação que são caminho que não acaba.

Jesus apresentou-se como o cumprimento das antigas profecias, a realidade do reino. As suas palavras suscitam diferentes opiniões. Por outro lado, não é fácil interpretar o que nos diz o versículo 22: "E todos deram testemunho dele". Em que sentido? Aceitam a sua declaração? Rejeitam-no talvez, porque se apóiam na sua origem que é humana? (cf. 4,22). De qualquer forma, é inútil buscar a exatidão histórica do fato; além disso, tampouco devemos deter-nos nestas palavras isoladas de Lucas. O que se narra é a repulsa que Jesus encontra em Nazaré, sua terra; a repulsa de Israel que o negou e que se opõe à marcha missionária da sua igreja. A partir desse pressuposto podem-se entender as palavras de Jesus, que respondeu precisando a sua atitude.

O destino de Jesus ficou iluminado à luz do antigo provérbio: "Ninguém é profeta em sua terra" (cf. 4,24). Jesus oferece salvação completa (4,18-19) e os seus conterrâneos só querem milagres bem visíveis (4,23), situando-se assim naquela linha do diabo que

vimos (cf. 4,1-12). Desta maneira, repetem-se outra vez os fatos de uma velha história: certamente havia muita urgência de ajuda em Israel nos tempos de Elias e Eliseu, e no entanto os profetas foram enviados a oferecer a salvação a uns gentios (4,25-27).

A cena está bem clara: Jesus, profeta rejeitado pelos seus, dirige-se para os gentios. Assim o entendem os seus conterrâneos e pretendem precipitá-lo do monte.

Tirada do seu contexto original (cf. Mc 6,1-6) esta cena serve em Lucas de resumo da sua obra. É um resumo da nossa secção (4,14-9,50) porque apresenta Jesus como evangelho, como graça salvadora que se oferece a todos. É um resumo do caminho que nos leva de 9,51 até o final: sua terra não o aceita e o seu apelo missionário se transforma em subida para a morte. Finalmente, em Atos revela-se o sentido salvador desse caminho: aquele Jesus rejeitado em Nazaré (por Israel) se nos apresenta como salvação universal, ajuda para todos os perdidos das nações.

Nesta cena se condensa a teologia de são Lucas: o antigo testamento em que se oferece o testemunho da graça que se aproxima; a palavra e obra de Jesus que nos transmite a salvação; e a resposta humana, negativa (em Israel) ou positiva (alguns de Israel e muitos das nações).

Israel quer matar Jesus e destruir a sua obra. Aflige-o. Este é o tema de grande parte do livro dos Atos. Mas como também nos Atos, Israel não pode fazer a igreja se calar... assim também aqui não conseguiram fazer com que o Cristo se cale.

III. RESUMO DA ATIVIDADE DE JESUS (4,31-44)

Na cena de Nazaré Lucas resumiu o sentido da obra de Jesus, a sua manifestação em Israel e os efeitos da rejeição do seu povo. Continuamos a ler o evange-

lho e observamos que Jesus se encontra só. Não começa chamando uns discípulos. Nada teria para oferecer-lhes. Por isso começa apresentando a sua verdade; ensina e cura (4,31-44).

O nosso texto mostra uma estrutura claramente estilizada, quiástica:

a) Jesus ensina e a sua doutrina está repassada de interna autoridade, em força da qual se mostra verdadeira (4,31-32);

b) assim o mostra ao precisar-se que Jesus se defronta com o diabo que domina um homem. O diabo deve confessá-lo "santo" e é obrigado a abandonar o seu possesso (4,33-37);

c) no centro do relato se nos diz que Jesus cura a sogra de um tal Simão que se supõe conhecido (4,38-39);

bb) depois afirma-se que Jesus cura um grande número de enfermos; o relato se centra, no entanto, nos possessos que, confessando-o como antes, se vêem livres da sua opressão (4,40-41);

aa) termina o texto apresentando Jesus que, no deserto, não dando ouvidos aos rogos daqueles que o querem conduzir de novo aos milagres, decide-se a pregar o reino e o proclama de sinagoga em sinagoga (4,42-44).

No centro do relato está a cura da sogra de Simão (Pedro). Aos seus lados encontra-se a luta e vitória de Jesus sobre o demônio. Nos extremos, abrangendo tudo, como sinal e sentido da sua atividade, se nos fala do ensinamento: um ensinamento cheio de autoridade (4,31-32), uma mensagem em que se anuncia o reino (4,43-44). Desta maneira, fazendo seu um esquema narrativo que lhe oferece Marcos (Mc 1,21-38), Lucas condensa os diversos aspectos do agir de Jesus, a quem

os diabos chamam "santo de Deus" e reconhecem como o Cristo (4,34.41).

A atuação de Jesus oferece três aspectos. O mais importante é o ensinamento, que se encontra no princípio e no fim deste relato: Jesus esclarece para os homens o caminho que conduz ao reino. Mas um ensinamento que não fosse mais do que simples palavra de esperança ou de consolo não poderia demonstrar-se verdadeiro. Por isso, é preciso que haja autoridade, deve haver domínio nele; quer dizer, as próprias obras de Jesus hão de mostrar que a sua palavra é verdadeira. Assim acontece: cura o enfermo, vence o mal daquele que se acha oprimido pelo diabo.

Quando apresenta em Nazaré os aspectos da sua obra, Jesus diz:

> O Espírito de Deus... enviou-me para evangelizar os pobres, para proclamar a liberdade dos cativos, (para dar) a vista aos cegos... (4,18s).

Pois bem, aqui se cumpre essa palavra. O reino que proclama, o ensinamento que ministrou não se refere a um problemático futuro. Jesus começa a ser já desde agora, em suas palavras e gestos, o sinal da verdade e liberdade para os homens.

Certamente, Lucas não duvidou de que o Cristo tenha feito milagres. Por isso os relata. Não obstante, já não lhe importa o milagre como um fato que passou. Interessa-lhe ver o gesto de Jesus como expressão de uma vitória sobre o mal e como sinal de uma nova realidade que agora começa e que se chama "reino". Só se na vida e nas ações de Jesus começar a transparecer a verdade do reino, a sua palavra poderá se tornar crível.

Aqui não podemos avaliar a atividade de Jesus. Talvez estejamos longe demais para entender bem o que então implicava a cura dos enfermos, a expulsão dos demônios. De qualquer modo, é preciso assinalar

que em Lucas o próprio "ensinamento de Jesus" se manifesta como força que liberta: mostra o sentido da vida, manifesta o poder cabal da existência e nos conduz para o amor do reino que não tem fim. O seu ensinamento é um poder de liberdade; não quer escravizar ninguém, não se mostra como medo e sujeição. Abre-nos para o futuro, a verdade e nos prepara para um tipo de vida mais autêntico, sem enfermidade que nos acorrenta, sem demônio como medo que atormenta, como alienação que nos sacode interiormente e nos desliga de nós mesmos.

Lucas diz, neste esboço da obra de Jesus, que o mal do mundo pode ser vencido. Que se deve superar o que se opõe à vida autêntica do homem, o que fecha os caminhos que nos levam para o reino. Isso não implica que se chegue a suprimir o sofrimento e a morte. Ao contrário. Depois de nos haver conduzido ao segredo do reino (4,14-9,50), dirá Lucas que entender Jesus Cristo significa caminhar com ele para a morte que nos abre o mistério da vida. Disso trataremos depois.

IV. JESUS E OS DISCÍPULOS (5,1-11)

Já conhecemos a sogra (4,38-39). Agora Jesus sobe à barca de Simão e ensina no lago. Depois manda que entrem na água mais funda e lancem as redes. Inútil, lhe dizem. Hoje não há peixe. Jesus insiste e eles obedecem. A pesca é prodigiosa. Simão, a quem agora já se dá o nome de Pedro, está fora de si e diz a Jesus: "Afasta-te de mim, que sou um pecador" (5,8). Seus companheiros sentem a mesma impressão. Jesus responde a Pedro: "Não temas; de agora em diante serás pescador de homens" (5,10). E os pescadores — Pedro, João, Tiago — deixam tudo e seguem o mestre[1].

1. Um estudo exaustivo sobre o tema em R. Pesch, *oc.*, De modo especial p. 64s e 111s.

Tal é o relato da história. À sua base existe, certamente, um conteúdo antigo; é o que se pode deduzir ao compará-la com Jo 21,1-14. Não obstante, seria muito difícil precisar o que é recordação primitiva, o que foi resultado da evolução das tradições e o que acaba sendo efeito da atividade literária e redacional do evangelista. Além do mais, isso aqui interessa pouco. O que importa é o que Lucas quis transmitir: uma verdade permanente da igreja.

Até então Jesus estava sozinho. Suas palavras e seus milagres foram sinal do poder da sua pessoa. Agora chamou em torno a si alguns homens. Ainda não podemos precisar o que procurou neles, nem sabemos totalmente o que vai lhes pedir. Mas já vimos o que será a sua verdadeira função no futuro: a tarefa desses homens concretiza-se no "seguir a Jesus Cristo"; a sua função é uma "pesca", um prodigioso chamar e convocar as pessoas.

A pesca no lago resumiu para Lucas toda a atividade de Simão Pedro e seus amigos. Jesus já não está mais só. A sua palavra, que por um momento teve o caráter de discurso dirigido de forma direta aos homens que o escutam, converte-se em voz que chama através de intermediários. Jesus envia Simão e seus amigos; envia-os a um lago de águas malsãs, enigmaticamente vazias de peixes. Apesar de tudo, à voz do mestre e superando toda falta de esperança será preciso lançar as redes. A pesca é milagrosa. Lucas introduz nela o grande conjunto de judeus e gentios que por meio de Pedro e dos seus vieram escutar e receber a voz de Cristo.

Lucas precisará mais tarde: Jesus envia os seus discípulos; dirige a missão deles por meio do Espírito. Mas esta obra missionária não é sem mais um gesto do futuro. Está fundada naquele Jesus que chama os discípulos. Encontra-se como que em germe — num sinal abrangente — no milagre da pesca milagrosa. Assim se anuncia todo o livro dos Atos. Visto em profundidade,

o tempo da história de Jesus inclui e simboliza o tempo da igreja.

Até aqui Jesus se achava sozinho. Doravante acompanham-no de maneira incessante os discípulos. Para Lucas, os discípulos não são primariamente o tipo e o exemplo do crente. Isso foi em Marcos e Mateus. Aqui o discípulo começa a ser testemunha, mensageiro e enviado de Jesus, como depois se mostrará já abertamente no livro dos Atos.

Toda a nossa secção (4,14-9,50) está marcada por apelos de Jesus a seus discípulos. Começou em 5,1-11 com a pesca, o convite de Jesus a Pedro e o seguimento dos três homens mais fiéis (cf. 8,51 e 9,28). Segue-se a eleição dos apóstolos, os doze, que, contra Mateus e Marcos, foram escolhidos dentre um grupo mais amplo de discípulos (6,12-16). Depois se diz que esses doze acompanharam Jesus pelos caminhos, foram testemunhas da sua vida (8,1-3) e logo se converteram em arautos, enviados a anunciar o reino (9,1-6). O chamado de Jesus encontra sua resposta na palavra de Pedro que confessa: tu és o Cristo (9,20).

Tendo isso em conta pode-se afirmar que toda a secção (4,14-9,50) está centrada na mensagem de Jesus que, ao revelar-se, reuniu em torno de si uns seguidores. O perdão que oferece, o reino que anuncia, suscita um movimento de aceitação. Seguem-no. E mais: não apenas se pode falar de discípulos que seguem, mas também de uma missão que Jesus lhes confia já de forma germinal desde o princípio. Diz a Pedro: "Serás pescador de homens" (5,10). E quanto aos doze, envia-os a proclamar o reino (9,1s) e reúne-os ao seu redor na confissão crente (9,18-20).

Ao terminar esta secção Lucas nos abre uma perspectiva nova. Por um lado, coloca os discípulos no caminho do seguimento, que é subida para a morte e para a própria plenitude (glória divina). Por outro, envia os doze e depois os setenta e dois, que são um sinal

de todos os missionários da igreja universal. Manda-os proclamar já a sua chegada (10,1-12); seguem o mestre e anunciam a sua mensagem.

V. PERDÃO DE DEUS E SUPERAÇÃO DO JUDAÍSMO QUE SE FECHA (5,1-6,16)

Repetimos, embora seja apenas de forma metódica, a cena da pesca milagrosa (5,1-11). A razão é simples: Lucas quis apresentar um aspecto novo da mensagem de Jesus e enquadrou-o no apelo que dirige aos discípulos (5,1-11 e 6,12-16). No meio situa-se um tema duplo: Jesus perdoa os pecados e supera a estrutura fechada de Israel. A missão dos discípulos encontra assim um sentido: continua o gesto libertador de Jesus Cristo.

Jesus perdoa (5,12-32). A sua ação apresenta um ritmo tríplice: começa sendo a limpeza legal de alguém que está efetiva e corporalmente manchado (5,12-16). Segue sob a forma de perdão dos pecados de um enfermo (5,17-26). Termina como apelo aos perdidos, marginalizados, pecadores (5,27-32). Vamos aos detalhes.

Jesus cura um leproso (5,12-16). A palavra que se emprega é clara: "Fica limpo" (5,13). Evidentemente há um milagre. Não obstante, o centro do relato não se encontra aqui no fato físico. Jesus acrescenta: "Mostra-te ao sacerdote e faze a oferenda por tua cura, como ordena Moisés" (5,14).

O leproso achava-se excluído do povo de Israel. Era um manchado e não podia tomar parte na liturgia de oração, na alegria e nas festas. Era um homem marginalizado religiosa e socialmente. Estava só, sem direitos, longe dos povoados e dos caminhos, como exemplo e testemunho de um pecado, maldição patente.

Jesus se aproxima e diz: "Fica limpo". Evidentemente, estas palavras têm eficiência. O leproso fica são e se apresenta ao sacerdote. Mas a voz de Jesus é mais profunda. Chega até às entranhas daquele homem maldito e declara-o limpo. Ele já tem o perdão que Deus oferece e não poderá doravante ser marginalizado.

A comunidade de Jesus não está fechada para ninguém. A sua palavra de perdão abrange todos, chega até esse extremo em que poderia parecer que Deus se esquece dos seus leprosos, marginalizados e perdidos. Jesus se aproxima e chama[2].

O que aqui se pressente já aparece claro no perdão do paralítico (5,17-26). Movidas pela fé mais ousada, umas pessoas vêm colocar diante de Jesus um paralítico. A multidão o rodeia. Os fariseus e escribas, peritos no ensino da lei, observam (5,17). Jesus também ensina (5,17). Superando a posição de Israel que declarou que o leproso é um impuro e que o perdão dos pecados corresponde só a Deus e portanto é impossível aqui na terra, Jesus diz: "Homem, os teus pecados te são perdoados" (5,20). Evidentemente, os doutores de Israel protestam: consideram blasfêmia esta palavra. O perdão é um poder unicamente divino! Ninguém na terra é seu dono! Por isso estão contra Jesus. Jesus não quer discutir com eles. Basta-lhe mostrar um sinal: "Para que vejais que o filho do homem tem na terra poder de perdoar pecados... — diz ao paralítico: — levanta-te, pega o teu leito e vai para casa" (5,24).

Com a sua ação e suas palavras Jesus se arrogou uma autoridade divina. A obra que realiza não é uma mera tarefa terrena: oferece o grande perdão, perdão de Deus e mostra com seus gestos que é verdadeiro aquilo que proclama. Por isso pode dar um passo

2. Para uma análise do texto da cura do leproso ver H. Zimmermann, *Los métodos histórico-críticos en el nuevo testamento*, Madri, 1969, 261-267.

adiante e participa numa mesa de amizade com publicanos, pecadores e perdidos (5,27-32).

Jesus deu o primeiro passo. Chama Levi e lhe diz: "Segue-me" (5,27). Levi é um publicano, homem que engana, que oprime os outros com o dinheiro injusto. Jesus convida-o a ser seu amigo. Mais ainda: senta-se no banquete da sua mesa. Os comensais são pecadores, publicanos. Jesus está perdido!, afirmam os fariseus legalistas (5,30). Mas Jesus responde com palavras bem precisas: "Não vim oferecer a conversão aos justos mas sim aos pecadores" (cf. 5,32).

Agora se compreende plenamente o que disse Jesus ao paralítico. O filho do homem tem poder de perdoar os pecados (5,24). Não só isso: toda a sua missão e a sua pessoa se condensa neste oferecimento do perdão. Os fariseus têm razão ao protestar. Têm razão porque toda a sua existência religiosa se fundava na exclusão, na separação de uns homens dos outros. Agora observam com terror que as barreiras caem.

Cai a barreira da pureza legal e convida-se o leproso à limpeza e se lhe oferece um lugar nessa nova ordem que Jesus nos anunciou. Além disso, cai o sagrado, o mais sagrado cerco que criaram em torno de si os santos: Jesus vem a Levi, aos publicanos. Assim se alcança o autêntico sentido do milagre. A cura externa do leproso ou a do paralítico não foi mais que um sinal, um ensinamento. O que importa é o chamado pessoal, interno e absoluto: "Fica limpo!"

A expressão "fica limpo" acha-se unida a uma palavra clássica: "Os teus pecados te são perdoados" (5,20). Jesus oferece essa palavra como dom de Deus, dom que vem e se reparte a todos. Jesus a busca como um novo caminhar do homem, um renascer no qual tudo, absolutamente tudo muda.

Como vimos, isso colocou Jesus em confronto com o antigo judaísmo. Nos relatos que agora seguem, Lucas o explica com palavras da velha tradição que re-

monta até Jesus e com recordações e experiências da igreja que se viu obrigada a superar o judaísmo. Sendo algo que é novo, absolutamente novo (5,33-39), a verdade e salvação que Deus nos ofereceu não pôde ficar encerrada nas fronteiras de um mero legalismo israelita (6,1-11).

A verdadeira realidade que Cristo nos apresenta é um milagre sempre novo. Por isso, seus discípulos não podem estar tristes, nem jejuar com os judeus (5,33-35). Vivem a constante alegria das bodas, movem-se num clima de contínuo regozijo, de perdão dos pecados, de milagre. Certamente virão tempos de tristeza e os irmãos terão de iniciar-se no jejum (5,35); mas isso é um futuro e um futuro que aqui não se precisa. O presente da igreja é a alegria do perdão e das bodas.

Esta alegria do perdão, a novidade da palavra de Jesus traduz-se em duas sentenças paralelas: ninguém pega um pano novo e o coloca numa roupa velha; ninguém põe um vinho forte e poderoso em odres velhos, carcomidos (5,36-38). O pano do vestido que Jesus nos oferece é resistente, duradouro. O vinho é enérgico, internamente fervente. Por isso, é necessário fazer uma roupa nova; ninguém pode se conformar com remendar a velha. É preciso agora estreiar os odres[3].

O chamado de Jesus, o perdão que oferece a todos, a vida que se expande da sua própria atitude e sua pessoa são a nova realidade, são um começo que não deve agora fracassar por causa de compromissos. Por isso, é necessário superar as fronteiras que o judaísmo traçou, rasgar novos caminhos e encontrar moldes que sejam adequados.

Como símbolo desta superação do judaísmo contaram-se as histórias sobre o sábado (6,1-11). Ninguém pode derramar o cristianismo dentro do velho odre do sábado guardado de uma forma legalista, porque é o fi-

3. O v. 39 acha-se aqui fora de contexto: cf. K. H. Rengstorf, *o.c.*, 80.

lho do homem quem tem autoridade sobre esse dia (6,5); porque o homem tem a primazia, e fazer o bem é sempre o ponto de partida, o que tem a maior importância (6,9-11).

Sem dúvida, os escribas e fariseus se opõem (cf. 6,7.11). Opõem-se porque julgam que a lei vem primeiro, porque querem transformar a mesquinhez de suas próprias seguranças e pressupostos, normas e divisões, no ponto de partida sempre necessário e absoluto. Diante deles, Jesus se apresentou como sinal do perdão de Deus que se ofereceu de maneira universal; sinal de um perdão que é graça e rompe as fronteiras e se apresenta onde ninguém o esperava. Evidentemente, os escribas e fariseus que pensavam conhecê-lo e dispor dele todo sentem-se surpreendidos e incomodados. É esta mesma história que Lucas contará mais vezes ao falar-nos da igreja no livro dos Atos.

Neste perdão de Jesus se concretiza a solene palavra de auto-apresentação que Lucas situava em Nazaré da Galiléia: "Hoje cumpriu-se esta escritura..." (4,21). A escritura é aquela que anuncia o perdão e salvação dos que estavam afastados, esquecidos e perdidos. Este é o perdão que agora proclamam e levam para o mundo os discípulos de Cristo (cf. 24,47). Por isso estão aqui, em torno desta cena. Está aquele Pedro, que terá o ofício de "pescador" (perdoador) de homens (5,1-11). Estão os doze, eleitos entre tantos, esses doze que serão testemunhas do reino que se aproxima (9,2) e arautos do perdão que se promete (24,47). Com isso entramos, quase sem querer, no tema seguinte.

VI. O SERMÃO DA PLANÍCIE (6,12-49)

> Sucedeu naqueles dias que Jesus subiu ao monte para orar...; e quando se fez dia chamou os seus discípulos e entre eles escolheu doze, a quem chamou apóstolos (6,12-13).

Jesus conduziu seus discípulos ao monte, que é lugar de oração (encontro com Deus e seu mistério), lugar do chamado e decisão para o serviço. Lá, entre todos os que estão no alto, escolhe doze, aqueles que quer, e os batiza com a sua nova missão e com seu nome: são apóstolos, os núncios de Jesus neste mundo. O que ensinam? O que transmitem?

A primeira coisa que Jesus realiza com os seus é "descer da montanha", ir ao encontro dos homens que o esperam na planície.

Jesus situou-se na planície; ao seu redor estão os doze, o grupo inteiro de discípulos e o povo, esse grande povo que incessantemente espera em sua palavra e seus milagres. Nesta cena Lucas manifestou a estrutura do mistério salvífico do Cristo e da sua igreja. Tudo procede de Jesus, que está no centro, passa através dos apóstolos e fiéis (os discípulos) e é força salvadora para aqueles que se acham dominados pelo mal, endemoninhados.

E agora, neste cenário solene, a palavra de Jesus se concretiza e converte-se de fato em "evangelho para o mundo". "Fixando os olhos em seus discípulos, disse" (6,20). Assim começa a sua mensagem. Discípulo de Jesus será aquele que cumpre as palavras que aqui se pronunciaram; apóstolo, a testemunha de sua força e seu poder entre as nações. O mundo, o mundo inteiro, espera ser curado, está escutando.

A mensagem de Jesus ao mundo não começa sendo um ensinamento moral, nem é um conjunto de doutrinas. É, antes, uma proclamação absolutamente nova, internamente paradoxal:

> Felizes sois vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus;
> felizes os que agora estais famintos, pois sereis saciados;
> felizes os que estais chorando, pois haveis de rir;
> felizes sereis quando vos odiarem... (Lc 6,20-22).

O que aqui se proclamou é um mistério de graça e de bondade que supera todo o antigo equilíbrio religioso dos homens. Os pequenos, os famintos e os pobres, os que choram, já têm o reino de Deus, têm a vida. Têm a vida e são felizes, não em si mesmos — por serem pobres ou pequenos e perdidos. São felizes porque Deus se aproxima, porque vem, e veio, em Jesus Cristo. O pobre não é "rico" simplesmente em sua pobreza; é rico nessa nova e decisiva transparência de sua vida que se torna, a partir de Deus, fartura, gozo e recompensa.[4]

Esta "proclamação de Jesus" mostra-nos que a vida dos homens tem uma dimensão oculta, uma profundidade que não se percebe simplesmente a partir do mundo. Por isso, aquele que busca somente a riqueza da terra, o êxito aparente e o gozo externo, nunca pode compreender a força de Jesus e sua palavra: "Vossa recompensa é grande nos. céus" (6,23). Não se refere aqui a um futuro no qual alcança o prêmio aquele que sofre neste mundo. Fala-se de um presente; de um presente de riqueza verdadeira dos pobres, dos famintos, dos que sofrem. Mas é um presente que não exprime o que existe por si e para sempre. Esse presente é a verdade do reino que Jesus oferece e que nos traz.

Isto nos situa no centro da obra de são Lucas. A pobreza não é aqui simples miséria. Por isso é rico o fariseu que se apóia em suas ações ou em suas leis. Como é rico aquele que coloca como base e garantia da sua vida a abundância dos bens materiais. Pobre é o que pede; o que se abre para Deus e chama. Pobreza significa, num segundo momento, "aceitar a lei do reino", trabalhar pelos outros, entregar vida e riqueza pelos pobres.

4. Cf. J. Dupont, *Les béatitudes*, Bruges, 1958.

Tais são as reflexões de tipo mais concreto que são Lucas elabora em seu evangelho e no livro dos Atos. Não obstante, não podemos esquecer nunca a torrente de graça e novidade que se respira nas palavras iniciais: "Felizes sois vós, os pobres..." Sim, os pobres de todo tipo e de todo credo, os que se movem perdidos pelos caminhos mais estranhos da terra, todos, todos, são aqui benditos, porque o reino se ofereceu e chega a todos, porque vem em forma de perdão e de riqueza verdadeira, de abundância e gozo.

Mas a graça do reino que Deus concede aos que o buscam, traduz-se nos que chegam a encontrá-lo, na exigência de um dom ao irmão. Sendo o reino um dom que Deus concede, o reino nos converte em "dom" para os outros. Aquele que entende a primeira parte "Felizes vós, os pobres..." não precisa de muitas palavras para chegar até à profundeza do que vem depois: "Amais vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam" (6,27). "Não julgueis e não sereis julgados" (6,37).

A lei da pobreza do reino concretiza-se no amor ao inimigo, que são Lucas nos repete de uma forma solenemente nobre (6,27s; 6,35) e nos explica com exemplos (6,29-34). A conversão, que era no princípio (Lc 3,7s) a mudança humana necessária nos que buscam a chegada de Deus e do seu reino, explicita-se aqui a maneira de expressão e conseqüência do perdão já concedido. No princípio está a graça, expressa nas bem-aventuranças, está Deus que nos perdoa e nos oferece o seu mistério. A conversão para o amor será a conseqüência, a visibilidade desta graça recebida.

Certamente, o amor que aqui se pede não é apenas o amor ao inimigo. Mais que uma definição, oferece-se aqui uma nota dominante, como um fundamento de sentido do amor dos cristãos. Trata-se simplesmente de se achar disposto a dar sem esperar as conseqüências, a oferecer e conceder o que se tem sem

nada pedir como recompensa. Aqui, neste serviço total aos outros, realiza-se cada dia a autêntica pobreza que nos pede (nos oferece) o reino.

Mas o amor é mais do que dar. É respeitar o outro. Por isso se nos diz: não julgueis (6,37-42). Não, o homem não tem o direito de exigir ou de obrigar o outro. "Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e vos será perdoado; dai e vos será dado..." (6,37-38). Nestas palavras chegou-se a superar toda dialética e conflito entre os ricos e os pobres. Dai e perdoai, se diz a todos. E no mesmo instante em que fossem cumpridas estas palavras deixaria de haver ricos, deixaria de haver pobres. Tudo já seria de todos. Porque o dono verdadeiro da posse do rico é agora o pobre, aquele que necessita. Porque o centro da vida dos homens se alterou: o centro são os outros. Só desta forma começa a revelar-se sobre o mundo, segundo Lucas, o rosto de Deus Pai. "Sede compassivos, como vosso Pai é compassivo" (6,36).

Foi esse o conteúdo do sermão da planície em Lucas. O ensinamento de Jesus se condensou para sempre. Já se manifestou o sentido da sua obra. A partir daí adquirem sentido as palavras e os gestos de Jesus, todas as obras da igreja. Aqui se determina a solidez da boa árvore que oferece o fruto autêntico (6,43-46). Esta é a terra em que se encontra o fundamento verdadeiro; quem edifica em outro terreno está em princípio destinado à destruição, ao fracasso (6,47-49).

VII. QUEM É ESTE? TU ÉS O ENVIADO DE DEUS, O CRISTO! (7,1-9,20)

Quisemos reunir sob um título comum diversos traços e momentos de uma mesma busca evangélica que abrange 7,1 a 9,20.

1. A busca começa com a pergunta que João Batista dirige: és tu o que há de vir? (7,20). A cena é vasta (7,1-15) e a resposta se obtém situando o tema â luz dos milagres e chegando ao grande mistério do perdão dos pecados.

2. Só compreende a Jesus aquele que escuta suas palavras sobre o reino, que as vive e as torna realidade em sua existência (8,1-21).

3. Com as palavras é preciso descobrir a força e a realidade que se esconderam lá no fundo das suas obras que revelam o seu poder sobre os homens e as coisas (8,22-56).

4. Chegamos já a Jesus? Não. É necessário surpreendê-lo na mensagem aos doze, no fermento do pão multiplicado que alimenta a todos (9,1-17).

5. Só no final desta caminhada se nos pode dirigir a grande pergunta: quem dizeis que eu sou? Se nosso andar foi bom e se fomos fiéis á luz, teremos de exclamar com Pedro: és o Cristo, o enviado de Deus Pai (9,18-20).

1. *A pergunta de João (7,20)*

O primeiro trecho abrange todo o capítulo sétimo (7,1-50). A pergunta não surgiu simplesmente no vazio. Tem como contexto em que é preparada, dois milagres: o do servo do centurião e o da viúva de Naim (7,1-17).

O centurião é um modelo de confiança. Não precisa que Jesus venha à sua casa; basta-lhe uma palavra (7,7), contenta-se com um gesto como aqueles que ele dirige a seus soldados. Jesus não diz nada. Simplesmente se detém lá, admirado. "Não encontrei em Israel semelhante fé" (7,9). Basta isso. A fé curou o servo. Isto nos mostra que lá onde se inflama a autêntica

confiança no mistério de Jesus e de suas obras, o reino se realiza, Deus se aproxima.

Mas Jesus não precisa de uma fé madura para fazer curas, para estender a sua obra: basta-lhe que exista uma miséria, basta-lhe achar um mundo enfermo. Chora uma viúva sobre o filho morto. Ninguém suplica. Não se ouve uma palavra. Não é preciso que o movam. Ele se detém e ordena: "Moço, eu te digo, levanta-te" (7,14). O povo se admira e exclama: "Há um profeta de Deus entre o povo" (cf. 7,16-17).

Num e noutro caso Jesus se manifestou na profundeza do homem à maneira de auxílio. É o presente de Deus para o pobre que chora e nem sequer sabe que espera (a viúva); é a graça do reino naquele que confia.

Sobre este cenário ouve-se a lamentosa procura do Batista: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?" (7,19-20). João pergunta a Jesus e Jesus responde mostrando suas obras. O "sou" ou "não sou" se poderia tomar como palavra pura e simples. As obras, ao contrário, não enganam. Por isso são Lucas recorda os velhos e novos milagres (cf. 7,21); põe na boca de Jesus as seguintes palavras:

> Anunciai a João o que vistes e ouvistes: Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados; os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a boa nova (7,22).

Em 4,18s Jesus se mostrou como resumo e compêndio do reino. Por isso, quem pergunta por Jesus deve olhar para o sentido das suas obras; nelas transparece o resplendor do divino. Crente é quem descobre o reino que as obras de Jesus lhe oferecem; incrédulo é, ao contrário, aquele que só distingue dados puramente humanos.

João perguntou por Jesus (7,18-20). Agora é Jesus que, admitindo a procura de João, lhe dá testemunho. João é um profeta e muito mais, é o autêntico arauto e

mensageiro do Senhor que vem (7,24-27). Apesar de tudo, não chegou ainda ao reino (7,28). O reino é de Jesus, é da graça de Deus que bendisse os perdidos e humilhados da terra. João foi apenas, no caminho da busca, uma pergunta.

Não obstante, a pergunta de João é decisiva. Por isso quem nega e não acolhe a verdade dessa palavra fica só e não compreende o dom do reino (7,29-30). De tal forma isto é verdade, que as obras de João e de Jesus podem considerar-se de algum modo como paralelas: quem rejeita a severidade de João e sua exigência já não pode escutar o convite de Cristo que nos chama ao gozo (7,31-35).

Vale a pena que voltemos a notá-lo. Se as mensagens de João e de Jesus se diferenciam, não temos outro recurso senão acrescentar que "estão unidos". Nos nossos dias, a figura do Batista está ganhando atualidade incomum. Por todo lado se fala de justiça. Certamente, a justiça deste mundo é boa e verdadeira. Mas é apenas obra de João, daquele João que busca, que prepara e que pergunta. É necessário que cheguemos, partindo de João, à verdade do reino. Mas, acrescentamos, só quem passou por João, quem cumpriu a sua exigência de conversão e de justiça, poderá chegar de fato até Jesus.

Não podemos ficar com João porque foi o próprio João que disse: és tu aquele que há de vir? Jesus responde indicando os seus milagres e acrescentando: "Ao pobre é anunciada a boa nova" (7,22). Mas mesmo isso parece pouco a Lucas; há algo mais no milagre de Jesus que anuncia o reino; há o perdão dos pecados. Desse perdão nos fala a cena do banquete (cf. 7,36-50)[5].

Jesus come na casa de um fariseu. A pecadora da cidade entra e perfuma seus pés e os beija. O fariseu

5. Cf. J. Delobel, *L'onction par la pécheresse*. La composition littéraire de Lc 7,36-50: EphThLov 42 (1966) 415-475.

murmura e Jesus fala de um amor proporcional à grandeza do pecado perdoado. A mulher ama com profundidade porque é muito o que se lhe perdoou. Amor e perdão são os traços de um mesmo mistério. Não importa aqui indicar influxos. O único decisivo é a constatação de ter achado uma resposta. Perguntava João: és tu aquele que há de vir? Jesus responde, simplesmente, perdoando. Para a mulher Jesus será, de fato, o que devia vir, o que veio. Sabe-se perdoada e ama. Isso lhe basta. Também a nós, basta-nos por ora.

2. *Escutar as palavras sobre o reino*

Perguntou-se por Jesus e esse Jesus caminha pelas aldeias e cidades proclamando o reino. Não está só. Os doze o acompanham e as mulheres lhe servem (8,1-3). Aqui, nesse caminho, explicita-se o sentido de Jesus, escutam-se suas palavras (8,4-21) e se admira o poder dos seus milagres (8,22-56). Por isso, os que seguem poderão ser enviados (9,1-6), e, finalmente, proclamarão o verdadeiro nome (9,18-20).

As palavras de Jesus adquirem sentido na parábola que fala do homem que espalhou sua semente pelo campo (8,4-15). A semente verdadeira é a mensagem que é de Deus e que Jesus proclama. O campo, tão diversificado, são os homens. E os frutos dependem da forma de aceitar e de viver, de comportar-se diante da voz divina. Mas além disso, quem se aproxima de forma puramente curiosa ou simplesmente negativa da palavra de Deus, não a compreende. Parece-lhe que tudo é um enigma. Só os discípulos, aqueles que escutam e obedecem, os que admitem com satisfação a verdade e a novidade do reino entendem a palavra e a descobrem como força salvadora (cf. 8,9-10)[6].

Essa palavra de Jesus em que se anuncia o reino e se ofereceu perdão e salvação ao pobre é uma luz que

6. Cf. J. Gnilka, *o.c.*, 119s.

não pode mais ser ocultada. É luz que se coloca no candelabro e ilumina de verdade toda a casa (8,16). Diante dessa luz não há nada oculto; nada pode escapar ao seu juízo (8,17).

A verdade se alcança só à luz dessa palavra. Quem a cumpre e vive em seu mistério chega a ser homem perfeito. Quem não quer recebê-la se condena e é fracasso. Ao recebê-la e aceitá-la, nos tornamos parentes de Jesus, fazemos parte do mistério da sua obra (8,19-21).

3. *A força oculta nas obras*

Mas entender Jesus Cristo não é só escutar de maneira reverente e pôr em prática suas palavras. Jesus é um enigma de poder que nos excede. Por isso é necessário que voltemos a estudar seus gestos, contemplando o brilho das suas obras. Assim estaremos mais perto do mistério.

As obras de Jesus Lucas as tomou de Marcos (Lc 8,22-56; cf. Mc 4,35-5,43). A primeira nos apresenta o mestre no meio das ondas. Os discípulos lhe dizem: perecemos! Jesus se levanta; ordena aos ventos e às águas; e as águas e os ventos se calam (8,22-25).

Quem é esse que assim age? Jesus é a "palavra" que nos vem de Deus e que é mais forte e mais radical que as forças da terra. Mesmo que tudo se destrua, mesmo quando comece a parecer-nos que o poder irracional do mundo é uma instância decisiva que não se pode superar, se olhamos mais a fundo, lá está Cristo. Sua palavra nos liberta do peso morto das coisas e do medo. Não somos mero instante fugitivo deste mundo que se perde. Somos chamados à confiança, ao reino que é amor e nunca termina. Jesus no-lo mostrou assim na barca.

Mas o mundo irracional e os pobres da terra não parecem os mais fortes. Não estaremos submetidos ao

poder do diabo? Vamos á cena do possesso de Gerasa (8,26-39). As cores da história já são velhas; o modo de mostrar a força maligna é enigmática e também a ação de Cristo hoje nos parece obscura. No entanto, o núcleo do relato mostra um fundo de autêntico evangelho. Seja qual for o nome que lhe demos, o mal é uma força que domina, que escraviza e prende. Embora se tentem infinitas formas novas de contê-lo e reduzi-lo, o mal continua nos dominando. O evangelho só conhece um modo de vencê-lo: a presença e a promessa de Jesus, chamado o Cristo.

Como expressão da terceira das forças que escravizam os homens, Lucas nos apresenta uma doente e uma morta (8,40-56). Jesus cura a doente só com o poder do seu contato. A multidão o comprime, todos o tocam. Logo exclama: tocaram em mim! Sim. A mulher o toca com fé e fica curada de sua moléstia (8,43-48). A cena continua. Morrera uma menina. Nada se pode fazer. Não vale a pena afligir-se. Jesus prossegue. De fato, a menina perante Jesus está dormindo. Por isso vem, ergue-a pela mão e diz: "Desperta, ó pequena". E a pequena volta à vida (8,40-42.49-56).

Diante de Jesus a enfermidade já não é um poder que nos destrói e escraviza. Para todos os enfermos Jesus ofereceu um novo tipo de vida mais profunda, um reino que não acaba. Tampouco está a morte entre as forças que nos matam. A morte é sono e é Jesus que domina sobre ela. Com isso pudemos chegar até o mistério que se esconde nesse homem.

Quem é este? Assim perguntava o Batista. E respondia Jesus mostrando o reino lá no fundo das suas obras. Jesus é a expressão de um reino novo, oferece a palavra decisiva, tem força, força sobre o mundo e seus poderes, sobre o diabo que escraviza, sobre o próprio abatimento que nos causa a dor e a morte.

4. *A missão dos doze*

Não teremos de dizer-nos "quem é esse"? Poderia parecer que já se mostraram todos os aspectos. Contudo, se olharmos mais a fundo, descobrimos que nos falta ainda um ponto. Não basta dizer que esse Jesus oferece o reino, pregou a palavra decisiva e manifesta um poder que está mais alto que todos os poderes. Devemos perguntar-nos: para que vale tudo isso? como chega até nós a certeza de Jesus, o poderoso? Respondendo a esta pergunta, Lucas colocou a missão decisiva dos doze (9,1-6.10).

> Convocando os doze, deu-lhes Jesus poder e autoridade sobre todos os demônios e para curar as enfermidades; e enviou-os a proclamar o reino de Deus e curar os enfermos (9,1-2).

Lendo o texto da missão dos doze perguntamos: Quis Lucas apenas recordar-nos um fato antigo, aquele envio em que Jesus manda os doze quando ainda se achava pregando na Galiléia? Ou aqui se fala daquela missão posterior e decisiva ao mundo, depois da páscoa? Se fosse necessário chegar a uma precisão absoluta, nos inclinaríamos para a primeira possibilidade. Mas acontece que em são Lucas os dois planos não se excluem. O que foi um fato passado oferece aqui uma dimensão de permanência. Mas temos de dar mais um passo. O grande problema não é saber se a missão se realiza no tempo de Jesus ou no decurso da história da igreja. O assunto é outro.

O que importa é mostrar que esse Jesus da palavra e dos milagres, o Jesus do reino, não se acha isolado e sozinho. A sua obra se realiza por meio dos doze, por meio de todos que ele envia. E mais: temos de afirmar que os apóstolos (enviados) são uma expansão desse Jesus e da sua obra, expansão essa que está fundada na própria história original antiga.

O tema continua sendo: "quem é este?" Assim o mostra o evangelho ao situar entre o envio e a volta dos doze o problema de Herodes que vacila e que pergunta. Pergunta por Jesus e não encontrou uma resposta. A fé não o ilumina, pois não conhece Jesus e não se abre ao seu mistério: Tampouco deixa que a pura luz do mundo o dirija no caminho. Matou João e está com medo. Esse medo se reflete na sua vivência de Jesus, o invade e não o deixa encontrar uma resposta (9,7-9).

Enquanto Herodes vacila, os apóstolos já se aproximam do mistério da autêntica palavra. Estão com Jesus outra vez e o seguem. O povo se ajunta. O mestre ensina, fala do reino, cura os enfermos. Sendo tarde e não podendo contar com suficiente comida, Jesus toma uns pães e uns peixes; abençoa-os e os entrega aos discípulos. Foi o bastante: todos comem e ainda sobra. Que aconteceu? A verdade que Cristo ensina, o reino que proclama não é uma mera palavra que passa. Jesus distribui um pão que não acaba; coloca-o nas mãos daqueles que são seus discípulos e estes o entregam ao povo (cf. 9,10-17).

5. *"Tu és o Cristo de Deus"*

Achamo-nos no final de um longo itinerário. A missão da Galiléia termina e é preciso resumir os traços principais da mensagem. A pergunta decisiva é: quem é este? Apresentando sua mensagem, Jesus deu a resposta sem declarar seu nome; sua verdadeira realidade é revelada pela sua função de arauto do grande reino. Explicitando, dizia-nos Lucas que Jesus era o princípio da mensagem decisiva, a palavra que proclama o rēino; nele se achava o verdadeiro poder sobre o mundo, sobre o mal, a enfermidade, a morte. Tudo isso era Jesus e ele tinha associado à sua missão os discípulos. A missão não estava clara. Não se havia determinado a atuação específica do mestre e a tarefa dos discípulos.

Não obstante, isso não foi o decisivo. Decisiva era a união de Jesus e seus discípulos. Decisiva era a sua intenção de doar aos famintos o pão escatológico.

A multiplicação dos pães, sem perder sua solidez histórica, tem em Lucas o caráter de sinal da obra dos apóstolos e da igreja. Jesus, que concedeu o verdadeiro perdão aos pequenos e perdidos da terra, oferece aqui no centro da sua vida o "pão escatológico". Assim se exprime o valor da missão e se mostra toda a atuação de Cristo.

Quem é Jesus? A pergunta vem do Batista. Jesus não quis responder e apresentou as suas obras. Mas agora, uma vez que já se mostrou o sentido destas obras e o valor das palavras e da missão daquele que é chamado "mestre", o próprio Jesus deseja propor aos seus discípulos o tema: quem dizem os homens que eu sou? E vós, por quem me tomastes? A resposta de Jesus não teria sido válida. Poderia ser uma mentira, uma palavra sem verdade interna. Por isso, em vez de falar por si mesmo, suscitou a resposta dos seus. Pedro afirma: "Tu és o Cristo de Deus" (9,20).

"Tu és o Cristo de Deus". É Pedro, são os doze e é a igreja que respondem à pergunta do Batista e dos homens. Diante de todas as possíveis interpretações de Jesus, diante de todas as maneiras de entendê-lo ou de tratar a sua mensagem, a igreja se mantém firme: aceita o testemunho de Pedro e dos seus; crê que foram eles que tiveram a reta visão do mistério de Jesus, os que penetraram no fundo da sua obra e da sua mensagem e o entenderam retamente ao proclamá-lo "o Cristo".

Quem é o Cristo? Cristo é o ungido, o enviado de Deus sobre a terra, é a janela aberta para o mistério, a janela que nos traz os segredos do alto, aquela que torna nossa vida orientada para o céu. Cristo é isso. Mas entendê-lo significa um compromisso. É o que passamos a ver.

VIII. SEGUIR O CRISTO QUE SOFRE (9,21-50)

Pedro acaba de exclamar: "És o Cristo" (9,20). Poderia parecer-nos que já se conseguiu tudo: conhecemos Jesus e já não é preciso que busquemos algo novo. Contudo, a reação do evangelho é bem diferente. Jesus exige dos seus: "Não o digais a ninguém" (9,21). Por quê? Porque não o entenderiam. Porque o filho do homem deve sofrer, ser entregue aos anciãos, sacerdotes, doutos; morrerá e depois será glorificado (9,22).

Toda a missão da Galiléia era uma tentativa de chegar até Jesus e descobrir sua profundeza. Quando pensamos que o trabalho já está feito, quando o mestre se nos mostra como "ungido", o enviado ao qual aludiram os profetas, um novo abismo de incompreensão e de exigência, de altura e de mistério se abre a nossos pés. É um fato que não sabemos o que quer dizer essa palavra "o Cristo". Não sabemos porque o próprio Jesus se encarrega de no-la mostrar como enigma: é necessário que padeça, morra, ressuscite.

Há mais, porém, nas palavras de Jesus. Quem o busca, quem pretende conhecê-lo e descobrir a sua realidade de "Cristo" deve segui-lo no caminho, carregar a cruz de cada dia e arriscar a vida (9,23-26). Só quem arrisca, entrega e perde a sua vida no caminho de Jesus que se chamou Cristo, pode conquistar-se. Jesus e seu discípulo já não têm senão um caminho: o da entrega pelos outros e da morte.

Quem se envergonhar de Jesus, desse Jesus que morre; quem o negar e afirmar que esse homem não é o Cristo porque foi um fracassado, não entendeu a verdade do reino e no final, diante da glória de Deus Pai, se achará de repente sozinho. Não arriscou a sua vida e a perdeu (cf. 9,24). Isto não é algo que vale apenas para o final do tempo. Interessa desde agora, pois a vida dos homens já se acha no seu íntimo traspassada

pelo reino e é o reino que os homens perdem ao negarem o Cristo perseguido e morto (9,27).

Como uma luz que ilumina a obscuridade exigente e a dureza desse texto, a antiga tradição colocou a cena de esperança e de vitória oculta do relato da Transfiguração (9,28-36). Esse Jesus que caminha para a morte e convida a abraçar o seu destino não foi nem é apenas um coitado, sinal de fracasso. Quando sobe â montanha e ora, a verdade do seu interior se transfigura. Deus o assiste. É Deus que repleta o seu interior. Por isso transforma-se seu rosto e as vestes brilham de um branco que deslumbra[7].

É Deus e somente Deus que se encontra nesse homem, aparentemente abandonado e sozinho, na montanha. Por isso se ouviu, do profundo mistério da nuvem que é sagrada, a palavra santa: "Este é o meu filho, o eleito; ouvi-o" (9,35). Mas esse Deus é o Senhor de Elias e Moisés, Deus do caminho que conduz â palavra cheia de um futuro salvador e deslumbrante. Por isso Jesus fala com eles. Eles o precederam, marcaram um rumo na esperança e são agora seus aliados. O que comentam? Só há um tema: o êxodo que Jesus realizará em Jerusalém (9,30-31). Por êxodo entende-se a "saída" de Jesus, o caminhar por meio da morte a que aludiram as palavras do messias aos doze (9,22). Certamente, esse destino de Jesus não é puro capricho: é vontade do Pai que nos diz: "Deveis ouvi-lo" (9,35). É o sentido de Israel, dos profetas, da lei antiga (9,30-31).

Certamente, os discípulos não entendem. Vislumbraram num instante a glória de Jesus e a harmonia que supõe a presença de Deus, a plenitude do velho povo israelita. Por isso quiseram eternizar esse momento: "Façamos três tendas... pois é bom estarmos aqui" (9,33). Sem dúvida, é bom. Mas esquecem que

7. Cf. X. Léon-Dufour, *Études d'évangile*, Paris, 1965, 83s.

essa "meta vislumbrada" implica o caminhar de um êxodo. Por isso é necessário que se despertem e se encontrem sós, com Jesus no caminho da vida.

Sós com Jesus! Esforçaram-se por curar um menino enfermo e expulsar o diabo. Não o puderam. A igreja sente-se impotente. Esforça-se e não consegue. É verdade, o caminho é pesado. Não se pode, não se pode alcançar logo o final de um problema, a felicidade. Fazemos parte de uma geração incrédula e perversa. Mas, temos de dar-nos por vencidos? De modo algum. Jesus está por detrás e Jesus tem poder. Por isso, embora pareça que ninguém mais é capaz de resolver um problema nosso, mesmo quando tudo nos leve a crer que não há remédio, podemos e devemos recorrer ao absoluto, a esse Jesus que respira em nossa igreja (9,37-42).

Aquele Jesus que tudo pôde é quem afirma de novo a sua palavra: o filho do homem vai ser entregue (9,44). E não o entendem. Não o entendem porque buscam glória e querem ser maiores que os outros (9,45-46). Não chegaram a descobrir que as palavras dele nos mostravam precisamente o contrário: "Quem se fizer (e for) o mais pequeno entre vós, esse é o maior" (cf. 9,48). Ser grande significa agora servir; importante não é quem tem, mas quem necessita e ao qual todos hão de dirigir a sua ajuda. "Quem receber em meu nome a uma criança, é a mim que recebe; quem me recebe, recebe aquele que me enviou" (9,48). O Pai está em Jesus, pois o enviou; de modo semelhante está Jesus em quem é criança e necessitado.

Com isto já parece aclarar-se o rosto de Jesus. Chamaram-no o messias e ele não quer rejeitar esta palavra. No entanto, e imediatamente, mostrou que o sentido desse título é diferente; ele não é messias porque teria vindo dominar de modo vitorioso e aparente sobre o mundo. É messias porque traça um caminho de fidelidade que o conduz à morte e pela morte ao Pai. É

enviado, porque forma a seu redor um campo de presença e fidelidade em que os homens podem "tomar parte em seu caminho". É enviado de Deus e seu destino se dirige para a morte. Ao mesmo tempo, porém, é enviado que se encontra em toda criança ou ser necessitado de ajuda e de consolo. Por isso, porque seu poder não se estabeleceu contra ninguém, é preciso deixar que outros o utilizem, se for o caso. Jesus, nosso messias, não é monopólio de ninguém: está ao serviço aberto de todos os que procuram (cf. 9,49-50).

3.

O CAMINHO PARA JERUSALÉM

(9,51-19,46)

I. O CAMINHO (9,51)

A missão da Galiléia revelou o nome de Jesus e a sua missão entre os homens. Ele é o Cristo. Também Marcos chegou a descobrir que confessar o Cristo implica manifestar o seu caminho de dor e acompanhá-lo no caminho para a morte. Lucas quis basear o restante do evangelho nesse tema. Por isso, depois de haver mostrado a unidade dos destinos de Jesus e dos discípulos, acrescenta de modo bem solene:

> Então, ao cumprir-se o tempo da sua ascensão, decidiu firmemente subir a Jerusalém... (9,51).

O verdadeiro caminho de Jesus conduz à ascensão, termina na subida para Deus, o Pai (cf. At 1,2.11.22). Mas é um caminho através do sofrimento que se centra em Jerusalém, no juízo e na morte. Só na austeridade da abnegação total no serviço de sua obra, na pobreza de achar-se só e desvalido diante da morte, revela-se e realiza-se o verdadeiro ser e a riqueza de Jesus que sobe para o Pai.

No caminho, os discípulos que disseram "sim" a Jesus, descobrem pouco a pouco a urgência que se en-

cerra na sua palavra: a riqueza do reino é de tal forma decisiva e exigente, que nos leva à pobreza do serviço pelos outros. No caminho da sua ascensão Jesus oferece a riqueza do seu ser em Deus, o Pai; mas, ao mesmo tempo, e com seu próprio ato de se arriscar e sofrer a morte, ensina-nos que é preciso superar a vida antiga se se quer conquistar o que é novo.

Desde aqui até o final do evangelho (e o princípio dos Atos) não existe senão um só tema: a subida de Jesus ao Pai. Todavia, dentro da grande unidade podem-se distinguir dois momentos relativamente autônomos. Numa primeira parte (9,51-19,46) o caminho aparece como moldura de uma catequese, em que Cristo mostra aos seus discípulos a força e a exigência de estar do seu lado e de buscar, portanto, a verdadeira riqueza. Numa segunda parte (19,47-24,53 e At 1,1-11) descreveu-se o caminho de Jesus, pela paixão e morte, até à direita de Deus Pai. Só no livro dos Atos se revela o sentido da obra de Jesus que age lá de junto do Pai, por meio do Espírito.

De acordo com isso, começaremos tratando os temas contidos na primeira parte (9,51-19,46).

II. SEGUIMENTO E MISSÃO (9,51-10,24)

Lucas situa no caminho a exigência do autêntico seguimento de Jesus (9,51-52). Sobre o caminho se edifica a missão na qual a igreja estende ao mundo a verdade do seu mestre (10,1-15.17). Finalmente, nesse esforço missionário revela-se a profunda união do Cristo com o seu Pai (10,16.18-24).

O seguimento de Jesus não oferece vantagem alguma de tipo material, mundano. Saber que se caminha na verdade não dá direitos sobre o homem que não quer escutar nossa palavra e receber-nos. Ninguém

pode interpelar a Deus, pedir fogo do céu e exigir que o mau seja destruído (9,51-56).

A quem lhe pede um lugar entre os seus Jesus não pode dar sequer um leito em que possa descansar tranqüilo (9,58). Ao mesmo tempo, Jesus pede uma ruptura plena com o antigo. Está a caminho; vem com ele aquele que o segue e é preciso dedicar todas as forças ao serviço do reino que se anuncia (9,59-60). De tal modo é exigente o chamado que não deixa ao homem nem um respiro; quem já tomou o arado em mãos perde o sulco se esquece o campo que o espera e olha para o passado com saudade (9,61-62). O seguimento é exigente. Contudo, o seu valor autêntico não se descobre simplesmente na dureza da vida a que nos chama. Esse valor se expressa de forma urgente na exigência missionária:

> Depois disto, designou o Senhor outros setenta e dois e os enviou dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde ele próprio pensava ir. Disse-lhes: A messe é grande, os operários, poucos; rogai, pois, ao dono da messe que envie operários à sua messe. Ide. Eu vos envio... (10,1-3).

Já vimos a missão dos doze (9,1-6). Ali dissemos que a obra de Jesus não está encerrada. Realiza-se e expande-se através dos discípulos. Aqueles doze continuam sendo o fundamento. Seus nomes ficaram gravados para sempre, são alicerce e são princípio da tarefa da nossa igreja (cf. 6,14-16). Além deles, Jesus escolheu muitos outros. No texto se nos fala de setenta e dois, número de plenitude, sinal de todos os que anunciam a mensagem do reino em nossa igreja (cf. 10,1-12).

Os setenta e dois missionários acham-se arraigados no tempo de Jesus: foi o próprio mestre galileu quem os enviou. Mas são, ao mesmo tempo, o sinal de todos os operários que o Senhor envia. Qual é a sua função? O que fazem? Lucas não se preocupa com pre-

cisar o seu ministério ou as suas funções dentro de uma igreja que se acha hierarquicamente bem fundada. Tudo isso é secundário! O que importa é o seu trabalho missionário. São operários para o reino que a igreja há de pedir, que o Pai envia; operários que recebem a sua função de Cristo: anunciam e realizam a verdade do reino (cf. 10,9-11).

A missão dos discípulos está fundada na palavra e no caminho de Jesus que os envia. Mas é uma missão que já não tem fronteiras no tempo. A sua meta é apenas a grande ceifa, a colheita escatológica. Aqui, no princípio da subida a Jerusalém, notamos que o mestre não está só. Caminha com os seus para a ceifa e coloca todo, absolutamente todo o mundo, em direção ao reino. Por isso a missão dos seus discípulos não é apenas como um tipo de efeito ou conseqüência que deriva do agir de Cristo que passou. Essa missão é elemento integrante do caminho de Jesus para o Pai. Em outras palavras: Jesus não sobe sozinho. Convoca o mundo inteiro para a grande festa (a colheita e ceifa) de sua ascensão. Brada às portas de todas as consciências. O reino está chegando! Quem o aceita?

A missão que situa o mundo na luz da subida ao reino manifestou, ao mesmo tempo, a possível realidade de uma condenação. Quem recusa a palavra de Jesus permanece só, e desce até o abismo do fracasso. As cidades galiléias que não aceitam Jesus e seus ministros convertem-se em sinal de destruição e de morte (10,13-15).

Nesta obra missionária da igreja descobre-se o verdadeiro rosto de Jesus, o Cristo. É nela que o diabo se precipita (10,17-19) e realiza-se o juízo. É nela que o homem pode chegar de Jesus ao Pai: "Quem vos ouve a mim ouve. Quem vos despreza a mim despreza; e desprezando-me despreza aquele que me enviou" (10,16). A obra de Jesus é verdadeira obra do Pai. A sua

missão e o seu mistério não surgiram da terra. É a presença de Deus entre nós.

Neste contexto situa-se o "júbilo de Jesus" diante da obra que seus discípulos realizam (cf. 10,21-24). É júbilo porque o reino se manifesta aos pequenos da terra, porque chega — já chegou — a grande felicidade que esperaram os profetas e os reis antigos.

Jesus se alegra com a ação de Deus que revelou o seu mistério. Sem dúvida é pena que os grandes e os sábios (Cafarnaum, o judaísmo) permaneçam fechados em seu falso valor e em sua grandeza; mas houve muitos, muitos pobres que permitiram que Deus os transformasse. No centro desse júbilo situa-se a visão do ser de Cristo:

> Tudo me foi entregue por meu Pai. E ninguém sabe quem é o filho senão o Pai. E ninguém sabe quem é o Pai senão o filho e aquele a quem o filho o quiser revelar (10,22).

O Pai deu seu poder ao Cristo que é filho. O filho não quis fechar em seu íntimo o que conhece e sabe: revela-o aos seus discípulos; mostra-lhes de verdade Deus e conduz a sua vida até o mistério.

Nestas palavras centrou-se o valor da missão. E descobrimos que o caminho no qual Jesus sobe para a morte é, de fato, um caminho que nos leva ao segredo mais profundo. Se o seguirmos chegaremos ao fim e veremos que Jesus está no Pai, sentado à sua direita e com a glória que pertence a Deus. Então veremos que "conhecer a Jesus" significa conhecer ao Pai.

Pois bem, tudo isso não é efeito de algum tipo de visão interna ou meditação oculta. É o sentido, o final do seguimento. Tal é o centro da missão na qual a igreja (como veremos nos Atos) estende para o mundo o mistério salvador de Cristo.

III. AÇÃO E ORAÇÃO (10,25-11,13)

A missão, que brota antes de mais nada do caminho de Jesus, não pode limitar-se a uma palavra sobre o reino. Sendo oferecimento do dom de Deus, sendo expressão de uma graça que salva, deve mostrar-se na vida concreta dos homens que aceitam e crêem. Algo semelhante aparece no sermão da planície (6,20-49): à proclamação da graça (bem-aventuranças) seguia como fruto e expressão do dom divino a exigência do amor mais forte.

Também aqui o princípio foi a palavra salvadora que proclama a chegada do reino e da sua graça (10,9.11). Aquele que aceita e compreende o valor desse reino está vivendo num tipo de vida diferente. Lucas descreve as características desta vida de forma admirável, ao unir as cenas do bom samaritano (10,25-37), de Marta e Maria (10,38-42) e da maneira cristã de orar (11,1-13).

Um perito na lei indaga a Jesus: "Que devo fazer para herdar a vida eterna?" Jesus remete-o precisamente à sua "lei" e nela encontra: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração... e ao próximo como a ti mesmo" (10,25-28). Mas o judeu que supõe saber o que se inclui no amor a Deus, não consegue compreender plenamente o que significa o próximo. Por isso pergunta. Jesus lhe responde com a cena do bom samaritano[1].

A exigência do amor ao próximo expressa-se como ajuda ao marginalizado ou a quem sofre qualquer tipo de mal. O texto não pergunta pelas causas da dor ou da miséria. Sem dúvida, aqui se fala de um homem que os ladrões assaltaram na estrada. Esse homem é símbolo de todas as pessoas que padecem justa ou injustamente, com ou sem razão. O verdadeiro próximo não gosta

1. Cf. W. Monselewski, *Der barmherzige Samariter*. Eine auslegungsgeschichtliche Untersuchung zu Lukas 10,25-37, Tübingen, 1967.

de perguntas. Vê a necessidade e ajuda. Só isso. Não interessa o seu caráter, responsabilidade, função que ocupa. Nada se opõe à ajuda. Nem o fato de ser de outro povo, inimigo ou estranho! A única lei que vigora neste campo é a de sentir a necessidade ou a miséria alheia. Próximo autêntico é quem dá, sem perguntar nem exigir, sem procurar causa ou recompensa (10,30-37).

Mas segundo as palavras do perito, que Jesus aceita, o caminho da vida tem duas facetas: amor a Deus e amor ao próximo (10,25-28). O bom samaritano mostra só a segunda. Será o bastante? Não tenhamos pressa e continuemos lendo o evangelho. Jesus entrou na casa de Marta e Maria. Marta trabalha. Maria, sentada aos pés do Senhor, escuta a palavra. A primeira protesta e Jesus lhe responde da seguinte forma: "Marta, Marta, tu te agitas e preocupas com muitas coisas. Uma é a que importa; Maria escolheu a melhor parte" (10,41-42).

Que faz Maria? Certamente, não está isolada da terra, contemplando. "Escuta a palavra de Jesus" (10,39). Nada a impede agora de agir; mas o seu agir não será um "fazer por fazer", mas um pôr em prática aquilo que ouviu. Deste ponto podemos voltar atrás e afirmar que, mesmo sem o saber, o samaritano ouviu a palavra de Jesus, porque a cumpre ao ajudar o próximo.

Se de algum modo se deseja fazer oposição entre Marta e Maria, não pode ser como a ação (Marta) e a pura contemplação (Maria). Marta só pode representar aquela ação que não escutou Jesus. Maria simboliza um escutar a palavra que se procura traduzir necessariamente em amor, em serviço ao próximo. Partindo daí pode-se fazer uma ligação entre o samaritano e Maria. Se Maria escutou de modo autêntico a palavra, tem de agir como o samaritano. Ao mesmo tempo, porém, temos de afirmar que naquela Maria que ouve a

Jesus e está sentada a seu lado, reflete-se o que de forma implícita aconteceu com o bom samaritano.

O problema era amar a Deus e amar ao próximo. Querendo mostrar-nos o seu sentido, Lucas começou com o bom samaritano. Com Maria descobrimos o núcleo autêntico da escuta de Jesus que está implicado nesse amor ao próximo. Em outras palavras, amando ao próximo se escuta a Jesus e por Jesus se ama a Deus Pai. Este amor ao Pai que, por meio de Jesus, se manifesta em nossa vida, se traduz para Lucas em forma de oração.

A oração começa sendo um estar aberto para os outros. Sem esta caridade básica de nossa vida não existe verdadeiro contato com o Pai. Num segundo tempo, a oração se manifesta na vinda até Jesus e na atenção às suas palavras (Maria). Nelas palpita a exigência do amor mais profundo. Nelas vêm até nós a graça de Deus Pai. Finalmente, a oração é um abrir-se ao Pai; abrir-se com a vida inteira e com o problema que cada dia traz, abrir-se na confiança de que o reino está chegando.

> Pai! Que teu nome seja santificado. Venha o teu reino. Dá-nos cada dia o nosso pão necessário. E perdoa nossas ofensas, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende. E não nos deixes cair na tentação (11,2-4).

A oração descobre o sentido da vida diante de Deus e o proclama. Esconde-se nela aquele amor a Deus com que se preocupava o perito da lei? Certamente, ao menos na forma que Lucas lhe concede. Não se trata de dar nada a Deus. Descobre-se, isso sim, o amor em que Deus nos envolve; descobre-se e aceita-se com alegria, vivendo agradecidos ao sabê-lo.

Mas o amor de Deus tem outro traço paradoxal. Mais do que dar a Deus implica um "saber que é Deus que pode dar-nos" e aceitá-lo. Com exemplos tirados da história real de um amigo que chama (11,5-8) ou do

filho que pede (11,11-12), mostra-nos são Lucas a maneira de estar confiante diante de Deus e buscá-lo. Não estamos ainda acabados; por nós mesmos somos incompletos. Por isso, porque somos pobres, temos de pedir a Deus a grande riqueza da vida, pedir-lhe dia após dia o reino.

Este pequeno ensinamento sobre a oração (Lc 11,1-13) termina com palavras paradoxalmente decisivas: "Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai do céu dará o Espírito aos que o pedirem?" (11,13). É realmente estranho. Podemos pedir a Deus o que quisermos. Deus nos dará sempre um mesmo dom, o seu "Espírito"[2].

Oração significa "estar abertos" ao amor do Pai. Estamos abertos por meio de Jesus que nos conduz ao reino, por Jesus que nos mostra a face do mistério. Estando abertos ao amor pedimos sempre, porque pedir é simplesmente necessitar e estar junto do amigo (o nosso Pai). Lucas nos diz: Deus vos dá! Mas nos dá a verdadeira realidade e não uma simples qualidade, ou coisa do mundo: dá o Espírito, que é vida em Deus, que é mundo novo.

Com isso já descrevemos os traços da "vida do crente" que, escutando as palavras de Jesus, vive voltado para os outros (samaritano) e estando aberto (na oração) recebe do céu a força do Espírito.

IV. O ESPÍRITO DE DEUS E A EXIGÊNCIA DE SUPERAR O JUDAÍSMO (11,13-12,12)

O Espírito é o dom que se concede no caminho aos que escutam a palavra de Jesus e se mantêm unidos a Deus Pai. A sua função é decisiva. Nele se baseia a vida e a realidade do homem sobre a terra.

2. Cf. W. Ott, *Gebet und Heil.* Die Bedeutung der Gebetspparänese in der lukanischen Theologie, Munique, 1965.

1. *O Espírito, origem e sentido da obra de Jesus*

O Pai dá o Espírito aos que o pedem (11,13). Assim terminava a secção anterior. Assim começa agora a nova. Donde vem esse Espírito? Quais são suas notas distintivas? Para responder a estas perguntas é mister recordar de algum modo os dois primeiros capítulos do evangelho, que nos falam da força de Deus da qual nasceu o Cristo. Dando mais um passo, poder-se-ia repetir a cena do batismo (3,21-22) ou o discurso inaugural de Nazaré (4,18-22). Com certeza Lucas tem isso em mente; como tem já em mente o nascimento da igreja a partir do Cristo que, já elevado à glória de Deus Pai, envia sobre o mundo a grande força do Espírito divino. Todavia, no nosso texto não é preciso repetir essas cenas. Nem tampouco é necessário utilizar com abundância a palavra "Espírito santo". Basta deixá-lo ao fundo e apresentar sobre esse denominador alguns aspectos da luta entre Jesus e o judaísmo.

A contestação vem do judaísmo. Acusam Jesus de agir como um aliado de Satã, o diabo. Tudo quanto faz não seria mais do que um fruto do espírito perverso, pois destrói a verdade do velho judaísmo que provém — ninguém duvida — do próprio Deus (11,14-15). Jesus se defende. Não age conduzido pelo diabo. É o dedo de Deus que move a sua mão: chegou o mais forte que vem de Deus e destrói o poder do perverso, do diabo (11,17-23).

Jesus, porém, não se defende apenas. Veladamente acusa. O judaísmo era uma casa salubre e limpa. Lá não entravam os demônios. Não reinava o mal, que segundo a concepção antiga vagueia por lugares secos, busca descanso sem cessar. Mas agora é muito possível que o demônio volte e se apodere da casa limpa. Acontece assim que o fim será pior do que foi o princípio. Israel será outra vez presa maldita, pior do que foi antes

de ter sido chamado por Deus no tempo antigo (11,24-26).

Não; não se pode mais recorrer a nenhum tipo de honras ou vantagens. Só existe um modo de evitar o diabo: escutar a palavra de Deus e cumpri-la (11,27-28). Tampouco é hora de recorrer a sinais exteriores ou milagres. Só Jesus, como Jonas, é o milagre. Quem não quiser recebê-lo e disser que é o diabo e não o Espírito divino que se manifesta por seu intermédio, fica sozinho, condenado; não soube descobrir a obra de Deus lá onde ele atua (cf. 11,29-32).

2. *O espírito perverso*

Estamos em contexto de polêmica. O evangelho fala de luz e refere-se, provavelmente, à que brota de Jesus, o Cristo. Pois bem, o judaísmo ocultou-a colocando sobre ela um recipiente, um alqueire que a recobre. Como assim? Ao declarar que a força de Jesus é o espírito perverso (11,33s). Deste modo o judaísmo converteu-se em "corpo cego"; carece de luz e não compreende; não vê a realidade e não se aclara. Perdeu a verdade dos seus olhos. "Quando o olho é mau e não distingue, todo o corpo fica cego". Foi isto que aconteceu com Israel por não aceitar aquele Espírito de Deus que age por Jesus. Ao negar a luz que se lhe oferece, ficou às escuras (cf. 11,34-36).

Na interpretação que fazemos das passagens precedentes levamos em conta de modo especial a história que Lucas nos conta nos Atos: o povo de Israel, em seu conjunto, não quis receber os embaixadores de Jesus Cristo e negou a verdade da sua pessoa e da sua mensagem. Parece-nos que nesse contexto se entende melhor a disputa anterior e a própria condenação que vem depois (11,37-54).

Os judeus começaram acusando Jesus. Jesus condena. Condena os fariseus (11,37-44) porque olham so-

mente para o exterior (11,39), fixam-se em detalhes minuciosos e se esquecem do amor e da justiça (11,42); buscam os primeiros lugares (11,43) e parecem sepulcros ambulantes, muito bem vestidos e ornados mas cheios de miséria interior (11,44).

Jesus condena o fariseu porque fica escravizado na riqueza religiosa externa. Julgou-se justo e sábio e não aceitou a palavra de Jesus que é luz divina. Por isso acabou ficando cego, servidor de ninharias, preocupado com distinções puramente intranscendentes. Lá no centro mostrava-se o amor e a justiça que propugna Jesus Cristo. O fariseu não soube, não quis vê-lo.

Com mais dureza ainda Cristo condenou os escribas (11,45-52). Condena-os porque mandam e não cumprem (11,46); porque continuam na mesma atitude daqueles que, num tempo mais antigo, não deram ouvidos e mataram os profetas (11,47-48); porque prendem a palavra de Deus em moldes que escravizam e não deixam que os homens cheguem a ouvi-la (11,52).

Os escribas aparecem aqui como os guias e representantes de Israel. Continuam na linha esboçada quando acusam Jesus de estar movido pelo diabo (11,15). Não apenas fecharam a porta de entrada de Deus para os seus (11,46), mas também sobrecarregaram a vida do homem com um peso asfixiante (11,46). Em vez de serem sentinelas da verdade de Deus, converteram-se em ditadores que controlam a sua palavra e que se arvoram em senhores da vida e da consciência dos pobres.

Certamente, a acusação contra os escribas é grave. Nela se condensa uma experiência que começa com Jesus, atravessa os primeiros momentos da história da igreja e se precisa nas palavras que se põem na boca da sabedoria divina: "Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; eles os matarão e perseguirão..." (11,50). Não é preciso muita perspicácia para descobrir que aqui se

alude ao que nos Atos se apresenta de uma forma histórica concreta: Israel quis afogar a igreja. Pois bem, os tempos decisivos chegaram. O povo que se concentra nos escribas terá de prestar contas de tudo (11,47-51).

3. *O Espírito e o triunfo dos que esperam em Jesus*

Chega o tempo, e o Espírito de Deus busca a luz, porque detesta a hipocrisia dos fariseus que manobram com mentiras e se escondem (12,1). A luz de Jesus não veio para ficar sempre escondida; brilhará no candelabro e todos verão, mesmo que não queiram (cf. 11,33). A verdade existe e há de revelar-se (12,2-3).

Estamos num contexto de luta. Jesus condenou o judaísmo (escribas, fariseus), e no entanto são os seus próprios discípulos os perdedores, pelo menos aparentemente. Acham-se perseguidos, têm medo. O consolo com que Jesus os brinda não promete triunfo externo; fala-lhes de um valor maior que a vida e a morte; promete-lhes uma presença de Deus que não termina (cf. 12,4-7). A verdade do reino que eles possuem é a única decisiva.

Neste contexto volta-se a falar do Espírito. Daquele Espírito que Deus oferece aos que oram. Do autêntico Espírito que o judaísmo não soube descobrir por encerrar-se em suas verdades pré-fabricadas, confundindo Deus e o diabo. O Espírito aparece aqui como a força original na qual se decide o sentido das duas atitudes básicas que se podem tomar diante de Cristo.

A primeira atitude é a daqueles que confundem o Espírito de Deus com o demônio (12,10). O seu pecado não vai diretamente contra o filho do homem. Não discute sobre traços do messias, sobre modos de entender o Cristo. Tudo isso bem que poderia ter algo positivo. Peca contra o Espírito quem rejeita a atuação de Deus que se realiza em Jesus Cristo e a atribui ao diabo; é a

atitude daquele que escondeu a luz que se lhe oferece, a atitude daquele que se fecha a Deus quando Deus fala. Sem dúvida, o seu gesto já exclui o perdão. Nega Deus e se contenta com aquilo que agora tem.

A segunda atitude é a daquele que sofre, confessando a Cristo. Já aludimos ao contexto de perseguição em que se situam estas palavras (12,4-7). Embora se ache perseguido, o homem não está só. Assim o explicitou o evangelho quando afirma: "Quando vos levarem... aos juízes e autoridades... não vos preocupeis com o que haveis de responder. O Espírito santo vos ensinará naquele momento o que havereis de dizer" (12,11-12). É o Espírito que Deus concede aos que oram. É a força que Cristo dá aos que sofrem por seu nome. É o princípio de verdade que o judaísmo rejeitou condenando o Senhor como possesso.

Sobre o campo do Espírito trava-se nesta secção a luta decisiva; a luta de confessar a Jesus ou de negá-lo. Esta afirmação ou esta rejeição são definitivas. Não há para o homem outro lugar de apelação possível.

V. O REINO DO ESPÍRITO NA VIDA DOS HOMENS. INTRODUÇÃO A 12,13-18,34

Estamos no contexto do caminho. A subida de Jesus é fundamento da missão da nossa igreja (9,52-10,24), que conduz a um amor no qual se incluem Deus e o próximo (10,25-11,13). Neste caminho tem seu centro a vida do homem que é movido pelo Espírito, a vida do homem que sabe chegar ao segredo de Cristo e supera, portanto, o fechado ambiente judeu (11,13-12,12).

Somente aqui poderá são Lucas traçar o perfil desse reino de Deus em nossa vida, no caminho dos homens: grande parte deste perfil já ficou descrita nos

textos precedentes. Agora ele poderá ser unificado de um modo que chamaríamos de sistemático.

Lucas nos fala de uma só grande verdade: da presença do reino que Jesus proclamou, que se realiza no Espírito e se mostra como autêntica riqueza dos homens, seu tesouro e o sentido da sua vida. Possuindo esse tesouro que aparece como dom imerecido, como perdão que Deus nos outorga, o homem há de mostrar-se absolutamente desapegado. Todas as suas antigas riquezas perdem seu fundamento e se transformam em resíduo de uma velha idolatria. É idolatria tomar como absoluto qualquer tipo de bens que os homens criaram, materiais ou morais e, talvez, até religiosos (a lei dos judeus como autojustificação). A riqueza da terra deixa de ser idolatria ao converter-se em meio no serviço aos pobres, meio para a convivência humana, para o amor dos irmãos.

Tais são os temas que se ordenam aqui em torno do grande esquema do caminho de Jesus para a sua glória. Para facilitar a leitura das páginas que seguem, apresentamos, desde já, a sua divisão e problemática.

a) 12,13-13,9: riqueza do mundo e riqueza do reino se opõem. Quem segue a Jesus goza do autêntico tesouro que ilumina a sua existência (12,13-34). Esse tesouro o mantém em permanente vigilância. Chega o reino e é preciso estar preparando-o, decididos e transformando a nossa vida cada dia (12,35-13,9).

b) 13,10-15,32: mas, ao mesmo tempo, o reino que buscamos com todo o nosso empenho é algo que não se pode merecer. O poder da sua riqueza funda-se precisamente no fato de ele ser um dom gratuito, um perdão diante do qual nunca podemos apresentar a nossa exigência, um bem do pobre.

c) 16,1-17,19: voltando de certa forma ao tema precedente, Lucas centra a tarefa da nossa vida em

fazer-se violência pelo reino. É necessário que arrisquemos o que somos, que ponhamos nosso ser e nossos bens ao serviço do tesouro que anelamos e que se aproxima. Pois bem, quando parece que chegamos ao final do nosso esforço e que chegamos a conseguir o céu, tornamos a descobrir que somos servos inúteis e que o dom que se ofereceu às nossas mãos é muito mais do que somos e podemos merecer. Assim se dizia em 13,10-15,32. O reino realiza-se no perdão, na fé, no agradecimento que não se podem comprar, merecer nem pagar.

d) 17,20-37: Lucas se detém agora no tema do quando desse reino. Mas ao penetrar em suas palavras compreendemos que o essencial não é o quando de um tempo futuro. A realidade do reino se está jogando aqui, entre nós, no meio do caminho da vida. A meta não é somente algo que está no final. É a verdade e realidade do próprio caminhar da existência.

e) 18,1-30: tudo isso conduz, mais uma vez, á dimensão de profundidade do reino que só na oração se pode vislumbrar de alguma forma: é dom e não exigência da vida (18,1-17). Mais uma vez se alude a seguir à riqueza desse reino e do abandono de tudo para que se possa chegar a consegui-lo.

Como se pode observar no enunciado desses temas, em todo esse caminho Lucas se mantém num estreito campo de perguntas primordiais. Para que a leitura das páginas que seguem não apareça tão cansativa, resumimos de maneira telegráfica as linhas mestras.

1. Em torno de Jesus suscita-se, antes de tudo, a questão da *riqueza*. Rico é o homem que goza de fortuna nesta terra e corre o risco de fundar nela a sua existência. Jesus não a proíbe. Não destrói nada. Limita-se

a indicar-nos o tesouro que se acha no amor de Deus, o Pai, no caminho aberto para a altura (o reino). Saber que Jesus possui e nos concede esse "tesouro" é o princípio e fundamento da vida. Sabê-lo implica, ao mesmo tempo, descobrir que o nosso ser (a nossa riqueza da terra) é um serviço; só se pode utilizar como meio em uma vida voltada para os outros.

2. A riqueza nos conduz ao tema do *trabalho* e da *graça*. Diante da graça de Deus que nos desperta, a existência se converte numa inquieta conquista do reino; conquista que enfrenta o risco da própria vida; busca que exige esforço incessante. Mas tão logo nos fixamos no esforço, temos de voltar para a graça e descobrir que tudo o que somos e buscamos é um dom do céu. Isto nos situa no centro de um imenso paradoxo; por um lado, se nos ordena trabalhar sem medida; por outro se nos diz que em tudo está a graça. Para resolver este paradoxo é necessário que subamos a um nível mais alto, que vejamos o problema a partir dum plano de amor e de confiança. Descobrir esse clima que nos abre ao Cristo; tal é a nossa exigência.

3. Com isso chegamos à *oração*. Em todo o caminho Lucas pressupõe que a vida dos homens se concentra na oração. Uma oração que se desliga dos grandes gestos, se liberta dos feitos isolados e nos leva a iluminar a nossa existência a partir do reino. Essa oração não se aprende com palavras nem milagres. Não têm valor os discursos. É preciso chegar ao caminho; deixar tudo e existir no mistério de Jesus, o Cristo. As páginas que seguem, com repetições e ambigüidades, não têm outro sentido senão ajudar-nos a entender esse caminho. Só aquele que o viver e percorrer poderá captá-lo plenamente.

VI. O REINO: RIQUEZA E VIGILÂNCIA (12,13-13,9)

Como ponto de partida apresenta-se aquele ouvinte que pede a Jesus que se transforme em advogado de defesa para a sua herança. Jesus não apenas recusou (12,13-14) como também, aproveitando a ocasião, proclama: "Precavei-vos cuidadosamente de qualquer cupidez; não acrediteis que por ser rico alguém é dono da sua vida como é dono dos seus bens" (12,15). A vida não se possui. Não se compra nem se vende, não se pode conseguir e assegurar como o avaro consegue e entesoura as suas riquezas.

Não sendo a existência objeto de posse como os bens e as riquezas da terra, é preciso que os homens coloquem sua base de confiança em outras coisas. Quais? Ouçam primeiro uma parábola (12,16-21). Um lavrador julgou-se dono da sua vida ao conseguir em um ano numerosos frutos. Quando se achava mais seguro da sua própria situação, a voz de Deus lhe disse: "Néscio! Virão procurar-te esta noite. Que fazes?" (cf. 12,20). Aquele homem era rico para si, mas diante de Deus se achou vazio (12,21).

Já obtivemos uma linha de compreensão no problema. Existe, de um lado, uma riqueza que se fecha sobre o homem e o converte simplesmente num momento da complexa engrenagem da terra. Há, por outro lado, a riqueza para Deus que é a que abre a vida dos homens ao mistério, para além da fronteira da morte, nas raízes mesmas da vida.

Sobre este pano de fundo apresentou Lucas velhas frases de confiança diante do mistério da vida, confiança que se espelha para quem olha com amor até no próprio plano da vida das plantas e dos animais (12,22-29). O importante aqui não é deter-se nas comparações que podem ser consideradas a partir de um ângulo diferente, perdendo assim seu valor e urgência. O que importa é só suscitar a sensação de uma confiança: não

fomos atirados à existência; não estamos mais submetidos ao obscuro e inconsciente giro dos espaços e dos tempos, lá no fundo o mais forte é o amor de um pai, o amor de um coração que se preocupa conosco.

Tudo se resume numa contraposição fundamental: gentio é aquele que só garante a sua existência do ponto de vista do mundo, da comida e da roupa, dos poderes materiais e do dinheiro. Não conta com outros bens e acha-se escravizado por aquilo que julgou possuir e o possui. Vós, porém, tendes em última análise um Pai. Por isso, a preocupação fundamental da vossa vida só pode ser aquilo que apresenta relação com esse Pai: o amor e a justiça, a confiança e a procura do bem do outro (cf. 12,30).

Fica assim traçada mais uma linha para entender o tema. Rico para o mundo é quem vive afogado, escravizado na sua riqueza, é o gentio que tenta fundamentar a sua realidade e assegurar a sua vida naquilo que tem (bens e dinheiro). Rico para Deus é quem sabe que o homem é sempre mais do que aquilo que tem; é quem busca a sua própria plenitude na confiança, no trabalho pelos outros, o mistério do amor que Deus estende para sempre entre os homens.

"Buscai primeiro o reino de Deus e todo o resto vos será dado de acréscimo" (12,31). Não; isto não quer dizer que o homem deva preocupar-se apenas com o gozo e a contemplação do divino. Buscar o reino significa trabalhar para o amor, servir ao pobre... significa colocar como princípio e fundamento da vida aquelas normas que Jesus nos deixou como base de todo o seu evangelho. Mas vamos adiante. A palavra sobre o reino termina com duas notas, a primeira de consolo (12,32) e a segunda de exigência (12,33-34).

O consolo dirige-se aos pequenos, aos pobres e perdidos da igreja, que não possuem mais do que um pouco de confiança em Jesus Cristo e no entanto já desfrutam do gozo no oculto do seu reino:

Não tenhais medo, pequenino rebanho;
pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o reino (12,32).

O rebanho de fiéis que olham com olhos de simples confiança, esse grupo que nada tem e se assusta com todos os bens e forças que movem a terra... parece pequeno mas é grande. "O Pai vos deu o reino". Não se trata de dá-lo mais tarde, lá no fim, quando os ricos morrerem e se inverterem os papéis do teatro da vida. Já agora, neste instante, são grandes os cristãos porque amam, porque têm no centro das suas vidas a confiança, porque esperam. Enfim, porque é o próprio Deus o seu tesouro e não se apóiam nos problemáticos e sempre reduzidos bens da terra[3].

Por isso foi acrescentada a nota de exigência. É preciso entesourar para esse reino. Como? No amor. Vendendo o que tens e dando-o em esmola (12,33). Convertendo a tua existência numa pura alegria para o triste, numa ajuda para o pobre, em fonte de comida para aquele que passa fome. O coração do homem há de encontrar-se lá onde reside o seu tesouro (12,34). É coração para este mundo se os seus bens são do mundo. É coração para os céus — o amor, a vida — se os seus bens são os outros, os irmãos, os pobres.

O reino não se adquire como podem adquirir-se as riquezas da terra. Ele se dá onde se vive no amor, para os outros, sustentado na confiança de Deus Pai. Esse reino como riqueza da vida é tema primordial no caminho de quem segue a Jesus Cristo (Lc 9,18). Será o tema fundamental dos primeiros capítulos do livro dos Atos.

Continuemos. Tendo mostrado ao homem a riqueza máxima e o seu tesouro verdadeiro, Jesus transformou-o num ser inquieto. Já não pode descansar enquanto anela essa fortuna; nem dormir é possível

3. Cf. W. Pesch, *Zur Formgeschichte und Exegese von Lk 12,32:* Bib 41 (1960) 25-40.

enquanto está ausente o senhor que é esperado a cada momento.

> Estais sempre vestidos e cingidos, com a lâmpada acesa na mão, como o homem que espera a seu senhor... para que quando vier e chamar, se lhe abram sem tardança as portas (12,35-36).

O importante não é que o amo venha numa ou noutra hora da noite. O que se pede é viver na tensão da sua chegada, é ocupar-se sem cessar dos mistérios desse reino que ainda não está chamando com um bater decisivo em nossa porta, mas existe em meio à noite e determina de modo radical a nossa existência.

A vida vigilante, porém, não é tão-somente pura e simples espera, um viver vazio no anseio de um futuro pleno. Pedro indagou, referindo-se ao problema: dizeis isto para nós ou para todos? Jesus não precisa concretizar. Volta ao mesmo assunto. Acrescenta:

> Qual é, então, o administrador fiel e prudente a quem o senhor deixa o encargo de cuidar dos seus, para dar em tempo oportuno a ração de trigo? Feliz o servo que o senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado... (12,42-43).

Tempo de espera significa para Lucas tempo de serviço, porque o reino já se reflete de forma decisiva na nossa terra. É muito possível que ao falar do administrador a quem o Senhor pôs à frente da sua casa Jesus se refira aos próprios dirigentes da igreja. A vigilância que lhes pede traduz-se no serviço. O poder que lhes confere não é capricho ou simples ordem; é um dever de preocupar-se com os outros. Mas logo depois, o que talvez se referisse aos "ministros" da comunidade aplica-se a todos os homens da terra. Foi a todos confiado um tipo de serviço, quer o saibam, quer pretendam ignorá-lo, de tal modo que a quem mais recebeu se há de pedir contas mais estritas (12,47-48).

Esta vigilância do reino não é um tipo de serviço como tantos outros. A sua riqueza não é um bálsamo que se passa e tudo suaviza: "Eu vim trazer fogo à terra", diz o Cristo (12,49). A sua mensagem e a sua verdade são uma espada que separa as metades da vida e que, se necessário, introduz-se naquilo que o mundo julga mais sagrado, a família. Diante do único dom que é decisivo, o resto se torna sombra, puro esboço.

O lavrador vive dependendo dos sinais dos tempos, de tal forma que se acha preparado para o que ainda não se realizou mas vem. De modo semelhante têm de viver todos os homens com relação ao tempo salvador do reino; os seus sinais já encheram a nossa vida; estamos inundados de presságios. Não o advertimos? (cf. 12,54-56).

É preciso que comecemos a mudar-nos. Por mais que o caminho não tenha sentido se não se compreende em função da meta, é possível mudar ainda; a nossa realidade ainda não se firmou de modo decisivo. É tempo de procurar fazer as pazes (12,57-59). Tempo de conversão. Pode mudar a nossa atitude, pode mudar a nossa forma de existência. O reino está à nossa frente e no-lo pede. O risco imenso da morte nos rodeia e nos ensina que é preciso que não mais estejamos desprevenidos. Tudo é sinal do reino que se aproxima, ou da vida que se torna maldição para os homens. Aqui, neste instante, chama a voz que procura converter-nos (cf. 13,1-5).

Havia uma figueira plantada no meio da vinha. Durante anos falharam os seus frutos e o dono já pensa em cortá-la. Este parece ser o sinal em que se reflete a nossa existência: sucedem-se os anos vazios e o Deus da vida poderia, quereria cortar-nos. Existe, porém, um resto de esperança; pode dar-se à figueira um momento final e decisivo de prova. Talvez dê frutos; se não, será preciso cortá-la (13,6-9).

A figueira parece ter sido uma imagem do povo de Israel e dos seus longos anos estéreis. Entretanto, ao situá-la neste contexto Lucas se dirige a todos; todos nós podemos ser árvore infrutífera, cheia de folhas, aparentemente verde e no entanto completamente inútil. A conversão (a exigência do reino) está chamando à nossa porta. Poderia parecer que o reino fosse questão de "administração", de "conversão" humana. Pois bem, por mais importantes que sejam as obras, por mais urgente que pareça o chamado à conversão, é preciso ter bem em mente que o reino é "dom de Deus", é um perdão que nos oferecem sem que nunca possamos merecê-lo. Disso falarão os versos que agora seguem, ao menos dum modo geral.

VII. O DOM DO REINO E A RESPOSTA HUMANA (13,10-15,32)

Com os temas anteriores correu-se o risco de esquecer que o reino está fundado na palavra de Jesus e em seu caminho ao Pai. Recordamo-lo agora ao ver que esse Jesus está na sinagoga e livra uma mulher das suas dores (13,10-17). É sábado e a ordem religiosa de Israel foi violada. Por isso o chefe da sinagoga se aborrece. Jesus não se perturba: apresenta o milagre de Deus que liberta os homens do mal (13,16) e não pode deixar de oferecê-lo, embora choque aos homens que vivem fechados em torno do seu mundo já pronto. Jesus apresenta o reino. Porque o reino é o grão de mostarda que está oculto em nossa terra; é um fermento que já se acha maturando a massa (13,18-21). Está dentro, como um dom que se ofereceu. Não se vê nem se distingue mas existe e é a força decisiva que concede o seu sentido ao mundo.

O reino já está dentro e, no entanto, é, ao mesmo tempo, objeto de conquista, é uma meta à qual o ho-

mem deve tender sem descanso. Porque é estreita a porta e não se pode entrar quando se fecha (cf. 13,22-25). Diante dela perdem a validade os privilégios anteriores. De nada vale afirmar: "Comemos e bebemos em tua presença e tu ensinaste em nossas praças" (13,26-27). Certamente aqui se fala, em princípio, aos judeus que comeram e beberam com Jesus, que escutaram as suas palavras pelas ruas e o viram. Nada; isso não vale nada. Também se alude aos cristãos que poderiam cair na presunção por causa de seu contato externo com Jesus. Isso não importa. Não tem valor algum para aqueles que cometeram a iniquidade. E a sua desgraça é maior quando virem que do oriente e do ocidente vêm pessoas esquecidas e se assentam à mesa do banquete com os antigos patriarcas de Israel (cf. 13,27-29).

Notemos um detalhe. O próprio Jesus é agora a porta decisiva. A verdade e o destino do reino se decide, portanto, em torno desse homem. Não há poder que o submeta; não há força sobre a terra que o impeça. E apesar disso ele mesmo toma sobre si um destino de profeta perseguido que realiza a sua missão por meio da morte:

> Expulso demônios e realizo curas hoje e amanhã e no terceiro dia chego ao meu termo. Mas é preciso que eu caminhe hoje e amanhã e no dia seguinte, pois não convém que um profeta morra fora de Jerusalém (13,32-33).

Adverte-se assim que tudo o que o evangelho diz do reino e da sua riqueza não é mais que uma expressão dessa grande obra de Jesus, a conseqüência e o efeito do caminho que percorre entre os homens e culmina em Jerusalém, cidade santa e maldita.

Jesus tenciona unir em torno de si Jerusalém e todo o povo israelita; chamou-o com palavras da antiga sabedoria de Deus e o povo se recusou. Por isso, agora

Israel fica sozinho. A sua casa, aquela casa que era o templo de Deus fica vazia (13,34-35). Mas a obra do profeta não pode ter sido em vão. Virão do oriente e do ocidente novas nações e encontrarão um lugar no banquete de Deus que está vedado ao povo israelita (cf. 13,28-29). Desse banquete e das suas normas fala Lucas num texto profundamente evocativo que, iniciado numa mesa deste mundo, nos translada até o mistério profundo do grande reino (14,1-35).

É sábado e Jesus almoça em casa de um fariseu ilustre. Tudo o que ali se realiza é símbolo do grande banquete escatológico do reino. Há um homem enfermo. Sem hesitar, tocando-o, Jesus o cura. Os representantes de Israel sentem-se contrariados. Jesus não cede: fazendo o bem e libertando o oprimido acha-se por cima de todas as limitações e legislações religiosas (14,1-6).

A cura não foi um fato isolado. O dom que ela supõe implica um novo modo de se comportar: nunca se pode pretender o primeiro lugar e destacar-se, pela honra, sobre os outros. É preciso buscar sempre o lugar mais retirado. Mas esse é só o lado negativo da vida. O homem atua, entabula relações com os outros, ajuda-os e vive sempre dependendo deles. Pois bem, diz Jesus, no banquete da vida a lei mais fundamental não pode ser o intercâmbio: eu te dou para que me dês, convido para que me convides, te ajudo para ser depois ajudado. Isso transforma o mundo num negócio. E o mundo verdadeiro de Jesus é apenas amor e não negócio.

Aqui se diz: convida aqueles que não te podem retribuir, ajuda o pobre e dá sem interesse, sem esperar a recompensa. Parece que tens prejuízo e, no entanto, estás criando ao teu redor uma imagem daquele reino decisivo. Vão dizer que és idiota e que não sabes o que é a vida neste mundo e, não obstante, estás formando no mundo essa verdade e "inteligência" que é de Deus e que se mostrará na ressurreição dos mortos (17,7-14).

A ressurreição é o próprio banquete do reino (14,15). Lá obtém o seu prêmio real, desde agora, aquele que ajuda os outros e dá sem pedir recompensa. Mas o reino é, ao mesmo tempo — como já dissemos — dom divino (14,15-24). Está fundado no chamado pelo qual Deus convoca para fazer participar do seu bem e da sua alegria os que estavam convidados. Israel é que estava convidado, nem precisa dizê-lo. Foi chamado por Jesus e recusou o convite. Tem bois e mulheres, campos, coisas da vida que entretêm e não permitem seguir o grande apelo. Por isso ordena o grande Senhor que os seus criados saiam às praças e aos campos e convoquem todos que encontrarem: os pobres e cegos, os perdidos e esquecidos da vida, todos. Todos os que só possuem a sua miséria e são capazes de escutar a voz que chama, os que sabem que a vida não é domínio que nos prende, mas a surpresa na qual a voz de Deus nos fala.

A palavra de Deus que atua em Jesus traçou uma linha divisória no meio dos homens. De um lado se acham aqueles que pensam que existe no mundo um valor intocável: trata-se daqueles que põem a ordem (sagrada ou profana) acima do homem e, portanto, parecem ser seus escravos. Por isso não podem chamar quem está perdido, convidar quem nada lhes dá em troca. Assim, quando se faz ouvir a voz que convoca ao banquete de Deus, acharam-se ocupados com graves problemas e deixam que passe a hora.

Do outro lado se acham aqueles que nada possuem ou que colocam suas posses ao serviço do próximo. São os que convidam sem segundas intenções, dão sem fazer contas e se alegram simplesmente com a vida que repartem ao seu redor. São aqueles que, escutando o chamado que lhes chega para o banquete, deixam tudo porque nada os prendia e se dispõem para a festa.

Parece que o segundo grupo leva uma existência fácil. Todavia, penetrando na profundeza da sua pró-

pria realidade, Jesus mostra que essa atitude é "sacrifício". O sacrifício de colocar tudo a serviço dos homens e do reino: casa e vida, alma e família (cf. 14,25-27). Não se trata de uma despreocupação, mas da maior de todas as preocupações. Trata-se de ter que situar tudo na luz resplandecente do reino, converter a nossa existência em dom para os outros, transformar a vida em sal do cosmo e arriscar tudo, tudo pelo reino (cf. 14,25-35).

A dupla atitude dos homens e o gesto de Deus que perdoa por Cristo aos pobres do mundo vai ser explicada de forma absolutamente impressionante nas parábolas do filho, da dracma e da ovelha perdidas (15,1-32)[4].

Quem pretende ser o "dono deste mundo", quem se apóia em sua riqueza e até nos seus bens religiosos (o judeu) não suporta a atitude de Cristo que tomava refeições com os pobres; não permite que a igreja estenda o seu ministério de perdão aos humildes da terra, aos gentios e esquecidos, marginalizados, pecadores. Jesus defendeu a sua atitude. A igreja justifica a sua posição. Sobre o modelo da ovelha perdida (Lc 15,1-7) que em Mateus se refere a outro contexto religioso (Mt 18,12-14) apresenta-nos Lucas a parábola estritamente paralela da dracma (15,8-10) e se alonga depois com a do filho pródigo (15,11-32).

Qualquer pastor que tenha perdido uma ovelha coloca as outras em lugar seguro e se arrisca a buscar a que falta. A mulher que nota a falta de uma moeda não se ocupa das outras; ilumina sua casa e limpa tudo até encontrá-la. Em ambos os casos sucede uma mesma alegria: a de se encontrar o que se achava em perigo. Pois bem, diz-nos Lucas, a atitude de Deus é semelhante. Não se detém naqueles que parecem sãos, não

4. Cf. C. H. Ciblin, *Structural and theological considerations on Luke 15:* CathBibQuat 24 (1962) 15-31.

se ocupa somente dos justos. Deus é bom e se interessa de forma peculiar pelos perdidos (15,1-10).

Este amor de Deus pelos perdidos que justifica a atitude de Jesus e a prática da igreja costuma ver-se de maneira especial na parábola chamada do filho pródigo (15,11-32). E é certo; na primeira parte da parábola se fala de um filho que dissipa os bens do seu pai e que, ao voltar, encontra de novo o bom pai que o espera e o perdoa. A imagem do pai é particularmente apropriada para indicar a força do amor divino. Contudo, poderíamos deter-nos no exterior.

Certamente, o pai espera pelo filho que se tinha extraviado. Todavia não faz mais do que esperar. Não sai ao encontro do filho. Pelo contrário, o pastor e a mulher deixam tudo e vão em busca da ovelha e da moeda que perderam. Isso nos mostra que o ponto culminante desta parábola não é o amor do pai; se assim fosse, deveria apresentar um pai que, deixando seu sítio e sua casa, partisse em busca do filho perdido e o suplicasse até que voltasse.

O centro da parábola está no final. É a discussão do filho bom com seu pai. O filho bom é Israel e ele se aborrece pelo fato de voltarem os perdidos. Irrita-se porque organizam um banquete para aqueles que estavam já esquecidos. Pensou que a casa fosse sua e não quis preocupar-se com os outros. O pai, ao invés, busca o pobre. Representa a atitude de Jesus Cristo e da igreja que se ocupa dos homens que se acham esquecidos e perdidos, pecadores, publicanos e gentios. A defesa do perdão e a atitude de Cristo fica clara.

VIII. A RIQUEZA E O RISCO DO REINO PERDÃO E AGRADECIMENTO (16,1-17,19)

Certamente, o reino é dom de Deus que escolhe e que perdoa, dom que se traduz numa vida peculiar: quem pretende fechar-se sobre si perde-se, converte-se num ser estéril. Mais uma vez, na dialética lucana da graça (Deus, perdão) e das obras dos homens descobrimos a exigência de uma vida que responda ao dom do reino.

A exigência dessa vida se traduz na parábola do sábio mas injusto administrador de bens (16,1-13). O Senhor descobriu que ele o engana e se dispõe a despedi-lo. Com os poderes que ainda lhe restam, o injusto servo falsifica o livro das contas e reduz de forma desavergonhada as dívidas que os clientes devem a seu amo. Pensou: vão me ajudar quando eu já estiver na rua. Pois bem, esse modo de agir do servo converteu-se num modelo. Como? Ele não ilude? Certamente ilude, mas emprega as riquezas como meio de adquirir amigos. De modo diferente, mas igualmente decidido, os cristãos têm de tratar com o dinheiro ao qual se chama "injusto". Para quê? Para conseguir também amigos, não no plano deste mundo mas no plano eterno, ajudando os pobres, os perdidos, os sem força, aqueles que não podem retribuir-nos e nos fazem amar sem recompensa da terra (cf. 6,27s).

Isto não é simplesmente uma indicação superficial. Lucas o toma absolutamente a sério, de tal modo que em sentenças acrescentadas à parábola se diz que só quem for capaz de ser fiel no pouco (o pequeno, as riquezas deste mundo, o bem alheio à nossa vida que será sempre o dinheiro), só esse terá e tem parte na riqueza verdadeira: o reino (cf. 16,10-12). O reino não se acha separado da vida; realiza-se através do nosso encontro com os outros, de acordo com o uso que fizermos do dinheiro.

Encerrando a interpretação da parábola aparece uma sentença decisiva: "Ninguém pode servir a dois senhores..." (16,13). Quem idolatra a riqueza converte-se em inimigo de Deus e do seu reino. Quem adora a Deus não pode fazer da riqueza um absoluto; há de considerá-la como meio que orienta para o amor e como forma de ajudar o outro. Os fariseus, ao ouvir isso, desprezam Jesus e sua doutrina; desprezam-no porque ignoram o autêntico sentido da vida (cf. 16,14). Neste contexto proclama-se uma sentença chave de são Lucas:

> Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus vos conhece deveras; porque o que é elevado diante dos homens é abominável para Deus (16,15).

A riqueza dos fariseus consiste em "quererem passar por justos". O judeu de Paulo quer assegurar sua salvação por meio da lei que rigorosamente cumpre. O judeu de Lucas busca um tipo semelhante de riqueza, uma riqueza interna: faz-se passar por justo, presume de seu próprio valor, não aceita o outro, o desprezado e o pequeno da terra. Pois bem, essa riqueza da qual quer gloriar-se diante de Deus o fariseu é puro engano e mentira.

Nas sentenças seguintes (16,16-18) matiza Lucas a dureza do seu juízo. Certamente, já terminou o tempo judeu e ninguém se pode justificar apelando para a lei e os profetas. Movemo-nos num campo de exigência que pertence ao reino (16,16). Entretanto, não se pode esquecer que o fundo e a verdade da lei permanecem e se cumprem. Esse fundo é o tema de Lucas[5].

5. Nesse contexto Lucas introduz a palavra sobre a solidez do laço matrimonial: 16,18. De passagem, queremos assinalar que H. Conzelmann, *Die Mitte der Zeit*, 14s, 103, 104s., 149s., fixou-se de modo unilateralmente excessivo no versículo 16,16, interpretado como uma "fixação" dos diversos momentos da história.

Cristão é em Lucas o homem que tem atitude de profunda pobreza: não faz exigência a Deus e agradece o dom que lhe dão. Não pensa que pode ser justo em virtude de um esforço e, em troca, põe-se à disposição dos outros. Tudo isso estava de algum modo na velha lei judaica, mas é preciso chegar a compreendê-lo plenamente e só em Jesus é que isso se consegue.

Neste contexto entende-se a parábola do rico e do mendigo (19,19-31). O rico se deleita em sua fortuna (material, intelectual ou religiosa) enquanto deixa que o pobre definhe à porta de sua casa. Pois bem, esse a quem chamam de rico, é para Deus o pobre. O excelso deste mundo era a seus olhos miserável. Logicamente, a sua vida termina no sepulcro que é o hades do fracasso e da condenação. O pobre, ao contrário, acha-se aberto para Deus, é rico de verdade e com a morte se revela o seu tesouro lá no seio de Abraão, no cumprimento de todas as promessas.

Não seria necessária uma revelação para se chegar a descobrir este sentido profundo da vida? Um milagre, a vinda do morto a esta terra? Não. Basta a lei e os profetas que indicam o caminho daquilo que culmina com Cristo (cf. 16,29-31).

Devemos salientar que Lucas pressupõe aqui uma *escatologia individual*. Não é preciso esperar o fim do mundo para que o homem chegue ao seu fracasso ou à sua meta. A própria morte, realizada no contexto do reino, manifesta os traços mais profundos do homem: é morte que nos leva ao seio prometido ou morte que nos afunda no abismo do fracasso desse mundo mau. Teremos ocasião de voltar a isso ao comentar passagens como a do bom ladrão (Lc 23,43) e de Estêvão (At 7,54-60). Algo semelhante pressupõe também aquele texto do rico insensato que já vimos (Lc 12,16-21).

Poderia parecer que tudo isso nos situe de novo, de certa forma, num contexto de obra humana. Certamente é um "agir" que não pretende encontrar segu-

rança ou recompensa neste mundo mas, mesmo assim, é preciso concretizá-lo mais a fundo. É o que farão os textos que agora seguem.

A comunidade cristã edifica-se sobre dois princípios. O primeiro é evitar de forma cuidadosa todo dano que se possa fazer aos outros; o segundo é perdoar sempre a quem tenha podido nos causar dano (17,1-4). Era semelhante a estrutura de 14,7-14. O fundo é sempre o mesmo; quem ouviu a Jesus vê-se convidado a não exigir, a perdoar o outro. Ao mesmo tempo sabe que deve dar e dar do que é bom, sem medida e evitando sempre causar prejuízo.

Isso nos faz viver nesse plano de fé no qual, conforme se diz, é possível conseguir tudo. Certamente, a fé é mais poderosa e tem muito mais valor e consistência que a árvore, a montanha, o rio. Chega ao fundo de Deus e dos homens, a esse fundo no qual brota e se sustenta tudo. Quem vive na fé não precisa "transportar montanhas" porque sempre as transcende e já se acha na vertente verdadeira das coisas.

A fé se esforça por observar o conteúdo do ensinamento de Jesus, coloca os homens em constante e decidido serviço aos outros. Pois bem, quando já fez tudo e se esforçou por cumprir sua tarefa, a fé nos leva a confessar: "Somos servos inúteis; fizemos apenas aquilo que devíamos ter feito" (17,7s).

O homem que vive nesta atitude é certamente pobre, pois nada tem como próprio; mas ao mesmo tempo é imensamente rico. Vive na chama do amor divino, desse amor que dá e não pede, que realiza a sua missão e não apregoa os seus esforços. Descobrir a importância de "mover-se nesse centro" ... tal é o objetivo da obra de Lucas. Viver nesse centro significa descobrir o valor do agradecimento (cf. 17,11-12). A parábola nos fala de dez leprosos que foram curados; só um deles volta a Jesus Cristo, o seu Senhor, e dá graças. Certamente é difícil encontrar o valor daquilo que nos

deram. É difícil, porém necessário. Descobrir Jesus como dom de Deus; aceitá-lo como alegre reverência e mostrar depois que somos, que sabemos ser agradecidos. Isto é que é decisivo. Toda a vida do cristão é puro agradecimento (resposta) ao dom que Deus nos ofereceu por seu Cristo.

IX. O QUANDO DO REINO (17,20-37)

Por mais valiosas que possam parecer-nos as observações anteriores, para grande parte dos homens a pergunta decisiva continua sendo: quando chega o reino? Pois bem, Lucas não quer responder a essa pergunta; mais ainda, procura desviá-la para outro terreno:

> O reino de Deus não vem de maneira que se possa observar externamente; não se poderá dizer "está aqui" ou "ali". Vede, o reino de Deus se acha entre vós (17,20-21).

O judaísmo daquele tempo parece obsessivamente preocupado com o "quando", de tal modo que o reino se transforma num mero além; corre-se o risco de separá-lo da vida concreta dos homens. Lucas procura superar esse conceito. De algum modo, o reino já está dentro dos homens; realiza-se superando a riqueza do mundo, na abertura ao grande tesouro de Deus que é absoluto e na ajuda aos pequenos e perdidos.

O reino está dentro e, não obstante, ainda não chegou o dia em que o filho do homem se revela. Como se pode explicar essa ruptura? A origem do reino encontra-se no sofrimento e na rejeição de Jesus, filho do homem. Parece incompreensível mas é exato. Não se pode considerar o reino como um efeito ou qualidade do mundo. É dom de Deus e se enraíza no caminho

de Jesus ao Pai. É realidade que nos transcende (não se esgota neste mundo) e vem (vai se manifestar) plenamente na chegada gloriosa de Jesus, o Cristo (cf. 17,22-25).

Com isto chegamos a descobrir os dois momentos fundamentais da história salvífica. Na origem encontra-se o sofrimento do caminho de Jesus. No final a irrupção da glória desse mesmo Jesus, filho do homem, que se mostra qual relâmpago e tudo inunda com sua força. A identidade desse Jesus que sofre (no passado) com o filho do homem que vem nos mostra que o reino não tem outra lei nem outra verdade senão o mistério do Cristo que vem semear na terra o caminho.

No princípio e no fim está Jesus. No caminho, e arraigados na sua força, estamos nós. Mas já não estamos sós. A verdade do reino está escondida entre nós. É necessário que não se repita o que sucedeu nos tempos de Lot ou de Noé. Os homens comiam e bebiam ignorando que no meio deles próprios se preparava a verdade terrível. Os nossos dias são como aqueles dias antigos. Podemos supor que a verdade do reino seja pura palavra de mentira. A vida continua como se nada germinasse nela. E contudo está lá dentro a semente de Jesus; está lá dentro, silenciosamente oculta mas imensamente forte, a verdade do reino. A situação de cada homem é a daqueles que nos tempos de Lot e de Noé ignoravam a realidade precisa do seu momento; pareciam certos da permanente estabilidade do mundo. Pois bem, estava dentro — dentro deles mesmos — o juízo decisivo.

Esta situação de "permanente juízo" traduz-se nas palavras que seguem: "Quem pretender salvar a sua vida vai perdê-la; quem a perder vai conservá-la" (17,33). Aqui já não importa nem o quando nem a forma externa. Esse problema acabou sendo secundário. Certamente, Lucas crê que haverá um final do tempo.

Mais: supõe que o fundamental nesse fim não é a queda do cosmo e das suas forças, o desmoronar-se da terra e dos seus astros. O decisivo é que "Cristo vem". Na sua vinda e não na ruína dos mundos tem o seu sentido o universo.

Pois bem, mesmo quando o fim universal seja uma espécie de pano de fundo em que tudo culmina, o importante é a decisão de cada dia. Essa decisão na qual o reino se realiza em nossas vidas. A decisão na qual a riqueza de Deus se mostra como o aspecto primordial do mundo. Quem se enraíza nesse reino que está no interior, quem se torna um homem rico da riqueza dos céus, encontra-se com Jesus no autêntico caminho que não termina com a morte, pois só acaba lá na glória de Deus Pai.

X. A ORAÇÃO DO CAMINHO: DE NOVO A RIQUEZA (18,1-30)

O ensinamento sobre a oração no caminho condensa-se em três cenas claramente definidas e progressivas. Lucas é um narrador que não constrói sobre idéias. Prefere centrar-se e centrar suas idéias em "histórias", detalhes e gestos. Assim, em concreto, a exigência de se manter constantemente em oração se mostra na parábola do juiz e da viúva (18,1-8). A oração da pobreza formula-se na parábola do fariseu e do publicano (18,9-14) e a abertura filial e confiante dos homens ao mistério reflete-se na sentença de Jesus sobre as crianças (18,15-17).

É necessário manter-se em oração. Como a viúva que com seu pedido incessante conseguiu que o juiz injusto lhe fizesse justiça (18,1-8). Achamo-nos perante Deus dia após dia e, sem cessar, a nossa existência tem de mostrar aspectos de súplica. Seremos capazes de estar vigiando, de guardar a nossa fé até o final, de

manter-nos abertos ao Deus que é piedade e esperar por ele? Esta é a questão.

Mas não se trata de uma forma qualquer de esperar. Também o fariseu sobe ao templo e diz abertamente que para ele é importante a oração e a realiza. No entanto, a sua palavra é oca. Não buscou Deus e se contenta com a sua própria perfeição humana, tida como suficiente. Ao contrário, o pobre, o publicano, sobe a Deus e se descobre atolado na miséria. Sobe a Deus e pede auxílio. Acha-se sozinho e procura companhia no caminho. Por isso chama. Já não importa o seu passado, não interessa o êxito que tenha no futuro. Lá onde se encontre um homem que se sente só, lá onde levante as mãos para Deus implorando auxílio, existe oração autêntica.

A oração não consiste em profundas e longas palavras. Exemplo de oração é o gesto de um menino que confia nos outros e deixa quem venham, o tragam e levem (18,15-17). A oração da vida não é outra coisa senão colocar o que somos, temos e fazemos ao brilho do reino. Nada exigir, mas confiar que o Deus de amor nos apóia, nos assiste e nos rodeia. Saber-nos apenas inúteis, perdidos, pecadores e sentir, ao mesmo tempo, que apesar de tudo, é Deus o nosso tesouro e nosso amigo e somos, portanto, verdadeiramente ricos. Como o menino que não tem nada e é o dono da casa e centro do cuidado dos pais que antes de tudo buscam o melhor para ele. Como a viúva que está sozinha e sem justiça e, não obstante, tem em Deus, o juiz autêntico, o seu triunfo e a sua justiça.

Poderia parecer que a oração nos deixa no perigo da passividade absoluta. Para contestá-lo Lucas apela para a função da riqueza (18,18-30). Com isso concluirá a grande secção do ensinamento de Jesus no caminho (12,13-18,30).

A função da riqueza. Um chefe de Israel perguntou-se sobre a forma de alcançar a vida eterna.

A sua vida é um modelo. Representa Israel e cumpriu os antigos mandamentos: não rouba, nem mata, nem comete impureza... Mas isso ainda não basta. Isso não é mais que o modo de atuar do fariseu que no final pode aproximar-se de Deus e apresentar-lhe "contas favoráveis" (cf. 18,11-12). É preciso abandonar tudo; a segurança, até a própria confiança que se baseia em boas obras; nada disso conta ante os olhos de Deus, nada nos salva. Só importam duas coisas: seguir a Jesus e dar tudo àqueles que são pobres (18,18-23).

O que Israel, representado por seu chefe (18,18), não realiza é o que fizeram Pedro e seus amigos: deixaram tudo, absolutamente tudo, pelo reino. Porque o seguir a Jesus que se pede ao rico (18,22) e aquele "deixar tudo pelo reino" dos discípulos de Jesus (18,28) dirige-nos claramente para uma mesma verdade e uma exigência.

Abrindo-nos ao mistério de Jesus e do seu reino, o evangelho nos conduz à mais profunda liberdade; quem a vive e sente já está arraigado no decisivo; penetrou nele o éon perfeito e possui "vida eterna". A vida eterna não consiste só num mero além. Essa vida significa penetrar já desde agora na autêntica profundeza da existência, lá onde as coisas têm o seu valor, onde o amor é decisivo, onde o homem conta, onde importa apenas o mais humilde serviço aos pobres. Essa vida de fidelidade ao evangelho nos oferece desde agora o cem por um; é cem, mil vezes mais valiosa que a vida que se leva escravizado pelas riquezas.

A riqueza acaba sempre matando a quem procura fundar nela a sua vida. Por isso é impossível, humanamente, que os ricos cheguem a gozar do reino (18,24-27). O modelo deles foi o fariseu. Basta-lhes o que possuem e não buscam a verdade do céu. Consideram que a sua vida é justa e não se ocupam dos pobres. Diante deles o evangelho não apresenta mais do que um gesto, uma palavra: "Dar tudo aos pobres e seguir a Cristo".

Pôr toda a própria vida à disposição dos outros, dedicar-se ao bem dos outros... e viver no mistério de Jesus que anuncia o reino, preocupa-se com os pobres e se mantém na alegria permanente do mistério de amor que nunca termina.

XI. DE JERICÓ A JERUSALÉM (18,35-19,27)

O terceiro anúncio da paixão nos submerge inteiramente no caminho: "Subimos a Jerusalém e se cumprirá o que disseram os profetas". O filho do homem dirige-se abertamente para a sua morte (18,31-33). Só nesse dado adquire sentido o que diz Lucas sobre o reino; a riqueza dos céus, o amor aos pobres, a oração e o seguimento. Se por um momento o evangelho ficasse sem Jesus, se não existisse a sua orientação para a morte e a sua vitória três dias após, toda essa história de apelo e de exigência se demonstraria nula e não seria mais do que um sonho.

Mas o certo é que, embora não se entenda plenamente, Jesus sobe (18,34). E o seu caminho suscita, de uma vez, todo um ambiente de perdão, de dom de Deus e de serviço. Com a sua habitual segurança, Lucas resume em três traços finais o que foi tema medular do seu discurso do caminho.

1. *Graça e luz para os cegos* (18,35-43)

Estamos em Jericó e diante do caminho de Jesus surge um cego. Na sua oração não oferece diante de Jesus nenhum valor. Simplesmente diz: "Tem piedade; faze que eu veja". Pondo-se diante do Deus que passa por Jesus, o cego é símbolo do homem que não tem pretensão alguma e no entanto se acha aberto perante o mistério e chama. Jesus abre os olhos; os de dentro e os de fora. O cego começa a ser um homem. Deixa tu-

do, ainda que não tenha — supõe-se — grandes bens que se possam comparar com os do chefe que cumpriu os mandamentos do antigo testamento (cf. 18,21) e continua preso à sua riqueza. O cego deixa tudo e acompanha Jesus pelo caminho, com alegria (18,35-43).

2. *Mudança de atitude do homem e as riquezas* (19,1-10)

A exigência contida no seguimento do cego expressou-se de modo mais preciso no chamado e na resposta de Zaqueu (19,1-10). Zaqueu é publicano. A sua obscuridade é diferente daquela que se ocultava no olhar do cego do caminho. Zaqueu é rico. Vive para o seu dinheiro e não se ocupa dos outros. Por isso é publicano. Mas tem curiosidade de saber quem é Jesus e com esforço se aproxima até o caminho. Jesus olha. Descobre-o e diz: "Convida-me à tua casa". A cena é curiosa. Normalmente é o dono da casa quem chama. Mas Jesus não necessita que o busquem; adianta-se e chama. Prontamente Zaqueu o recebe.

Aceitar Jesus — receber o dom que oferece o céu — implica uma mudança na atitude e na conduta. Não basta dizer: "Sinto-me são". Não basta mudar as intenções. Não sabemos o que sente o bom Zaqueu. Ao evangelho só interessa a sua conduta: onde roubei farei justiça e darei quatro vezes mais do que aquilo que tirei. E quanto ao meu dinheiro, a metade dele porei à disposição do pobre. Zaqueu está a caminho de aprender. Soube escutar a palavra que veio chamá-lo. Jesus comenta: a salvação entrou nesta casa (19,9).

3. *A exigência de dar frutos* (19,11-27)

Mas o caso do cego que se põe a serviço de Jesus (do reino) e o de Zaqueu que aprende a usar a sua ri-

queza servem como moldura da mensagem universal da parábola que trata do uso das minas (19,11-27). Termina o caminho e Jerusalém já está muito próxima. Aproxima-se o fim, pensam as pessoas. Tudo muda! Pois bem, nesse ambiente explica Lucas o sentido do viver diante da meta. Não; o reino não leva à utopia de um futuro que nos livra do trabalho presente. O reino se precisa na exigência do agir de cada dia. Isso é o que nos diz a parábola.

Indo para longe, o Senhor confiou aos criados os seus bens. Nessa situação todos nós estamos. O tesouro da vida, do amor e dos bens da terra é a riqueza que Deus nos entregou. Quem a esconde para si e a enterra será rico em seu interior mas diante de Deus é pobre. Só ganha aquele que faz render a sua fortuna, que negocia e busca sempre um rendimento de seus bens. Certamente, a nossa vida é "dom de Deus", como se mostra no milagre do caminho (o cego). É dom que sempre se pode tomar no sentido de um perdão (Zaqueu). Deus nos toma como a crianças e nos enche de uma nova verdade, de uma exigência de serviço aos outros. Esta exigência, arraigada no dom que recebemos e centrada no agradecimento que mostramos, é o tema da parábola das minas: só aquele que "arrisca a sua vida" (quem perde a alma e os bens, entrega-se aos outros), só aquele que trabalhou sem descanso e em intensa alegria pelos outros... só esse entende que o reino está próximo, já está dentro de nós e não crê nas razões vãs que nos dizem: está aí, encontra-se ali adiante (cf. 17,21).

E uma vez que chegamos aqui, temos de procurar situar de novo o tema de Jesus no caminho. Num plano de continuidade histórica, o caminho de Jesus, que o levou da Galiléia a Jerusalém (morte, ascensão) foi um fato histórico. Não há dúvida. O mensageiro do reino veio um dia da sua terra, situada lá no norte, para Sião, cidade bendita, convertida em praça de sangue e de vi-

tória. Esse caminho impressionou já a Marcos, que o viu como tipo ideal do seguimento dos fiéis. Lucas, por sua vez, transforma-o em eixo central do seu evangelho.

A missão da Galiléia nos levou a Jesus como ao messias. Mas logo que confessamos "tu és o Cristo", reparamos que diante de nós se abria um abismo. Que significa ser o Cristo? Lucas não quer responder-nos de modo teórico. Não porque não o saiba fazê-lo. A razão é outra. O messias não é um tipo de verdade geral que se possa descrever. Por definição, o messias é uma figura concreta da história e conhecê-lo significa pôr-se no seu caminho e repetir o risco da sua vida. É o que Lucas procurou fazer. Colocou-nos no caminho de Jesus e tencionou ajudar-nos a entendê-lo.

No caminho de Jesus — na sua decisão de arriscar-se até a morte e no triunfo que conduz da cruz à ascensão — entronca-se um novo tipo de existência; uma existência que se funda na riqueza do amor e do perdão e que, por conseguinte, deve ser vivida na confiança (na oração) e no serviço dos pobres. Ao descobrir isso pensamos que já se ilumina em nós a enigmática revelação com que começa o evangelho: "Nasceu-vos um salvador, um messias que é o kyrios" (2,11). Parece-nos que também se aclaram as palavras solenes de Jesus de Nazaré quando sustenta que "hoje se cumpre a verdade do evangelho" (cf. 4,17s); esclarece-se o valor de salvação que agora penetra o pobre e o perdido deste mundo.

Pensamos que a iluminação decisiva chegou e, no entanto, achamo-nos ainda no mundo. Só na ascensão de Jesus se revela que a sua caminhada foi autêntica e só se esse Cristo que se acha à direita de Deus Pai nos envia a força do Espírito, poderemos pôr-nos a caminho com ele em direção ao novo. Tudo já se concretiza no que vimos; mas tudo é, ao mesmo tempo, uma promessa; depende do caminho de ascensão de Jesus Cris-

to, funda-se na vinda do Espírito. Mas não antecipemos problemas. Chegará o momento de falar de tudo isso.

XII. ENTREATO: A SUBIDA DE JESUS AO TEMPLO (19,28-46)

O caminho dirige para Jerusalém. Já nos aproximamos e, em certo sentido, termina a nossa estrada: estão indicadas, para sempre, a promessa e a exigência da vida dos homens partindo de Cristo. Mas, ao mesmo tempo, esse caminho nos conduz até o mistério de Jesus, crucificado e exaltado à direita do seu Pai. Só a partir dessa profundeza o caminho de Jesus poderá converter-se em modelo salvador e força redentora para todos. Por isso começará em Jerusalém o grande retorno que leva à igreja; não leva à origem (Galiléia) mas ao mundo dos gentios, a Roma, ao cosmo.

Para que chegue esse final, Jesus terá de fazer a sua entrada em Sião. Preparam-lhe um jumento e ele se senta (18,28-34). Enquanto chega, suscita-se a disputa. Os discípulos o aclamam (19,35-38); os judeus (fariseus) não o aceitam.

A cena foi reduzida aos seus traços essenciais. Os discípulos parecem ser um tipo da igreja que aclama Jesus Cristo como o rei que vem e sabe que é o céu (Deus) que o manda (19,38). Os fariseus, ao contrário, representam Israel. Não podem permitir que se chame Jesus de "o rei que vem". Procuram manter a antiga lei e a sua ortodoxia (19,39). Neste confronto foi Jesus mesmo quem saiu em defesa dos seus. É Deus, a própria realidade do cosmo, que fala neles. Com isso, o caminho da subida adquire caracteres de rejeição. Mas Jesus é rei e Jerusalém, a sua capital, não quis recebê-lo e fica, portanto, abandonada:

> Se nesse dia também tu conhecesses o que conduz à paz! Mas os teus olhos estão cegos. Porque se aproximam os dias em que o teu adversário te cercará com trincheiras... e não deixará pedra sobre pedra... (19,42-44).

Ignorando a sua hora, rejeitando Cristo, Jerusalém se converteu numa simples cidade da terra. Perdeu o seu caráter de sinal salvador e se define unicamente em função do seu extremismo político, de sua oposição ao César. Como oposta a Roma, capital do mundo, Jerusalém foi "justificada". Lucas o sabe e põe aqui na boca de Jesus esse destino.

O que anunciam as palavras de Jesus não se realizou imediatamente depois da ascensão. A rejeição de Jerusalém tem uma longa história. Os apóstolos nela deram testemunho; nela proclamou Paulo a sua mensagem de luz para as nações (At 21s). Assim foi. O livro dos Atos nos mostra que tudo foi em vão. Jerusalém fica sozinha; aquela que um dia rejeitara Jesus no caminho, perseguiu e rejeitou os ministros e os fiéis da sua igreja. Dessa forma a velha cidade da subida se converte em "campo de ruínas". A salvação já não se encontra no caminho que leva a Jerusalém, nem na esperança de uma parusia que nela se realizará. A salvação se encontra só nesse Cristo que se senta à direita do seu Pai e que mandou os seus apóstolos e fiéis para o mundo (Roma).

De certa forma, esta palavra de Jesus sobre Jerusalém constitui uma das metas da obra de Lucas. Lá onde a salvação se preparou e se ofereceu de um modo mais intenso, lá a rejeição será maior, a ruína mais penosa. Subindo rumo ao Pai, no meio da terra, Jesus chora sobre o cenário das ruínas do seu povo morto (19,41).

Esta rejeição refletiu-se de forma estilizada no relato da expulsão dos vendedores do templo (19,45-46). Não negamos o fundo histórico do fato. Mas cremos

que Lucas o quis situar no contexto da história que nos narra no livro dos Atos: a igreja que começa a existir, abrigada no templo de Deus, o abandona. Os judeus a rejeitam. Na antiga casa santa ficam apenas "negociantes". Logicamente, Jesus os expulsou. De agora em diante o templo de Deus será o grande mundo no qual vai ser proclamada a palavra.

4.

DE JERUSALÉM À ASCENSÃO
(19,47-24,53 e At 1,1-11)

I. JESUS ENSINA EM JERUSALÉM (19,47-21,38)

> Jesus ensinava diariamente no templo. Os sumos sacerdotes, os escribas e os chefes procuravam matá-lo, mas não encontravam a maneira de consegui-lo, porque o povo todo o escutava com imenso agrado (19,47-48).

Essas palavras, que voltam a refletir-se em 21,37-38, criam o clima em que se move a atividade de Jesus em Jerusalém. Entre ambos os textos estende-se o confronto decisivo com o judaísmo. O que importa já não é mais o templo: é o ensino de Jesus que suscitou um novo encontro com Deus, uma maneira mais profunda de entender a nossa existência (20,1-21,4). Nesse clima entende-se a exigência apocalíptica de Cristo: o judaísmo termina e tudo tende para um final no qual só o "filho do homem" é verdadeira base de existência (21,5-38).

Israel não percorreu o caminho de Jesus. Por isso podem perguntar: com que poder realizas estas coisas? (20,2). Jesus não responde diretamente. Não entra no jogo de palavras e disputas. Por isso remete a João Batista (20,1-8). Perguntamos: não era esta a ocasião de apresentar-se como o Cristo? Não; sabemos bem que só pode conhecer a verdade sobre Jesus aquele que o

aceita na Galiléia, aquele que o segue no caminho que conduz â morte e à vitória. Para os outros a sua figura e a sua mensagem estão veladas.

Mas a ignorância de Israel não foi um simples passar pelo caminho sem olhar o rosto de Jesus. Essa ignorância é uma recusa positiva. Assim o mostra a parábola dos vinhateiros homicidas, na qual a igreja resumiu a história de Israel e a sua atitude com relação a Cristo (20,9-19).

A história é conhecida. Deus contratou o povo de Israel para cuidar da sua vinha. Mas o povo não quis dar o fruto estipulado e não recebe, maltrata os embaixadores do seu Deus. Vem o filho do Senhor para visitá-los. Assassinaram-no. O que vai acontecer? Rejeitando a Jesus, pedra angular na qual se pode fundar o edifício, Israel fica no ar. Perde seu sentido e perde a verdade do seu passado.

Esse Jesus, esse filho rejeitado, é o princípio de verdade para os homens. Só nele se acha o sentido da vida e só nas suas palavras se podem resolver os problemas que o mundo suscita (20,20-44).

Na palavra de Jesus descobriu-se que o poder de Deus não é o poder de um homem (o César). Não se encontra Deus simplesmente na política do mundo: "Devolvei a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (cf. 20,20-26). Essas palavras são valiosas para Lucas, que quis mostrar que o cristianismo não se opõe à verdade e â autoridade de Roma. Roma não precisa temer a Cristo. Este problema voltará a ser importante no livro dos Atos.

Mas o poder de César pertence ao mundo e Deus nos garante uma existência que transcende as fronteiras da morte. Deus concede aos que morrem e o aceitam uma vida que é diferente e não termina. Recebe-nos como amigo e alegra-se com a nossa felicidade. É Deus de vivos, não de mortos, Deus que quer converter os seres humanos num tipo de existência nova, an-

gélica e repleta da glória que se estende partindo da páscoa (cf. 20,27-40).

Na discussão de Jesus com Israel apresentou Lucas os problemas que depois há de estudar tratando do julgamento de Paulo. Paulo dirá que não teve nem tem nada contra César (At 25,8). O serviço de Jesus não lhe impediu de ser um cidadão fiel a Roma. Perante um judaísmo que o acusa, dirá que seu infortúnio se baseou em defender a ressurreição dos mortos (At 23,6), em manter-se fiel à palavra de promessa do antigo testamento.

Tal é o centro da discussão de Jesus. Não se levanta contra o César (Roma); defende aquela vida depois da morte na qual igualmente acreditaram os escribas (20,39). Olhando assim as coisas, nem Roma nem Israel tem razões de peso contra o Cristo. E não obstante, hão de condená-lo, como veremos. É que não entendem o sentido do messias (20,41-44); é que Jesus critica a atitude e a religião dos escribas que, mostrando-se externamente cumpridores, chegaram a transformar a sua vida de oração numa farsa, num meio de adquirir reputação de apoderar-se dos bens dos pobres (20,45-47). De toda a grandeza do templo e suas riquezas Jesus só admitiu como boa aquela oferta de uma pobre, de uma viúva que se priva de verdade daquele pouco que lhe resta e, sem nada dizer, o introduz no tesouro para o templo.

Por isso, embora pareça que Jesus não veio destruir o judaísmo, embora confesse em união com os escribas que os mortos encontram vida em Deus que os recebe, a sua missão e a sua pessoa superaram a verdade do templo. Quando Israel se fecha e não recebe a palavra de Jesus (20,1s) o seu templo se converte numa pura realidade do mundo. Pertence às funções da terra que não têm outra lei senão perecer e que portanto "se encaminha para a ruína" (21,6).

Quando? Precisamente, Jesus fala no templo (19,47-48 e 21,37-38); dali supera o que é só realidade que passa e nos dirige para a autêntica verdade, a definitiva. Quando? Da destruição do templo nos conduz para o destino universal do cosmo e de seus homens. Entramos assim em ambiente apocalíptico. Vejamos.

Quando? Tal é a pergunta que formula a inquietude humana. Quereríamos saber, como adivinhos, o sentido do futuro, as datas do fim, a forma de vencer a sua angústia. Lá no fundo, essa atitude é medo: medo diante da vida, falta de confiança, uma escapatória. Com uma linguagem que nos pode parecer difícil e empregando as palavras tradicionais, Lucas quer indicar-nos o caráter decisivo de uma vida na qual só Cristo é centro, é fundamento dos tempos e sentido deste cosmo.

Ainda que vivamos em Cristo, ouviremos vozes que nos dizem: "Já chegou o dia". "Aqui se acha a resposta decisiva". Sentiremos a dureza das guerras, a dureza do ódio e a loucura de uma vida que se perde. Pois bem, Jesus nos diz: "Não vos preocupeis; ficai tranqüilos". Por mais terrível que isso seja nunca se pode converter em ruína eterna. Decisivo é só Cristo (21,8-9).

Dentro da insegurança cósmica, correndo o risco de uma inquietação política em que tudo parece conduzir-nos ao fracasso, os discípulos de Cristo podem se manter firmes. Só no testemunho da fé que os arraiga em Cristo encontrarão firmeza. E a encontrarão no meio da perseguição, no meio de um futuro que parece ir se fechando (21,10-19).

Esta firmeza da igreja de Jesus no meio da insegurança de um mundo que vacila, no interior de uma sociedade que se rebela contra todos os valores do justo e do santo, é o constante testemunho de verdade do evangelho. A tentação que sem cessar espreita é a de "deixar as exigências de Jesus", a de converter-se numa simples força deste mundo. Pois bem; o evange-

lho nos promete que só em Jesus Cristo se pode encontrar firmeza, só na sua verdade, na sua palavra e no seu exemplo encontraremos uma base de paz e permanência.

A tragédia de Israel está na mente de todos os leitores. O antigo povo transformou-se em ruínas. A sua cidade, Jerusalém, está arrasada. O seu destino é como um sinal de verdade do fim que já se aproxima. O mundo não tem valor por si mesmo; o poder das nações tampouco é absoluto (21,20-24). Dando mais um passo chega-se à insegurança total da existência. O cosmo está morrendo.

Essa é a experiência decisiva. O mundo no qual parece sustentar-se a nossa vida é um apoio que se quebra. Tudo gira na grande roda da morte e de forma semelhante gira a existência dos homens. Nada nos pode libertar (cf. 21,25-26).

Dum ponto de vista grego esta experiência se poderia resolver dizendo que a vida mais interna (a alma) não se acha ligada à matéria, à política do mundo, à queda externa dos astros. Para Israel e para todo o novo testamento essa certeza já não existe. Homem e mundo, povos, astros e nações, tudo é corruptível e tudo caminha para a sua própria destruição. Se é que não existe algo mais alto, nossa vida acabará sendo um vazio e absoluto silêncio que se amplia.

Mas a igreja crê que no centro do fracasso humano, na queda dos astros e do cosmo, na morte da terra, emerge uma palavra de vida, uma presença salvadora que nos chama. É o filho do homem que vem. Vem no final, no derradeiro momento; mas vem, está vindo, na constante queda dos homens e da terra, no fracasso que parece dominar tudo (21,27).

No meio da destruição que parece ter enchido todo o cosmo de tristeza e luto, ouviram-se umas palavras de alegria:

> Quando isto começar a acontecer, olhai, erguei vossa cabeça, pois aproxima-se o tempo da vossa redenção (21,28).

Aqui se encerra o sentido de tudo o que precedeu e de tudo o que segue. O sentido do mundo não se encontra no fracasso da terra e dos povos que desaparecem. Tampouco é o futuro, longínquo e enigmático, que vem. O sentido está no filho do homem que é o Cristo.

Na aparente, decisiva agonia da terra que se perde na tristeza, no fracasso dos homens que não podem triunfar externamente numa vida de amor e sacrifício pelos outros, na morte dos bons... está chegando o Cristo. Por isso já se nos diz: "alegrai-vos". A vitória não se encontra nos poderes da morte; está no Cristo que nos chama a manter o seu testemunho, a nos mostrar vigilantes, porque está chegando, já começou o fim do mundo; porque a geração presente é decisiva, porque toda a existência dos seus fiéis se resume no mandato: "Vigiai, orai...". Aqui se decide agora completamente a vossa sorte (cf. 21,29-36).

II. COMIDA PASCAL; CONDENAÇÃO E MORTE (22,1-23,56)

Subindo a Jerusalém, Jesus apresentou perante o juízo de Israel a sua pretensão e a sua mensagem. Sobre o templo sagrado proclamou a sua exigência: acaba a ordem velha, o juízo que se aproxima é ameaça para o próprio povo que se chama santo.

A resposta das autoridades de Israel é bem precisa: "Aproximava-se então a festa da páscoa... e os sumos sacerdotes e escribas procuravam a maneira de matá-lo" (22,1-2). Querem matá-lo mas têm medo da forma como reagirá o povo. Por isso aceitam a ajuda de

um discípulo disposto a vender o seu Senhor sem alvoroço (22,1-6).

Sabemos, porém, que a morte de Jesus não é o efeito casual de um incidente da história. Todo o caminho de Jesus que longamente explanamos é um tender para essa meta da morte. Vista a partir daí a cruz é meta numa história de absoluta fidelidade ao reino; ela nos prova a verdade de uma riqueza em cuja honra é necessário converter a vida num serviço de amor para os outros. Com outras palavras, a cruz é um momento na subida à direita de Deus Pai.

Partindo desta perspectiva compreende-se a cena da páscoa na qual Cristo revela o sentido e o valor da sua existência (22,7-38). Preparam-lhe a ceia (22,7-13) e tudo indica que é mistério o que nela se vai realizar. O mistério se revela na tensão escatológica:

> Desejei ardentemente compartilhar convosco esta páscoa antes de padecer; eu vos afirmo que não tornarei a comê-la até que se consume no reino de Deus (22,15).

A tensão caracteriza a existência da igreja. Aquele passado de um Jesus que ceia certo dia com os seus é sinal e é prelúdio do banquete que não tem fim. Entre o passado de um homem que tomou parte na refeição de amizade nesta terra e o futuro da ceia com Deus que não tem fim, estendeu-se num momento a existência dos homens e a igreja (cf. 22,14-18).

No arco dessa tensão, fundadas no próprio passado de Jesus e dirigidas ao futuro do seu reino, revelam-se as suas palavras:

> Isto é o meu corpo entregue por vós.
> Este cálice é a nova aliança (que se realiza) no meu sangue derramado por vós (22,19.20).

Entre o passado e o futuro, os que crêem em Jesus não se acham sós. O sangue da sua morte estabeleceu o

verdadeiro sentido da aliança nova: é sangue de um fracasso aparente no caminho, é sinal de uma morte que se escolhe e que se aceita na exigência de ser fiéis e conduz à ascensão, subida plena à direita de Deus Pai. Os crentes não estão sós. O seu caminho está incluído desde agora no caminho de Jesus para o banquete do seu reino.

No pão da refeição em que os homens recordam Jesus, o próprio Cristo lhes oferece a sua verdade, a sua realidade como alimento verdadeiro do caminho. Jesus já não se encontra somente no passado da história e no futuro do reino ainda não atuado. Esse Jesus é, ao mesmo tempo, presente de uma aliança nova sobre o mundo; é, a partir daqui, alimento de verdade e de futuro para aqueles que se unem, o recordam, comem juntos e o aguardam.

No contexto da refeição final em que Jesus revela o sentido da sua morte como "dom" (aliança e alimento) pode-se compreender melhor a possibilidade de uma traição na qual Judas — e o cristão que nega a Jesus — ficam plenamente sós (22,21-23). Porque aceitar esse Jesus e renovar a sua aliança implica um compromisso no serviço dos outros. A sombra da cruz virá assenhorear-se dos que aceitam o seu Cristo e se explicita na forma de uma vida consagrada ao bem dos pequenos (22,24-27).

Desse ponto de vista entende-se a palavra de promessa dirigida a todos os que aceitam Jesus no caminho, aos que vivem do seu corpo (que é entrega pelos outros) e se unem ao sangue da aliança:

> Vós sois os que permanecestes comigo em minhas angústias. Como o Pai me preparou o reino, assim eu o preparo para vós; a fim de que comais e bebais à minha mesa no meu reino (22,28-30).

Desde a refeição com Jesus sobre a terra, passando pela aceitação do seu alimento (no caminho), os discí-

pulos se aproximam do reino. Mas o caminho é duro e Satanás vigia. O próprio Pedro está pendurado no fio do perigo e chegará o momento em que negará seu mestre. Jesus mesmo pediu pela sua felicidade e recomenda-lhe que, uma vez fortalecido, preocupe-se com os seus (22,31-35). Certamente o caminhar é duro. Embora o sentido deva ser diferente do que tem nos círculos zelotes, guerrilheiros desse tempo, transmitem-se aqui umas enigmáticas palavras: "Aquele que tem uma bolsa, leve-a; fazei o mesmo com o alforje; e quem não tiver uma espada, venda agora seu manto e compre uma" (22,36-37).

A existência escatológica de Jesus nos abre à austeridade de uma vida ao relento. Os que seguem o seu caminho estão tentados; pois acontece que o caminho de Jesus conduz à provação, à exigência de uma vida que não pode descansar de forma alguma que se queria mostrar como absoluta. Desde aquele Jesus que certo dia esteve comendo com os seus, e na senda que nos conduz ao reino, movemo-nos num campo que tendo esse Jesus por sinal da aliança e alimento, não deixou de ser campo adversário. Nesse campo são necessárias a força e a decisão que dá a espada.

Entretanto é espada muito diferente; é outra vigilância. Na exigência da oração que Jesus afirmou sobre o lugar do monte, no olival, mostra-se o caráter dessa espada. Estamos no monte. É este o lugar em que Deus se manifesta, segundo Lucas. Pois bem, Deus agora se cala. Na soledade da tentação que nos conduz fora do caminho, na amargura de um cansaço que provoca sono, Jesus reza solitário ao Pai: "Pai, se queres, aparta de mim este cálice; mas não se faça a minha vontade mas a tua" (22,42)[1]. Os discípulos dormem. Não compreendem o que implicam as espadas (22,39s).

1. Os versículos 22,43-44, que falam da aparição do anjo e do suor de sangue, não parecem primitivos. Seguimos o texto de K. Aland, *The greek new testament*.

A resposta à oração é dada por uma turba que se aproxima e prende Cristo. Judas os dirige. Têm medo da liberdade, da palavra aberta que Jesus proclamou sobre o templo e vêm de noite, com espadas e paus. Alguém tenta defender Jesus e usa a espada. Mas não é este o tempo nem o tipo de espada que o mestre quis indicar (22,47-53).

É tempo de tentação. A figura de Jesus que foi preso converte-se em motivo de escândalo. Não são unicamente os judeus, inimigos, os que o negam. O primeiro passo para a condenação já foi dado por seus próprios seguidores. No átrio do sumo sacerdote, Pedro afirma ser estranho a esse Jesus. Também a igreja está sentada sobre o medo, a dúvida e a rejeição. Mas Jesus se encontra ali, dirige seu olhar a Pedro e Pedro muda. Sobre essa mudança que se traduz num arrependimento, edifica-se a igreja do Cristo (22,54-62)[2].

Este Jesus da prisão, do cárcere e do julgamento perde toda a dignidade e se converte num joguete. Não é um homem respeitado na sua desgraça e venerado na sua queda. Riem-se da sua pessoa, ridicularizam o seu caráter de profeta. Sem necessidade de esperar o resultado podemos advertir o tom do processo. As razões são secundárias. Os princípios não interessam. Só importa manter uma ordem. Por causa dela bem se pode condenar um homem. Não é ridículo que esse Jesus pretenda ensinar algo diferente? Os covardes, os que gozam do poder e não compreendem a sua palavra, o desprezam. Assim está o princípio, o tom desse julgamento (22,63-65).

O centro do processo e a razão da condenação se determinam no concílio de Israel chamado o Sinédrio. Reuniram-se os anciãos, escribas, sacerdotes; interro-

2. Sobre a paixão em geral, cf. A. Vanhoye, *Structure et théologie de la passion dans les évangiles synoptiques:* NouvRevTh 89 (1967) 135-163. Sobre os versículos que seguem, cf. G. Schneider, *Verleugnung, Verspottung und Verhör Jesu nach Lukas 22,54-71*, Munique, 1969.

gam a Jesus. Perguntam-lhe se de fato é o "messias". Jesus não quer entrar em discussões. É inútil. Não farão caso da sua palavra nem respondem, se o processo assim o exige. Pois bem, no silêncio ameaçador ouviu-se uma sentença decisiva. Jesus proclama: "Doravante o filho do homem estará sentado á direita do poder de Deus". Não é isto uma blasfêmia? (cf. 22,67s).

Jesus não é apenas um homem que passou. Tampouco é simplesmente aquele futuro no qual tudo se resolverá, quando o filho do homem descer do céu e realizar o juizo decisivo. Jesus, filho do homem, está sentado à direita do seu Pai. É dono do poder de Deus e o atualiza. É o princípio e fundamento da vida e da salvação e tudo se realiza por seu intermédio. Entre Deus e o homem já não existe mais encontro nem contato senão Jesus, chamado o Cristo.

O judaísmo não pode admitir esse Jesus como lugar de encontro de Deus e dos homens. Talvez o tenham pressentido os antigos, decidindo a condenação do mestre. Mas este é antes de tudo o ponto de discussão e de confronto da igreja e do judaísmo no tempo de Lucas. A igreja centrou a sua vida em Jesus, o exaltado à direita de Deus, o que dirige a nossa história. O judaísmo, ao invés, rejeitou esse Jesus e o rejeita ainda.

Mas esse processo não se realiza apenas no concílio de Israel. É necessário conseguir a condenação de Roma. Não basta desacreditar Jesus, afirmar que sua posição não concorda com as velhas tradições e as normas que Deus deu ao povo. É preciso chegar até à morte, destruindo sua lembrança e seu nome. Por detrás de tudo esconde-se talvez o medo, a insegurança da própria posição, o terror diante do novo.

Roma é o poder político do tempo. Certamente, acusar Jesus no plano religioso não teria sentido. Por isso recorrem à ordem externa e afirmam que esse homem agita o povo e quer proclamar-se soberano, nega o poder, a autoridade de César. Certamente, o proces-

so reflete um passado em que o Cristo sofreu a condenação do povo judeu e de Roma. Mas ao evangelho interessa o sentido, a atualidade da condenação, mais do que o dado puramente histórico e externo.

Lucas sabe que foi Roma quem ditou a sentença. Quer indicar-nos, porém, que a causa mais profunda do seu julgamento foram os judeus. Mais ainda: escrevendo para um mundo greco-romano, Lucas se esforça por mostrar que Jesus é inocente; de tal forma era inocente, que Pilatos não encontrou motivos para julgá-lo e se o faz foi só por ceder às pressões dos judeus, belicosos, atrevidos, inquietantes.

A atitude de Lucas reflete-se no transcurso do processo. Pilatos procura ficar livre de Jesus e mandou-o para Herodes, rei judeu que domina na Galiléia e que por sua vez descobre que Jesus é inocente. Com isso estabelece-se a "tríplice frente": sinédrio, Herodes, Roma.

a) A *autoridade israelita* julga Jesus em razão dos seus princípios religiosos. A condenação é radical, definitiva. O homem que pretende colocar-se junto a Deus e reivindica poderes divinos é blasfemo. Carece do direito à existência.

b) Mas, ao lado do sinédrio, existia em Israel uma "semi-autoridade" política: os reis da família de *Herodes*. Diante de um Herodes testemunha Paulo (At 26); perante outro foi conduzido o Cristo (Lc 23,8-12). A historicidade do dado não é fundamental em nosso caso. O que importa a Lucas é o gesto do pequeno rei do oriente. Certamente, não condena a Jesus como o fizeram os judeus (o concílio). Mas não é bondade o que o move e sim a indiferença. Não lhe importa o tema religioso. Tampouco lhe interessam os direitos de Jesus a quem devia defender como a seu súdito (galileu). Não vale a pena afligir-se por alguém tão pequeno. O caso de Jesus é ridículo, desprezível. Será melhor deixá-lo nas mãos de Pilatos (Roma).

c) Terminamos com *Pilatos*. Entregaram-lhe um homem e não sabe como resolver o seu assunto. Todo o seu direito e a verdade da justiça inclinam-no a soltá-lo. Tem certeza. Esse Jesus não atenta contra a segurança política do povo (23,13-16). Não obstante, a justiça pura é impotente. Por um lado, nada pode temer de uma possível rivalidade de Herodes — reizete que poderia complicar os seus movimentos. Jesus não é mais que um homem desprezível e não vale a pena arriscar-se por sua causa. Por outro lado, não é prudente defrontar-se com os chefes religiosos do povo que lhe pedem a morte de Jesus. Que fazer? A tragédia parece fatalmente necessária.

Três vezes tenta Pilatos soltá-lo. Três vezes insistem os judeus. Finalmente, Pilatos consente; cumpre-se assim a vontade dos que gritam (23,17-24). Realmente, não houve outro julgamento além daquele do Sinédrio. A acusação contra Jesus foi só a de se ter apresentado como "o Filho do Homem que sobe à direita de Deus Pai" e que preside a nossa história. Herodes limitou-se a desprezar esse profeta. Pilatos deixa que as coisas caminhem. Final de um processo absolutamente injusto. Israel pôde escolher duas soluções: Jesus ou Barrabás. Mas Jesus, que é símbolo do autêntico poder de Deus, caminha para a morte. Quiseram acusá-lo de guerrilheiro, agitador político que atiça o povo contra Roma. Pois bem, a imensa ironia do destino os obriga a receber Barrabás, o verdadeiro zelote que conspira e luta contra César (23,25).

Nesta perspectiva compreende-se o último caminho que conduz ao calvário. Ainda há mulheres em Jerusalém que choram sobre Jesus e se compadecem. Jesus diz: "Não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos" (23,28-29). Rejeitando esse Jesus, o povo ficou absolutamente só. Só e nas mãos de bandidos guerrilheiros, de Barrabás e suas ilusões, de Roma e seu realismo militar, político. Despre-

zar Jesus significa converter-se num simples momento do mundo, num momento de suas lutas e suas mortes, de seus ódios e do tempo que mata e destrói absolutamente tudo (23,26-31).

Mas mesmo lá, no ápice do julgamento em que se decide o nosso destino, pode acontecer ainda a mudança. Jesus não condenou nem rejeitou ninguém. Como no caso de Estêvão (At 7,60), a sua palavra sobe acima de todas as ânsias da terra e diz: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem" (23,34). Jesus, que pela morte sobe ao Pai, é "salvação" que se ofereceu absolutamente a todos.

Pode oferecer a salvação alguém que morre condenado pelos homens, impotente, abandonado e só? Evidentemente, isso é ridículo. Assim pensam os judeus que zombam de suas pretensões. Não pode ser Cristo de Deus, o eleito, um homem que parece abandonado. Talvez tenha salvado outras pessoas; é possível que tenha algum poder estranho. No entanto, morreu. E essa morte é a mais clara garantia do fracasso, da falta de sentido da sua vida (23,35). Assim julga Israel. E os soldados do império que o assistem desprezam-no de igual modo. Como pode ser o verdadeiro rei um homem justiçado? (23,36-38).

É isto o que dizem daquele homem as testemunhas, Israel e Roma. Não obstante, lá no âmago da sua própria impotência, no fracasso da sua morte, revela-se para Lucas o poder da sua palavra e da sua vida. Com Jesus estão morrendo dois bandidos. Toda a tradição o recordou. Pois bem, um deles despreza aquele que apelidam de "cristo". O outro pede: "Lembra-te de mim quando estiveres no teu reino" (23,42). Jesus responde: "Hoje estarás comigo no paraíso" (23,43).

Diante do desprezo de judeus e gentios que rejeitam Jesus como maldito, afirma Lucas e a igreja que Jesus é verdadeiro "rei-messias". Na sua própria impotência dispõe do reino. Na sua morte caminha para o

lugar da felicidade do Pai. E não caminha sozinho: vão com ele os que o aceitam, os perdidos e os pobres, os bandidos, publicanos, pecadores e malditos que não têm na terra salvação alguma e pedem: "Lembra-te de mim..."

Por isso, quando Jesus morre, ilumina-se para aqueles que creram o verdadeiro sentido da vida. O mundo se obscurece, o sol se apaga; o cosmo deixa de ser um absoluto e se transforma num reflexo e num caminho que orienta para Cristo. Ao mesmo tempo divide-se o véu que separa o templo de Israel e o mundo. O judaísmo termina (cf. 23,44-45). Lá no centro, na montanha do calvário só permanece Jesus, como final desse caminho que conduz ao Pai. Por isso exclama: "Pai, em tuas mãos entrego a minha pessoa". E assim morre (23,46).

A morte de Jesus não se mostrou para Lucas como ápice do abandono e da solidão, como medo absoluto. A morte se lhe apresenta na forma de momento final desse caminho que se realiza na obediência e no sofrimento, no amor e no sacrifício, na absoluta entrega ao divino. É o instante em que a vida se abre para o Pai. Abre-se para o Pai a vida daquele Jesus que, revelando o seu mistério, exclama: "Pai nas tuas mãos entrego o meu destino (a minha pessoa)". Abre-se para o Pai com os homens que o seguem e por isso ele afirma ao ladrão crucificado: "Hoje estarás comigo no paraíso"[3].

A verdade interior de Jesus realiza-se de forma essencial nos traços que deram sentido à sua morte. No fundo, a própria morte de Cristo iguala-se ao seu triunfo: morrer é subir para o Pai (23,46). E no mesmo "hoje" da cruz já se revela para o bandido que o aceita a glória, o paraíso. Por isso, de algum modo, o "hoje da morte", contemplado em toda a sua profundidade,

3. Por isso, o Jesus de Lucas não pode terminar dizendo "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?", como em Mt 27,46 e Mc 15,34.

contém a vitória de Jesus e dos seus (páscoa e ascensão). Não obstante, Lucas sentiu a necessidade de explanar todo o conteúdo desse hoje de salvação, ao apresentar-nos, com toda nitidez, o tempo da páscoa de Jesus para os discípulos (os quarenta dias das aparições nos Atos), o tempo da ascensão e pentecostes (primeiro dia do Espírito) e o próprio tempo da igreja (desenvolvido nos Atos).

Mas estamos ainda junto à cruz. Jesus morreu e os homens se admiram. Os seus conhecidos, as mulheres e os discípulos, observam de longe. São testemunhas da morte do mestre. E é testemunha de exceção José de Arimatéia que tomou o corpo morto e o coloca no sepulcro, bem envolto num lençol.

As mulheres observam de longe. Começa o sábado e não podem ungir o corpo de modo conveniente. Por isso esperam pelo dia em que começa a semana (23,50s).

Do ponto de vista da fé, a morte de Jesus foi um subir ao Pai. Aos olhos do mundo foi uma derrota. Os restos da sua vida parecem já perder-se num sepulcro. Todos, todos são testemunhas da sua morte. O fim do seu caminho é um autêntico fracasso. Está bem morto. José de Arimatéia o sepultou.

III. RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO
(24,1-53 e At 1,1-11)

Resumindo a vida de Jesus, no começo do livro dos Atos, diz Lucas:

> Teófilo, dediquei o primeiro livro às coisas que Jesus realizou e ensinou até o dia em que, instruindo pelo Espírito Santo os apóstolos que escolhera, foi elevado (At 1,1).

Dá a impressão de que o sentido de Jesus se revelou na ascensão ao Pai. Quando se realiza esta ascensão? Identifica-se com a morte? Dentro da sua "clareza", a obra de Lucas pode oferecer três perspectivas:

1. Como vimos, a morte de Jesus foi interpretada, de certa maneira, em forma de subida ao Pai. Ao Pai se entrega Jesus que agoniza; o hoje da sua morte é páscoa e ascensão para o bandido que lhe suplica.

2. Páscoa e ascensão estão unidas no final do evangelho (Lc 24,1-53). O seu mistério abrange só um dia; nesse dia vão as mulheres ao sepulcro, admiram-se os de Emaús, vêem-no todos em Jerusalém e, finalmente, recordando a promessa do Espírito, Jesus sobe ao céu.

3. Finalmente, entre a morte e a presença salvadora à direita de Deus Pai o livro dos Atos situou os quarenta dias das aparições e o testemunho. Neles se baseia a nossa igreja. Jesus prova aos apóstolos a força e a realidade da sua vitória e os instrui sobre o reino (cf. At 1,1-14).

Aqui não podemos deter-nos em detalhes. Mas podemos afirmar que a Lucas não importa o tempo material, o dado externo de uma história. Mostra o sentido de Jesus e para tanto emprega diferentes esquemas e maneiras de expressá-lo. Esse "sentido" é o que aqui nos interessa.

A ressurreição de Jesus se concretiza num "tempo de testemunho". Jesus mostra que está vivo (At 1,2-3). Dirige seus fiéis para o mistério do Espírito (At 1,4-5.8 e Lc 24,49). Desta forma, a subida ao Pai não será uma vitória de um solitário; é plenitude de um caminho no qual tomam parte os seus discípulos.

Sem dúvida, Lucas mantém-se fiel às mais antigas tradições que lhe falam da ressurreição de Jesus. Não obstante, interpreta-a ao situá-la no caminho que conduz da vida e da paixão ao Pai (a ascensão).

A ressurreição de Jesus formula-se sobre o enigma do sepulcro aberto (Lc 24,1-11). Chegam as mulheres e não entendem. O vazio do túmulo torna-se para elas uma aporia (24,4), impossível de se esclarecer. Não há força, nem inteligência humana que se atreva a resolvê-la. E no entanto, a resposta que dirige Deus é clara. Junto ao sepulcro há dois varões; são a voz do céu. Eles explicam o que está sucedendo:

> Não está aqui. Ressuscitou. Recordai o que vos disse na Galiléia, ao afirmar que o filho do homem devia ser entregue nas mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia (Lc 24,6-7).

A ressurreição deve entender-se, segundo isso, partindo da vida de Jesus e da sua mensagem na Galiléia. O que está acontecendo não é um enigma sem relação com o que precedeu. É de fato o conteúdo mais profundo da vida e do caminho de Jesus na Galiléia. Quem o seguiu de verdade compreenderá o que significa o sepulcro vazio. Para aqueles que tomaram a palavra de Jesus como uma voz que somente pertence ao mundo, o túmulo vazio é um enigma que ainda precisa se esclarecer. Os restos de Jesus têm de estar entre nós. Deve-se procurá-lo simplesmente neste mundo. É o que faziam as mulheres antes de escutarem a voz do anjo (Lc 24,5)[4].

Mas a vitória de Jesus não se ilumina só repensando com a fé o sentido do caminho de Jesus sobre a terra. Os discípulos de Cristo e os apóstolos não querem admiti-lo. Tudo lhes parece um sonho (24,9-11). A mesma sensação têm dois homens que caminham para Emaús ao entardecer (24,13-35). Outrora confiaram em Jesus como profeta e salvador. Mas ele morreu; e

4. Com referência a todo o problema do retardamento da parusia, levamos em consideração e investigação de E. Grässer, *Das Problem der Parusieverzögerung in den synoptischen Evangelien und in der Apostelgeschichte*, Berlim, 1966.

embora digam que o sepulcro está vazio e as mulheres anunciem que ele está vivo, isso não passa de uma ilusão que simplesmente carece de sentido (24,21-24).

Diante da desilusão total daqueles que não entendem a vitória de Jesus partindo da sua vida na Galiléia, Lucas recorre ao valor e ao testemunho das antigas escrituras: "Sois ignorantes e de coração lento para crer o que disseram os profetas. Não era necessário que Cristo sofresse estas coisas para entrar na sua glória?" (24,25-26). E como um simples caminheiro que veio unir-se à sua tristeza, o próprio Cristo que está glorificado começa a abrir-lhes o sentido da Bíblia (24,27). Todo o antigo testamento converte-se assim em testemunha da páscoa. Jesus ressuscitado compartilhou o caminho dos homens e ilumina com a sua vitória a constante obscuridade dos profetas. O antigo testamento é um prelúdio da ressurreição que se realiza em Cristo.

Os caminheiros de Emaús não compreenderam plenamente mas querem ficar com Jesus. Oferecem-lhe pão e ao observarem a sua bênção "o encontram". Jesus, o caminheiro invisível que caminha conosco, que ilumina os enigmas das antigas escrituras, está vivo. Está na sua glória (24,26) e ao mesmo tempo encontra-se onde haja alguém que em seu nome e bendizendo parte o pão com os irmãos (24,35)[5].

Mais. A ressurreição de Jesus não se mostrou somente no sentido da sua vida na Galiléia (mulheres) ou na palavra da Bíblia e na refeição (Emaús). Devemos ir adiante. Encontramo-nos com o próprio testemunho de Jesus que aparece a Pedro e aos apóstolos (24,34).

As aparições de Jesus ressuscitado marcam, segundo Lucas, um tempo bem preciso de ensinamento e testemunho: os quarenta dias (At 1,3).

5. Cf. J. Dupont, *Le repas d'Emmaus:* LumVie (1957) 77-92.

Trata-se de um tempo de testemunho: Jesus mostra que está vivo e os apóstolos terão de proclamá-lo logo depois. Mas, simultaneamente, é tempo de ensinamento: só aqueles que escutaram as suas palavras sobre o reino gozam de autêntico e perene testemunho acerca de Jesus, o Cristo (At 1,3). Pois bem, quando Lucas pretende expressar o sentido desse testemunho e ensinamento de Jesus ressuscitado aos apóstolos, condensa os quarenta dias da plenitude simbólica da revelação (aparições) na visão do único dia da páscoa que culmina na ascensão (Lc 24,36-53). Em outras palavras, tudo o que nos Atos se alonga por quarenta dias (At 1,4-11) realiza-se no evangelho num dia cheio que é, ao mesmo tempo, ascensão e páscoa (Lc 24,1-53).

A aparição de Jesus começa sendo "testemunho". Jesus vem até os seus; saúda-os com a paz e se lhes mostra. A sua presença poderia parecer a de um fantasma. É certo que Jesus lhes apareceu? Não foi tudo visões? Nada disso. A Lucas interessa precisar a realidade da vitória de Jesus, da sua presença entre os seus. Por isso, porque quer refutar toda mentira e superar toda suspeita, faz que Cristo mostre os pés e as mãos (Lc 24,40). Além disso, partindo da presença de Jesus ressuscitado na refeição dos seus, Lucas nos conduz até o gesto de Jesus que, sendo já glorioso, come e mostra assim a dimensão corporal da sua vitória (cf. Lc 24,42-43; At 1,4)[6].

Ao testemunho segue-se o ensinamento. A ressurreição mostra-se assim como o sentido do triunfo de Jesus. A sua vida na Galiléia e o seu caminho já não são mero fracasso: contêm a verdade e se apresentam à maneira de tendência para a páscoa. Também a Escritura perdeu o seu enigma: é caminho e palavra que leva ao Cristo.

6. Os dois traços apologéticos de mostrar as mãos e os pés e de comer aparecem desenvolvidos em João. Com eles se quer mostrar a "corporalidade" da ressurreição de Jesus. Cf. Jo 20-21.

Deste modo a ressurreição de Jesus revela-se como o ápice e o sentido de um passado. Mas, ao mesmo tempo, a sua verdade nos abre para um futuro: o futuro do Espírito de Deus que o Cristo nos promete e o futuro da missão que deve realizar-se em todas as nações em seu nome. Expliquemos:

a) A ressurreição concretiza o sentido da autêntica promessa de Deus que se condensa no Espírito. João batizou na água; o que vem depois dele, o Cristo, encherá os homens do Espírito e do fogo (3,16; At 1,5). Tal é o verdadeiro batismo de Jesus, a novidade e graça decisiva que recebe de Deus e dá aos homens. O dom do Espírito condensa e concretiza toda a missão de Cristo. Para que o seu caminho possa ser o nosso caminho necessitamos da força de Deus; uma força que não seja invenção humana, um poder que não se possa reduzir aos poderes da terra. Jesus teve esse poder. Subindo ao Pai no-lo deu. Tal é o eixo central do pensamento de são Lucas.

b) Mas o Espírito não nos é dado para realizar um tipo de obra humana, para incrementar o reino sobre a terra ou sonhar em ilusões do mundo. Não sabemos o tempo do reino; ignoramos a forma na qual Deus o realiza (At 1,6-7). Só nos importa uma palavra: recebereis o Espírito e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, em Samaria e até os confins da terra (At 1,8).

A missão que Jesus confia aos seus por meio do Espírito apresenta duas facetas. Por um lado é "testemunho da vida e da vitória" de Jesus, testemunho dos seus atos e palavras, da mensagem de amor que pregou, do caminho de serviço até à morte que traçou. Mas "ser testemunhas de Jesus" (cf. At 1,8) significa o mesmo que pregar a conversão e o perdão dos pecados (Lc 24,47).

Só Jesus ressuscitado torna possível a conversão de todos. Os homens podem mudar de conduta. A todos Deus convida, a todos oferece a meta da sua glória. O que se tinha insinuado em João Batista, o que Jesus pregou no decurso da sua vida, pode agora converter-se em norma primeira, em princípio universal da existência: no Espírito oferece-se o perdão aos homens. A conversão é possível. Os homens não estão sós, têm o chamado do seu Cristo, o perdão de Deus, a graça de um caminho que os conduz. Aonde? Ao mistério da ascensão de Jesus Cristo ao Pai.

A verdade de Jesus condensa-se aqui à maneira de ascensão, na subida ao Pai: Assim termina o caminho da vida de Jesus (cf. 9,51) e se comprova a verdade da sua mensagem, da sua exigência e da sua promessa. Assim se esclarece a verdade da paixão e se realiza o que disse aos judeus o Cristo: "O filho do homem estará sentado à direita de seu Pai" (22,69; cf. 24,26). Com a ascensão encerra-se o tempo das aparições e mostra-se o conteúdo mais profundo da páscoa. Jesus, que caminhou lá no centro da vida dos homens, converteu-se em meta da marcha. Está no Pai e nos dirige para a sua glória. Por isso envia aos homens a assistência do Espírito:

> Dizendo isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem o ocultou a seus olhos. Enquanto olhavam de que forma subia aos céus, puseram-se diante deles dois varões com vestes brancas. Disseram-lhes: Galileus, por que estais olhando para o céu? Este Jesus que diante de vós subiu ao céu, voltará do mesmo modo que para o céu o vistes partir (At 1,9-11).

Não nos devemos importar com a nostalgia do Jesus que passou. Partindo, deixa-nos a sua palavra que abençoa (24,51); deu-nos a força do Espírito e nos manda ser testemunhas no mundo (24,45-49; At 1,4-8).

Na ascensão termina o livro da "vida de Jesus". O mensageiro do reino e pioneiro do caminho para o alto está no Pai. Pela ascensão sabemos que Jesus não é um momento passado deste mundo: transcende os caminhos da terra, é dom que sobrepuja nossas ânsias e poderes. Só quando descobrimos que ele está no Pai, só quando compreendemos que a sua grandeza é a grandeza original do Deus que é o princípio e o fim de todo o cosmo, compreendemos que o caminho de Jesus é "o caminho", que a sua verdade é a salvação definitiva.

Pela ascensão Jesus não sai do campo da vida da terra. Penetra em Deus, nas raízes da vida, e nos transforma em criaturas sedentas do mistério que não tem fim. A sua missão não fracassou. O seu caminho é a verdade em que tudo se funda e se condensa.

Habitando na transcendência de Deus, Jesus já não se pode separar do mundo. Precisamente agora converte-se em fundamento autêntico do mundo. Agora manda-nos o seu poder, o seu Espírito e leva-nos à missão universal; agora põe tudo em marcha para o seu próprio mistério que se encontra lá na altura de Deus Pai.

Só em Jesus chegamos ao Pai. Só em Jesus podemos encontrar os alicerces, o sentido, valor e realidade do nosso mundo. Todo o resto é deficiente, tudo acaba[7].

7. Sobre o sentido da ascensão em Lucas, cf. G. Lohfink, *o.c.* e H. Schlier, *La ascensión de Jesús en los escritos de Lucas*, em *Problemas exegéticos fundamentales en el nuevo testamento*, Madri, 1970, 297-317.

5.

DO EVANGELHO À TEOLOGIA DO LIVRO DOS ATOS

(At 1,11-28,31)

Dedicamos o nosso estudo ao pensamento teológico de Lucas. Por isso não podemos terminar na ascensão onde conclui o seu evangelho. Se assim o fizéssemos o nosso trabalho ficaria sem sentido. A obra de Jesus não teria culminado, não se mostraria como força de vida e esperança que se arraiga, por meio do Espírito e da obra missionária, no meio dos povos da terra.

O evangelho de Lucas não forma uma obra isolada. Só ao estudar os Atos é que se pode chegar ao seu centro. Ao mesmo tempo, se tratássemos os Atos sem a base que o evangelho lhes oferece, eles poderiam ser confundidos com certos mitos e poderiam mostrar-nos a experiência intemporal de um Espírito, uma força que ignoramos de onde procede e para onde nos dirige.

Seja como for, e ainda querendo precisar os esquemas primordiais da igreja de que fala o livro dos Atos, não poderemos estender-nos demais em nosso tema. A razão é bem simples. Aqui tratamos fundamentalmente da teologia dos evangelhos. Por isso recorremos aos Atos só com o objetivo de esclarecer Lucas[1]. Nas páginas que seguem apresentamos os seguintes temas:

1. Em todo o nosso comentário dos Atos seguimos de forma especial as obras de M. Dibelius, *Aufsätze*, E. Haenchen, *o.c.*, e E. Plümacher, *o.c.*

I. Começaremos falando de pentecostes e da essência da igreja, tal como se expressa, fundamentalmente, na comunidade primitiva de Jerusalém. Trataremos de 1,11-5,42.

II. Num segundo momento, teremos de ocuparnos do Espírito e da essência missionária da igreja de Jesus. Começaremos com os helenistas e, passando pela missão original de Pedro e Paulo, chegaremos ao chamado Concílio de Jerusalém com a exigência fundamental da comunhão e da liberdade cristãs (6,1-15,35).

III. A partir do concílio falamos da mensagem de Paulo e do seu destino, a missão que funda e aquele juízo no qual se revela de modo abertamente claro a verdade do Cristo em Israel e entre as nações (15,36-28,31).

I. PENTECOSTES: A ESSÊNCIA DA IGREJA (1,15-5,42)

1. *Testemunho de Jesus e ação do Espírito* (1,11-2,47)

A igreja, para Lucas, está fundada em duas bases: a lembrança e o testemunho de Jesus, por um lado; e o influxo do Espírito, por outro.

O testemunho de Jesus não pode existir sobre bases de experiência subjetiva. Já se aproxima o final do século I. Surgiram na igreja tensões e lutas. Fala-se de lobos rapaces (20,29) e existe o perigo daqueles que querem fundar a verdade de Jesus em vivências diferentes e novas. A igreja poderia perder os seus antigos alicerces.

Neste momento fala Lucas. Em primeiro lugar, procura mostrar que a igreja não pode separar-se de Jesus, da sua palavra e do seu caminho, da mensagem da sua vida, sua paixão e ascensão ao céu. Por isso escre-

veu o evangelho. Mas uma vez descritos os fundamentos, é preciso indicar as estruturas primordiais. Diante de todos os que apelam para revelações novas, Lucas nos dirige para a igreja do princípio, para os discípulos que escutam a palavra de Jesus e são testemunhas do seu agir e do seu mistério através da páscoa e da subida ao céu.

O próprio Jesus constitui os apóstolos "testemunhas". São testemunhas "destas coisas" (Lc 24,48; At 1,8), da obra de Jesus e do seu triunfo, do perdão que se concede e se prega ao mundo.

É provável que no princípio o nome de "apóstolo" não estivesse ligado aos doze discípulos de Cristo. Apóstolo seria qualquer missionário que viu Jesus e que apresenta o testemunho da sua páscoa (cf. ICor 15,7). Mas pelo perigo dos desvios, foi necessário converter os primeiros discípulos de Jesus, os doze, em fundamento permanente e em modelo da igreja; são os "únicos" apóstolos; dão testemunho de Jesus, fundam o sentido da igreja e garantem a sua verdade para sempre (cf. 1,11-26).

Isto implica que a igreja não pode mais apelar para um tipo de contato imediato com Jesus e com a sua páscoa. Isto poderia fazer da nossa experiência "cristã" uma fonte de disputas, uma origem de tendências puramente subjetivas dos homens. O testemunho já foi dado de uma vez por todas. A igreja está fundada para sempre. A sua base e o seu modelo, o fundamento que sempre permanece está traçado: formam-no os doze e a comunidade primitiva de Jerusalém[2].

Poderíamos supor que, para Lucas, a igreja está fundada de uma forma claramente definida, imutável e sempre idêntica. Isso seria ignorar que os apóstolos e Jerusalém não constituem a igreja para sempre, mas só

2. Cf. W. Schmithals, *Das Kirchliche Apostelamt*. Eine historische Untersuchung, Göttingen 1961, e G. Klein, *o.e.*.

o seu fundamento ou ponto de partida. Ninguém pode fundar outra igreja, pois já está fundada nos doze. Ninguém pode separar nenhuma comunidade das suas raízes primitivas (Jerusalém). Mas, ao mesmo tempo, como mostra Lucas, uma igreja que se fechasse sobre si — mesmo que fosse a comunidade original de Jerusalém — perderia a razão da sua existência, o seu sentido e força. Por quê? Porque o testemunho de Jesus, fundado nos apóstolos — em Pedro — não pode separar-se da obra sempre nova do Espírito.

Lucas sabe manter-se na tensão entre o Espírito e a base unitária da igreja. Por um lado, é o Espírito que rompe com toda a previsão e encaminha a igreja para o novo por meio de Estêvão, dos helenistas e de Paulo. Por outro, se nos diz que o Espírito só foi dado lá onde a igreja se unifica e está em comunhão com os apóstolos, Jerusalém ou seus legados (8,14-17;18,24-19,7).

Do Espírito como origem que funda a igreja traça Lucas um quadro que impressiona: trata-se de pentecostes e do discurso missionário de são Pedro (2,1-47). Certamente, a fixação histórica e a sua união com a antiga festa israelita de pentecostes é obra de são Lucas. Dessa forma culmina aquele mistério que, expressando-se originalmente na ressurreição de Jesus e precisando-se na ascensão, concretiza-se finalmente na presença do Espírito de Deus sobre a igreja.

Para Lucas, o Espírito é a força que desce de Deus e que se mostra de uma forma peculiar no chamado "dom das línguas". A experiência desse dom, que deve ter sido relativamente freqüente na igreja primitiva, condensa-se de maneira exemplar no começo (2,1-4). Mas a experiência externa do Espírito de Deus precisa ser interpretada. Para aqueles que estão fora, para os que a olham com curiosa indiferença, talvez seja apenas um sinal de loucura ou de embriaguez extrema (2,5-13). No discurso que são Lucas atribui a Pedro se nos mostra o sentido desse Espírito (2,14-36).

A realidade do Espírito na igreja constitui para Lucas um dado original da sua mensagem. Era indubitável que na igreja houve fenômenos distintos, não vulgares, entusiasmo transbordante, outra maneira de encarar a vida, um poder e uma alegria não sonhados. Esse entusiasmo, o dom das línguas e o poder da palavra foram tidos como efeito do Espírito divino[3]. O que sucedia na igreja não era simples conseqüência de um acaso: era o efeito de uma ação de Deus já pressentida desde antigamente (2,15-21). Era o sentido e conseqüência da vida de Jesus, ressuscitado por Deus e constituído Senhor e Cristo (2,22-36). Esse Espírito, essa vida da igreja é a verdade, o decisivo dom divino. Por isso, pode-se falar do final, pode-se procurar a conversão de todos (2,37-41).

2. *A igreja de Jesus e o Espírito*

A verdadeira origem e fundamento da igreja é sempre o Pai. Para Deus foi Jesus, de Deus envia a força do Espírito. Por isso, toda a profundidade da igreja está fundada no mistério primordial que nos transcende e que se mostra, porém, entre nós.

Esse mistério (de Deus) revelou-se por Jesus, o homem cujo tempo pôde-se concretizar num passado que vai do nascimento à ascensão ao Pai. Mas o passado se converte, na "ascensão", num presente primordial, alicerçador. À direita de Deus Pai (Lc 22,69; At 7,65), Jesus é para o mundo a presença do agir de Deus que salva. Sobre um fundo de história que passou, todo o evangelho nos oferece esse Jesus que é força salvadora de Deus Pai: é juiz (Lc 3,17; 17,20s), é rei (Lc 1,32-33; 19,38), é o senhor, o salvador e o cristo (Lc 2,11). Nele chegamos até o Pai (Lc 9,48; 10,16; 10,22-23; 12,8s).

3. Cf. F. J. Schierse, *La revelación de la trinidad en el nuevo testamento*, em *Mysterium Salutis* II/I, Madri, 1969, 147s.

Contudo, o agir fundamental desse Jesus que está no Pai é para Lucas o envio do Espírito. Devemos confessar que Lucas não mostrou a dependência do Espírito com relação a Jesus com a firmeza e a precisão com que o fará são João. À primeira vista pode parecer que, para Lucas, o Espírito não tem com Jesus mais do que um contato acidental: limita-se a vir depois da sua ascensão ao céu; uma vez que plenifica o Cristo, Deus envia o seu Espírito ao mundo. Pois bem, cremos que esta imprecisão não é exata. O espírito de Deus realizou-se e atualiza-se por Jesus de tal maneira que só esse Jesus o pode enviar. Mais: Jesus sobe ao Pai; desta forma recebeu um ser que de algum modo é já divino; com esse "ser" recebeu o "domínio" do Espírito. Porque se encontra em Deus e porque tem o seu poder — sentado à sua direita — Jesus envia sobre a terra o Espírito que é um bem escatológico, divino.

Seguindo uma antiga tradição que se recorda depois nos Atos (cf. Lc 3,16; At 1,5) se nos diz que Jesus tem o poder do batismo decisivo para o homem; pode dar-nos o Espírito. Jesus mesmo nos dirá mais tarde na ascensão: "Enviarei sobre vós a promessa do meu Pai" (Lc 24,49). Essa palavra se cumpriu. No seu primeiro discurso diz Pedro:

> Todos nós somos testemunhas de que Deus ressuscitou esse Jesus. Elevado à direita de Deus e recebendo do Pai a promessa do Espírito Santo, difunde-a agora. É isto o que vedes e ouvis (At 2,32-33).

O Espírito apresenta o caráter de expressão e conseqüência do caminho de Jesus. Porque chegou ao ser de Deus, Jesus pode nos oferecer o divino. Por achar-se na verdade do triunfo e no poder do divino, esse Jesus, que não deixou de ser homem entre os homens, oferece-nos o grande mistério: o Espírito e a força que nos faz capazes de viver no caminho que conduz ao que é novo (o Pai).

Seja como for, Lucas não sistematizou jamais a experiência de Jesus e do Espírito. Por isso, em dois textos que apresentam a mesma estrutura (2,1-42 e 3,1-26) pode-se atribuir a mesma salvação seja a Cristo seja ao Espírito.

O primeiro texto constitui o sermão de pentecostes. O seu ponto de partida é a presença do Espírito na igreja (2,1-21); seu centro é o envio do Espírito por Cristo (2,33); a conclusão exorta: "Batizai-vos para receber o Espírito" (cf. 2,38-39). Como vemos, tudo é função da presença e poder desse Espírito divino.

O segundo texto fala só de Jesus. Jesus é o ponto de partida do milagre no qual se diz ao aleijado: "Levanta-te e anda" (3,6-7). Jesus está no centro de todo o argumento: "Deus glorificou esse Jesus" (3,13). Jesus se acha também no final de tudo: "Convertei-vos para que chegue o final, para que Jesus..." (3,19s)[4].

Isto significa que Lucas não construiu uma visão unilateral da igreja como realidade puramente pneumática. O seu poder se centra no Espírito; mas o Espírito procede daquele homem que cura os enfermos lá do céu (3,6; 4,10; 4,12; 16,18), que chamou Paulo e o orienta para a obra missionária (9,1s).

3. *As notas da igreja: missão, vida comum e sofrimento*

A igreja vive dirigida de modo imediato e decisivo para sua tarefa de "testemunho". Recebeu o dom de Deus e deve dá-lo aos outros. Não é dona de si mesma e só existe enquanto oferece o que tem aos que vivem a seu lado. Oferece-o pela palavra e ao mesmo tempo mostra-o com um novo tipo de existência. A sua própria realidade suscita oposição; a sua voz choca, sua posição incomoda. Por isso mesmo, a igreja de Jesus e

4. Sobre o sentido e avaliação teológica dos discursos do livro dos Atos, cf. U. Wilckens, *o.c.*.

do Espírito vive perseguida. Missão, vida comum e sofrimento: tais são as notas que explanaremos brevemente a seguir.

"Os apóstolos mostravam com poder o testemunho de Jesus" (4,33). Sabiam que em Jesus terminava a ordem antiga e proclamavam a esperança decisiva. Era preciso libertar-se da antiga escravidão, do mundo já passado (2,40) e converter-se ao Cristo em quem foi dado ao homem o Espírito divino (2,38). Tudo nos faz supor que essa primeira pregação vive na urgência de um final do mundo velho; um final que já se pressentiu em Jesus e que se aproxima:

> Arrependei-vos, convertei-vos e ficareis livres do pecado, para que venham da parte de Deus os tempos do descanso e vos envie Jesus que vos foi destinado; a esse Jesus os céus devem conservar até o tempo da restauração universal da qual falou Deus pela boca de seus santos profetas (3,19-21).

Diante da urgência desse fim, a igreja vive na consciência de ser o Israel definitivo. Nunca se sentiu separada do seu antigo povo; ora no templo e vive na alegria (2,46-47). Crê em Jesus Cristo e espera na chegada decisiva do juízo no qual Deus, por esse mesmo Jesus, virá fundar a nova ordem, absolutamente decisiva. Sem dúvida, o fim deve revelar-se em Jerusalém; por isso, os apóstolos aguardam precisamente lá. Quando o Senhor voltar, há de achá-los junto ao templo, dando testemunho da sua nova realidade a todo o povo. Por isso abandonaram a Galiléia, eles que só eram gente do povo. E aberta, denodadamente anunciam que Jesus ressuscitou e que no seu destino já está em andamento o final da nossa história.

Mas a Lucas não interessa conseguir um tipo de precisão arqueológica na sua intenção de nos mostrar a história da origem. Sabe que essa igreja deu testemunho verdadeiro de Jesus como "messias" no centro do

seu povo e isso lhe parece suficiente. Todos os que depois tencionem proclamar a realidade da salvação de Cristo hão de saber-se apoiados e fundados sobre aquele antigo fundamento e base.

Mas não basta a palavra. A primeira comunidade dos fiéis viveu já a mesma "verdade" da exigência de Jesus:

> Perseveravam no ensinamento dos apóstolos e na vida comum, na fração do pão e nas orações... E todos os fiéis viviam unidos; tudo era comum; vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam o preço entre todos, dando a cada um o que necessitava (2,42-45).

Certamente, esse quadro de Lucas apresenta traços estilizados. Quando depois aponta Barnabé como exceção por ter dado os seus bens à igreja (4,36-37), quando, no caso de Ananias e Safira (5,1-11), descobrimos que ninguém era obrigado a dar o que era seu, podemos notar que no relato de Lucas descreveu-se um tipo de comunidade ideal, perfeita e plena.

Nessa igreja ideal das origens, encontram-se sem dúvida alguns traços comuns a muitas tentativas de narrar a idade de ouro dos povos, o tempo em que tudo era de todos[5]. Não obstante, cremos que em Lucas a influência decisiva deve ser procurada na palavra de Jesus, no caminho que traçou no seu evangelho. Disse-nos o evangelho que a autêntica riqueza dos homens só se pode dar em Deus, no reino, na palavra de Jesus que nos convida ao seu banquete e nos promete a alegria da sua vida (paraíso). Essa riqueza transformou o homem em "pobre"; pobre porque já não tenta fazer da riqueza da terra o fundamento da sua vida; pobre porque põe tudo o que tem a serviço do amor, dá-o aos outros.

5. Cf. E. Plümacher, *o.c.*, 76-77.

Assim o disse Lucas de uma forma absolutamente decidida no seu evangelho. Pois bem, o livro dos Atos mostra que esse ideal se pode almejar; pode-se e deve-se perseguí-lo. É provável que Lucas soubesse que no princípio existiram tentativas radicais desse tipo. Mas é provável que boa parte do quadro que traçou provenha da sua própria pena. Dá no mesmo. O que importa assinalar é que a tentativa de uma vida comum é ideal e exigência para todos os cristãos, para todos os momentos da igreja. Quem ouviu o apelo de Jesus, quem recebe a influência da sua graça e sabe que o sumo bem está no reino, há de pôr tudo — vida e bens — a serviço dos outros. Num autêntico cristianismo ninguém pode afirmar que "algo é seu" (4,32); tudo é comum e tudo existe unicamente na medida em que é função para os outros.

Com isso não se traça nenhum programa de revolução social; só se mostram as autênticas linhas de sentido dos nossos bens. Sendo o reino o bem de todos e formando o centro da vida dos homens, o que cada um tiver é, por si mesmo, um bem para os outros. Lá no centro e no fundamento da igreja, Lucas coloca um permanente princípio de exigência. Se em algum momento a igreja parece tê-lo esquecido ou tê-lo aplicado só a alguns homens (os religiosos), essa igreja está deixando de basear-se no "fundamento" e funda-se talvez sobre um apoio puramente humano.

A pregação dos apóstolos traduz-se, de acordo com isso, num tipo de existência em que os homens vivem plenamente abertos, orientados uns para os outros. Ninguém vive para si, mas para a igreja, para os irmãos. Ninguém é dono de uma coisa para si, mas no serviço aos outros. Cristo formou entre os homens um remanso de unidade e de alegria (2,46-47). Nossa vida se converte em oração ao Pai; e, no centro, na fração do pão da qual todos participam, pressente-se a presença de Jesus o Cristo (cf. 2,42-47).

Só quando este princípio temporal se converte em fundamento e permanente raiz da nossa igreja, só quando procurarmos realizar a partir da nossa situação e com nossos recursos o que de forma exemplar traçou Lucas para o tempo dos apóstolos, poderemos chamar-nos cristãos de verdade. A alegria e a oração serão então sinal de plenitude interna; só então a fração do pão será presença verdadeira de Jesus; e o mundo poderá ver a mais profunda dimensão de Deus que se realiza nos cristãos (cf. 5,12s).

Mas a igreja dos inícios não se destacou apenas pelo testemunho de Jesus e pela vida absolutamente nova que os fiéis levaram. Sua novidade e exigência suscitaram oposição. O judaísmo estabelecido, que absolutiza as suas velhas crenças num tipo de sistema imutável, não pode suportar que se apresente o Cristo salvador com a figura e os traços do Jesus crucificado. O triunfo de Jesus implicaria a ruína das velhas seguranças e estruturas. Por isso é lógico que a autoridade judaica procure opor-se aos que anunciam Jesus.

Tudo parece indicar que a primeira perseguição declarada contra os discípulos de Jesus dirigiu-se contra o grupo chamado "helenista" (6-7). Todavia, é muito possível que tenha havido dificuldades já desde o próprio momento em que Pedro e os onze deram testemunho. Assim o quer indicar Lucas, traçando-nos um quadro da perseguição como tensão permanente da igreja.

Lucas apresenta a perseguição da primeira igreja em dois quadros claramente paralelos (4,1-31 e 5,17-42). O motivo é o mesmo nos dois casos: os apóstolos dão testemunho de Jesus e o testemunho incomoda (cf. 4,8-12 e 5,29-32). Por isso impõem-lhes silêncio.

Falar sobre Jesus até o fim é perigoso. Perigoso para todos os que já têm uma segurança e nela baseiam a sua existência. Perigoso para todos os que dominam os outros em função de uns princípios que Jesus pôs em

dúvida (cf. 4,18; 5,40). A resposta dos apóstolos mostra a força de Jesus: "Nós não podemos deixar de falar daquilo que vimos e ouvimos" (4,20). A verdade de Deus é dom que deve oferecer-se abertamente a todos, mesmo que for incômoda: "Porque é preciso obedecer antes a Deus que aos homens" (5,29). No meio da perseguição, a igreja só pede uma coisa: quer ser capaz de continuar dando testemunho de Jesus; e quer dá-lo com poder, com força e decisão, a todos. Tal é a sua vocação; tal é a graça que de Deus recebeu, é seu destino (4,29s).

II. O ESPÍRITO E A ESSÊNCIA MISSIONÁRIA DA IGREJA (6,1-15,35)

Sobre o testemunho dos doze e como expansão da primeira comunidade de Jerusalém formou-se para Lucas o conjunto da igreja cristã.

Num determinado momento, a primeira comunidade deixa de ser um grupo que se fecha internamente na esperança da próxima chegada do Senhor e Cristo. Surgem dentro dela tendências que se libertam do esquema rígido e judaico do início; descobre-se que a fé em Cristo não está presa ao templo nem a Jerusalém nem ao povo israelita. Tudo faz crer que, penetrando no seu interior, a igreja viu-se ligada à missão, ligada aos gentios e a uma longa vida sobre o mundo. Mas isto foi um crescimento demorado.

A missão não parte da igreja "oficial" (Jerusalém). Quem a iniciou foram os "helenistas", grupo de cristãos que se sente já desligado das antigas tradições e do templo. Pregam na Samaria, acolhem os "hereges" desse povo antigo que é maldito. Chegam a Antioquia e anunciam a palavra de Jesus aos gentios. A Jerusalém antiga não começou a abrir-se. Mas soube responder

estendendo a mão; admite à comunhão os fiéis da Samaria, recebe os gentios.

Além disso, tudo nos permite supor que o próprio Pedro, eixo da igreja das origens, compreendeu a exigência da missão e abandonou Jerusalém. Com um seguro instinto teológico diz-nos Lucas que precisamente Pedro deu o primeiro passo, aceitando a conversão de Cornélio.

A igreja nova que, sem perder o seu fundamento antigo, lançou-se à missão dos gentios, encontrou seu símbolo e sua força em Paulo. Convertido ao "cristianismo helenista", empreende uma missão quase sistemática nas diversas regiões do oriente. Muda-se a face da nossa igreja.

Como pôde acontecer tudo isso? Lucas tem uma resposta: tudo é obra do Espírito. O Espírito que parecia ter centrado os apóstolos em Jerusalém, foi o que agora lançou a igreja pela Judéia e Samaria e até aos confins da terra. Assim se cumpre a palavra de Jesus ressuscitado (1,8). Em cada um dos momentos decisivos, em cada uma das rupturas em que se rompem as antigas estruturas, o Espírito se encontra em cena e é ele que age.

Mas o Espírito age através de uns homens que se dividem, que encontram dificuldades para se entender, que buscam um futuro. São homens que divergem e discutem. São incapazes de entrar em acordo acerca da igreja. Por isso o Espírito os convoca a Jerusalém. Do ardor missionário se passa a uma pausa para reflexão; as diferentes posições se admitem mutuamente.

Com isso termina uma época da história. O velho fundamento unitário, aquela Jerusalém dos apóstolos e a vida comum, já terminou. Sobre a sua base edifica-se uma igreja dupla. De um lado estão os judeus, centrados em Tiago e observantes da lei antiga; do outro os gentios, representados de algum modo em Paulo, livres da lei e sustentados igualmente em Cristo.

Tais são os temas que devemos desenvolver a seguir.

1. *A igreja de Jerusalém e os helenistas* (6,1-8,40)

Em At 2-5 foram traçadas as linhas da igreja ideal, como é representada pela comunidade primitiva de Jerusalém. O testemunho dos apóstolos congrega os fiéis na mesma esperança e os conduz á mais forte comunhão de vida. Pois bem, descerrando o véu dessa unidade original, Lucas nos mostra que surgiram divisões. Assim começa o nosso tema (6,1s).

Não podemos esclarecer por completo o fundamento dessas divisões. O próprio Lucas tentou minimizá-las, apresentando-as como mera questão de disciplina interna (6,1-6). Mas os helenistas — são eles os que formam a tendência dissidente — logo se nos apresentam como um grupo relativamente autônomo; têm talvez a sua própria organização, a sua teologia e reúnem-se em torno de sete personagens que na tradição receberam o nome de "diáconos" (6,5)[6].

Tudo nos leva a crer que esses helenistas provêm de um grupo especialmente distinto de judeus. Talvez tenham tido antes da sua conversão a Cristo uma atitude já abertamente universalista. De qualquer forma, parece indubitável que eles foram os primeiros que descobrem no Cristo e na sua mensagem o fundamento de uma ordem religiosa diferente, o princípio de uma atitude basicamente diversa. O Cristo que até então era um elemento que podia manter-se dentro de estruturas do velho judaísmo oficial começa agora a conseguir que aquelas mesmas estruturas cedam.

A atitude dos helenistas (os sete) está centrada em Estêvão. Enche-o o Espírito de Deus (6,5.10) e aberta-

6. Cf. os dois primeiros trabalhos de O. Cullmann na obra *Del evangelio a la formación de la teología cristiana*, Salamanca, 1972.

mente proclama a palavra de Jesus, tirando conclusões que os apóstolos não haviam descoberto. O judaísmo oficial sente-se ameaçado; a palavra de Estêvão parece pôr em perigo o valor absoluto da antiga lei (Moisés) e o templo (o Deus fechado) (6,8-14). O confronto de Estêvão com o velho judaísmo oficial parece inevitável. Com a sua técnica habitual, Lucas condensa a disputa numa espécie de juízo aberto que se celebra no tribunal supremo (o sinédrio). Num longo discurso, Estêvão defende a sua posição (7,1-53). Defende-se condenando todo o judaísmo tradicional, fechado.

O judaísmo condensa-se para Estêvão na história de uma luta contra Deus, numa rejeição. É a história de José, a quem se opõem as próprias pessoas que ele liberta (7,25s; 7,35); é a história de todos os profetas marginalizados que culmina agora no "justo" (Jesus), a quem o povo de Israel condenou (7,52). Imagem da rejeição na qual o povo, abandonando a Deus, se centra numa obra puramente humana que é o templo (cf. 7,39-41 e 44-50)[7].

Perante um judaísmo que ficou vazio de sua história (condensa-se numa rejeição), perante uma vida religiosa sem autêntico contato com Deus (o templo não é mais que uma obra humana) (cf. 7,48), dirige-nos Estêvão para um mundo plenamente novo. O fundamento da igreja é diferente:

> Cheio do Espírito Santo e olhando para o céu, viu a glória de Deus e viu Jesus sentado à direita de Deus (7,55).

Tal é o fundo original, o ponto de partida. Diante de Jesus, o judaísmo perde o seu caráter absoluto; relativiza-se — desvaloriza-se — o templo. Perdem o valor os costumes antigos (cf. 6,8s). Logicamente, os judeus

7. Cf. E. Hänchen, *o.c.*, 227s.

executaram Estêvão como blasfemo (7,57s). Mas Estêvão, que compreendeu que só em Jesus se nos concede a realidade do divino, morre internamente livre e realizado. Jesus era o final do seu caminho e a Jesus se entrega pela morte (7,59).

Embora Lucas tenha matizado com a sua própria teologia a atitude de Estêvão (Jesus à direita do Pai em 7,55 como em Lc 22,69), tudo nos faz supor que efetivamente Estêvão representa uma posição cristãmente aberta: Jesus faz romperem-se as velhas estruturas de Israel que se fechou. Israel persegue Estêvão. Persegue-o e o matou. Não obstante, os seus amigos se espalham por toda a Judéia e Samaria (8,1) e levaram consigo a palavra e o Espírito.

Desde então Jerusalém e os apóstolos deixam de ser simplesmente "a igreja" e se convertem em raiz — ponto de partida — ou simplesmente numa forma, num tipo de igreja (a judaica). Porque a mão de Deus acompanha Filipe, o companheiro de Estêvão (6,5). E Filipe rompe as barreiras do judaísmo oficial e evangeliza a palavra em Samaria (8,4s).

Os samaritanos achavam-se ligados a Israel por meio do velho pentateuco. Mas não admitiam o templo de Jerusalém e se achavam sob o influxo religioso de tendências mais ou menos gnósticas que Lucas quis resumir na figura de Simão, o mago, venerado pelos seus como "a força de Deus denominada grande" (8,10). Por outras fontes[8] sabemos que Simão era adorado como a encarnação definitiva de Deus. Pois bem, entre esse povo, rompendo o cerco do judaísmo tradicional e pregando a palavra de Jesus num ambiente que se aproxima do gnosticismo pagão, nesse ambiente aquele Filipe, o helenista, estabeleceu a igreja.

Em torno da missão de Samaria Lucas sentiu-se obrigado a precisar duas exigências primordiais:

8. *Ibid.*, 256-259.

a) Por um lado, é certo que Filipe pregou a palavra e converteu a "não judeus". Todavia, só quando esses novos fiéis entram em comunhão com Jerusalém e aceitam a imposição das mãos dos apóstolos é que recebem o Espírito (8,14-17). Se a Igreja, ao expandir-se, perder a comunhão com o princípio, se deixar de fundar-se em Pedro e nos doze, não poderá ter o verdadeiro Espírito.

b) Por outro lado, perante a magia dos povos, condensada em Simão o Mago, Lucas quer mostrar que o verdadeiro, o único poder de Deus atua por meio do Espírito de Cristo. Trata-se de um Espírito que não pode vender-se nem comprar-se, é dom que supera as nossas forças e devemos aceitar e utilizar com reverência (8,18-24)[9].

O triunfo de Samaria parece grande, tão grande que se fala até da conversão daquele Simão Mago (8,13.24). Mas o Espírito não cessa. É o Espírito que, num gesto que não sabemos entender por completo, conduziu Filipe ao caminho. Lá converte o eunuco de Candace, rainha etíope. O eunuco parece um gentio (prosélito); a palavra de Deus rompe barreiras (8,26-40). Mas não podemos afirmá-lo com certeza. Só sabemos que é fecunda a semente de Estêvão. A sua visão de Jesus começa a dar frutos. Precisamente, no caminho para os cristãos helenistas se encontra Paulo. Paulo que vai perseguir. Paulo que volta convertido.

2. *Conversão de Paulo* (9,1-30)

A perseguição dos judeus e o impulso do Espírito espalhou a palavra de Jesus em todas as direções. Enquanto que os apóstolos parecem continuar em Jerusa-

9. Cf. O. Cullmann, *Del evangelio a la formación de la teología cristiana*, Salamanca, 1972, 67s.

lém (8,1), os helenistas chegaram até Damasco e encheram de inquietação as sinagogas. Parece que centram tudo na figura de Jesus, que está no alto à direita de Deus Pai. Saulo que está cheio de zelo pela lei e pelo judaísmo, os persegue (9,1-2).

Não podemos conhecer exatamente os detalhes do encontro de Saulo com Jesus, o Cristo. Escrevendo aos Gálatas, o mesmo Paulo diz:

> Quando aquele que me escolheu já desde o seio materno e me chamou pela sua graça quis revelar em mim o seu Filho, para que eu o anunciasse entre os pagãos... (Gl 1,15-16).

Certamente, Jesus se revelou a Paulo. E á sua vista toda a sua existência se transforma. Começou a pensar que vale bem a pena arriscar e perder tudo para ganhar a Cristo (cf. Fl 3,1-12). Paulo encontrou-se com Jesus, o Senhor ressuscitado (1Cor 15,7-9) e sentiu que a sua vida devia começar a ser um testemunho daquele que ele viu e que tomou posse dele[10].

Mas aqui não falamos daquilo que nos conta o próprio Paulo. Só interessa o retrato que Lucas traça de Paulo. Não ignoramos que existem divergências entre o Paulo que escreve sobre si mesmo e o Paulo que Lucas nos apresenta como tipo da missão aos gentios e começo de uma igreja plenamente aberta, dirigida ao coração do mundo. Mas, no meio de todas as diferenças, cremos que Lucas soube interpretar de modo autêntico o sentido de Paulo na igreja primitiva[11].

Certamente, o Paulo de Lucas perde alguns dos seus traços mais salientes. Foram cortadas suas arestas e limadas as suas asperezas. Mas esse Paulo, que guarda até o fim a comunhão com Jerusalém e se considera

10. Cf. G. Bornkamm, *Paulus*, Stuttgart, 1969, 36s.

11. P. Vielhauer, *o.c.*, levou até os extremos a diferença entre o Paulo das cartas e o Paulo de Lucas; cremos que a sua interpretação é exagerada.

como legado da igreja primitiva palestinense, o Paulo que permanece fariseu até o extremo, parece-nos um "Paulo autêntico". Sem deixar de ser o homem concreto das cartas, converteu-se em tipo do progresso da igreja que, emergindo do cristianismo judaico (helenista), mantém-se fiel ao seu princípio (os doze) e sem perder o seu contato com os irmãos de raça (os judeus), atreve-se a apresentar ao mundo a palavra de verdade para os povos. Certamente Lucas interpreta, retoca os detalhes, dá estrutura. Mas no fundo soube ver claro, talvez melhor que muitos de nós que, com lupa, queremos extremar as diferenças entre o "Paulo autêntico" (as cartas) e o Paulo deformado de Lucas.

Não é preciso repeti-lo, Lucas interpreta. Mas interpreta a partir da sua visão fundamental do cristianismo. Porque sabe que Paulo foi inimigo de Jesus e de seus fiéis (helenistas); porque sabe também que Jesus conquistou Paulo, seu inimigo, de maneira total e decisiva, Lucas descreveu de uma forma que podemos até chamar de genial os traços do caminho de Damasco.

Jesus deixa-se encontrar por Paulo no caminho. Indefeso, cai por terra. Escuta: "Paulo, Paulo, por que me persegues?... Sou eu, Jesus, a quem tu persegues" (9,4-5). Jesus se converte no único centro de Paulo. A sua luz o cegou e ao mesmo tempo lhe abre os olhos. Doravante verá de um modo diferente, será o arauto de Jesus diante das nações (cf. 9,15s).

Paulo se encontrou com Jesus. Mas Jesus só lhe fala abertamente por meio da igreja. Recebido na comunidade de Damasco por Ananias, encontra a sua nova identidade, enche-se do Espírito (9,10-13). Logo começa a pregar (9,19-22); mas a sua autêntica missão só se pode realizar em comunhão com os apóstolos. Por isso sobe a Jerusalém. Por isso busca a primeira igreja (9,26-30). Embora os detalhes da sua narração possam ser deficientes, Lucas entendeu bem a Paulo. Paulo não começa a pregar a partir de si mesmo. Não se con-

sidera origem da igreja. Nele se centra o impulso missionário dos helenistas. Jerusalém o acolheu e sempre admitiu o seu direito de anunciar o Cristo. Sem dúvida, Paulo e a sua igreja estão fundados na rocha dos doze[12].

3. *Pedro, os helenistas e Paulo: a conversão dos gentios*

Com a dispersão dos helenistas e a conversão de Paulo estavam lançados os fundamentos da missão entre as nações. Tudo nos leva a supor que o primeiro passo veio dos helenistas a quem Paulo segue e dá profundidade. Também é provável que o próprio são Pedro acabe não só admitindo esse passo mas também realizando-o ele mesmo: acaba pregando aos gentios. Pois bem, Lucas, que escreve a partir de uma perspectiva teológica, deseja inverter a ordem. O primeiro passo (a justificação de todo o caminho missionário) há de vir de Pedro. Só depois, e como continuação da obra começada, virá o trabalho missionário dos helenistas e de Paulo.

Começamos, portanto, com Pedro. A igreja está em paz e Pedro viaja visitando os fiéis. A sua passagem suscita um séquito de milagres. A força de Jesus manifesta-se de forma poderosa no meio dos seus. É o próprio Deus quem inspira, quem atua neles (9,31-43).

Contudo, o verdadeiro prodígio de Deus não é o milagre: é o chamado dos gentios. Existe em Cesaréia um centurião piedoso. As suas boas obras chegaram até Deus e Deus o recompensa dirigindo-o a Pedro (10,1-8). Pedro tem um sonho. Descobriu que no mundo não existe coisa alguma que se possa tomar como mancha-da. Deus, o próprio Deus, vem aos homens e declara todos limpos. Já não existe, segundo isso, diferença en-

12. Cf. Ch. Burchard, *Der dreizehnte Zeuge*. Traditions und kompositionsgeschichtliche Untersuchung zu Lukas' Darstellung der Frühzeit des Paulus, Göttingen, 1970.

tre judeus e gentios (10,9-23). Deus purifica os homens por Jesus, o Cristo. Por isso, o gentio já não está mais manchado (10,27s). Sobre esta constatação estabeleceu-se um princípio geral que afirma: "Não há em Deus acepção de pessoas; todo aquele que o teme e age de modo justo, lhe é agradável" (10,34-35). Sobre esta base universal funda-se a figura e o chamado de Jesus, o Cristo (10,37-43).

Entretanto, o passo decisivo na missão aos gentios não é efeito de um capricho ou vontade de Pedro. Assim demonstrou-o Lucas de forma meridianamente clara no decurso da cena. Pedro anuncia que em Jesus se oferece a todos os que crêem o perdão dos pecados. Cornélio e seus amigos aceitam a palavra e crêem. Na mesma hora recebem o Espírito (10,44-45). Em alguns círculos da igreja ergueu-se o protesto: os gentios não podem ser como nós, os judeus! Pedro não alega razões. Simplesmente aponta um fato: se os gentios receberam o Espírito santo igual aos judeus, não se pode estabelecer diferenças entre eles (11,17-18).

No caso de Cornélio manifestou-se o fato dogmático fundamental da igreja primitiva. A salvação de Cristo é para todos. O Espírito age de igual forma nos judeus e gentios. Já não existe, portanto, diferença entre eles. Acima de todas as divergências teológicas, a igreja se baseou na fidelidade ao Espírito. Assim o reconhece Pedro de forma solenemente decidida. Assim o sente a comunidade helenista que, chegando a Antioquia, anuncia a palavra aos gentios (11,19-20).

Tudo nos faz supor que a igreja de Antioquia seja um elemento central do sistema histórico-teológico de Lucas. A abertura aos gentios, simbolizada no gesto de Pedro e de Cornélio, realiza-se aqui de forma sistemática. Assim surgiu uma igreja independente e os fiéis de Jesus começam agora a chamar-se cristãos (11,26). Certamente, a iniciativa não partiu de Jerusalém, mas Jerusalém a aceita, envia um delegado e começa a es-

tar em comunhão com esse novo e totalmente diferente grupo de fiéis (11,22-23).

Mas essa igreja, lá no centro, serve de intermediária num momento e depois desaparece. Foi o porto aonde chegou a atividade que de um ou de outro modo partiu dos doze; é o ponto de partida do qual surge a missão de Paulo. Paulo e Barnabé eram a consciência viva da igreja antioquena (11,25-26), eram profetas (13,1-2). E um dia sentiu-se claramente o chamado do Espírito: é preciso que Paulo e Barnabé saiam pelo mundo, que preguem a palavra e chamem as nações (13,2-3).

Com isso chegamos àquilo que se poderia chamar a primeira viagem missionária de Paulo (13,1-14,28), por Chipre, Antioquia de Pisídia, Listra e Derbe. Como descreveremos depois o sentido da obra missionária de são Paulo, não podemos deter-nos agora e estudá-lo. Estamos no centro do livro dos Atos e Lucas teve de ordenar os temas no seu intento de apresentar as verdadeiras dimensões da igreja. Para tanto deve sacrificar — assim o cremos — a ordem da história.

Pela própria análise interna do livro dos Atos comparado com as cartas de são Paulo, pode-se supor que os acontecimentos se desenrolaram na seguinte ordem. O primeiro passo seria dado pela conversão dos gentios em Antioquia e a nova problemática que com ela surge. Seguiria o chamado "concílio de Jerusalém", que estabeleceu o duplo caráter da igreja — judeus e gentios. Só depois do concilio parece ter sentido tanto a expulsão de Pedro de Jerusalém (12,1-17) como a missão sistemática de Paulo (13-14)[13].

Lucas adia propositadamente o "concílio", colocando antes uma primeira viagem missionária de Paulo. A obra de Paulo, todas as suas igrejas, se colocam assim sob a sanção oficial de Jerusalém. Aquele abraço

13. G. Bornkamm, *Paulus*, Stuttgart, 1969, 52s.

fraternal em que judeus e gentios se admitem mutuamente não incluiu só os primeiros convertidos de Antioquia. Abrange todos os gentios convertidos (a missão de Paulo); todos já se acham fundados no reconhecimento e validade que lhes outorga Jerusalém.

Junto ao destino de Paulo, Lucas traça a figura de Pedro. Traçou-a porque sabe que a igreja se fundou sobre Pedro. Assim o mostra e logo depois deixa a sua figura envolta em sombra. No concilio (At 15), Pedro está em Jerusalém e faz ouvir sua voz e sua sentença. Assim parece ter sido. Mas depois, talvez pouco depois, teve de deixar a cidade santa. Tudo nos leva a crer que, com Tiago Maior, Pedro representou a "ala aberta" da igreja palestinense. Por isso foram perseguidos por Herodes Agripa, o amigo dos fariseus. A Tiago o mataram (12,1-2). Pedro teve de escapar dum modo que a tradição considerou milagrosa (12,3-17).

Jerusalém, a antiga pedra original da igreja, ficou só. Nela só cabem Tiago e os irmãos que se sentem mais ligados ao antigo judaísmo. Esses não foram perseguidos. Ninguém os pode acusar de "não judeus". Mas ficam sós. O próprio Pedro teve de buscar novos caminhos. Paulo ensina para todos uma mensagem aberta.

Tal é a situação. Sobre este quadro de posições, com uma imensa precisão teológica, Lucas traçou a sombra do concílio de Jerusalém. Como dissemos, talvez o concílio tenha sido celebrado antes. Mas é aqui que ele adquire seu pleno significado. Aqui, como ápice de todo um tempo de missão no qual o Espírito traçou caminhos novos. Aqui, no momento em que as posições divergentes têm de encontrar base comum e respeitar-se.

4. *O chamado "concílio de Jerusalém"* (15,1-35)

Com o impulso missionário dos helenistas e a conversão dos gentios, muda-se a fisionomia da antiga

igreja. Já não basta dar testemunho de Jesus, viver unidos e sofrer perseguição por parte daqueles que estão fora. A igreja descobriu que se acha no mundo e que é preciso atualizar nesse mundo a exigência de Jesus e sua mensagem. Como? aqui surge o problema.

O problema do judaísmo não coloca no início obstáculo algum. Todos os fiéis eram membros de Israel e não deixam de sê-lo ao aceitarem Jesus Cristo. Parecia próximo o fim e não era o tempo de ocupar-se de mudanças exteriores. Mas à medida que passam os anos sente-se de forma mais profunda a urgência do Senhor ressuscitado. O Espírito conduz à missão e a esperança — a palavra e a exigência de Jesus — se revela como um tipo de vida aqui na terra. É então que surge o problema da lei e do cristianismo.

O tema não surgiu apenas entre os gentios convertidos: é de todos. Os judeus convertidos sentem que estão ligados à lei; por isso mesmo lançam o problema do valor e do sentido dessa lei no conjunto de sua vida de crentes. Os helenistas e Paulo, que fizeram da missão entre os gentios a meta da sua vida, sabem que a mensagem salvadora de Cristo não tem razão para achar-se incluída no conjunto de uma lei israelita. O problema era inevitável e surgiu em torno da missão que se realiza em Antioquia. Alguns irmãos da igreja de Jerusalém querem conseguir que todos os pagãos convertidos se deixem circuncidar e cumpram os mandamentos da antiga lei. A solução não está clara e vários membros da igreja antioquena — Paulo e Barnabé com mais outros — sobem a Jerusalém para resolver esse problema (15,1-6).

Sem dúvida, Lucas não copiou as atas do concílio, mas consegue refletir de modo impressionante o que lá se conseguiu e mostra todo o influxo daquele fato no futuro da igreja. O sentido do concílio se manifesta nos dois discursos que se atribuem a Pedro e a Tiago e numa "carta" da assembléia.

O discurso de Pedro (15,7-11) é um resumo da sua própria história; é um compêndio do seu trabalho lá no centro da igreja. Pedro não discute razões. Limita-se a constatar um fato: os gentios convertidos recebem o Espírito sem necessidade de se terem tornado israelitas. O próprio Pedro pode oferecer um testemunho desse fato (cf. 15,7-9).

Tal é o tipo decisivo do Pedro de Lucas. O homem que foi, no início, o centro da igreja de Jerusalém, acaba abrindo-se às nações. Não sabemos onde nem como, mas tudo nos faz supor que Pedro converteu-se, de alguma forma, em missionário. Por isso, Lucas o faz dizer aquelas últimas palavras: só a fé de Jesus Cristo salva; a lei não purifica; a lei é uma tarefa sempre impossível. Ninguém pode confiar nela (cf. 15,10-11)[14]. Esse Pedro enigmático de Lucas cumpriu a sua missão. Desaparece (12,17). Com ele acaba a igreja original. Doravante ficam, frente a frente, os gentios e os judeus convertidos, Tiago e Paulo.

A posição de Paulo é conhecida. A missão dos gentios não tem obrigação de submeter-se à lei dos judeus. Em nenhum momento pôs em dúvida a legitimidade da igreja de Jerusalém (judeu-cristã), mas nega-lhe o direito de impor a sua lei aos gentios. Pois bem, em nome da igreja de Jerusalém e fazendo sua a última palavra, Tiago aceita a posição e a liberdade de Paulo (15,13-21).

Também o discurso de Tiago está fundado num fato. O judaísmo se mantém nas cidades onde existem sinagogas: não há perigo de ele morrer (15,21). Mas acima desse fato há ainda uma verdade teológica mais profunda. Segundo a antiga profecia, o judaísmo não existe para si. Se a cabana de Davi se restabelece, se Israel encontra a sua verdade em Cristo, não pode encer-

14. O. Cullmann, *Petrus*, Munique, 1967, 69s.

rá-la em seu interior; ele a tem só para abrir-se, sendo testemunho diante das nações (15,13-17).

Tiago distingue, portanto, dois tipos de plenitude messiânica. De um lado está Israel. A verdade desse Israel encontra-se em Cristo. Por isso, é absolutamente necessário que os judeu-cristãos aprofundem a sua nova e decisiva experiência; só assim, sendo até o fim judeus e cristãos, servirão de luz e de meio de conversão para as nações. O cristianismo central (judeu) não existe para si mesmo; deve doar-se como sinal a fim de que as nações creiam. Como crentes, os gentios podem continuar sendo diferentes; através de Israel — do Israel perfeito que Jesus e a comunidade judeu-cristã formam — receberão a plenitude da luz messiânica.

Esta é a sentença que triunfa. Por isso não se exige dos pagãos convertidos o cumprimento da lei: pede-se-lhes apenas que guardem umas normas fundamentais de exigência moral e convivência, para que possam entrar sem escândalo em contato com os irmãos judeus convertidos. Tal parece ser o sentido do famoso "decreto" (15,19-20.23b-29).

Não sabemos de modo expresso o que Lucas pensa do problema. Ele não gosta de imiscuir-se quando narra e prefere deixar que os fatos falem por si mesmos. Aqui deixou que Tiago pensasse e, provavelmente, refletiu aquela que toma como posição tradicional do "judeu-cristianismo". Nada há de reprovável no fato de que os judeus convertidos pensem que são a "tenda de Davi" reedificada e que a sua vida é sinal e meio de salvação para os outros. Pouco importa que eles continuem praticando a antiga lei judaica. O caminho de Jesus, o Cristo, pode adaptar-se às sendas dos homens.

Quando o "concílio de Jerusalém" decreta que os gentios não estão obrigados a cumprir a lei judaica, afirma algo que importa não somente a eles. Se a lei não é necessária para alguns, não poderá considerar-se

necessária para ninguém. O fundamento de Jesus e do Espírito é o mesmo para todos. As diferenças — lei, não lei — situaram-se num nível que é exclusivamente humano.

Teoricamente, Lucas admite duas igrejas. Ambas se fundam nos mesmos apóstolos (Pedro e os doze); ambas professam uma fé que é idêntica; e as duas se comunicam. Não obstante, são diferentes. A de Jerusalém parece fechar-se numa lei que já não é ponto de partida (como nos apóstolos), mas um modo de existência. A de Paulo se abre, em impulso irresistível, para as nações. Dissemos que Lucas admite duas igrejas. Todavia, pelo tema posterior do livro dos Atos observaremos que, na prática, só desenvolve a linha de Paulo. Jerusalém se fecha em sí mesmo. Só com Paulo e tudo o que Paulo representa parecem cumprir-se as palavras de Jesus: "Sereis minhas testemunhas desde Jerusalém... até os confins da terra" (At 1,8).

O caminho que levou Jesus até Jerusalém (evangelho) e o exaltou à direita de Deus Pai, não é um caminho que se possa encerrar na Jerusalém deste mundo. A partir do Cristo celeste, no Espírito, conduz os fiéis á exigência de um testemunho universal. Fechar-se na lei significa, afinal de contas, permanecer no meio da estrada, no caminho. Por isso, dissemos que tudo nos leva a crer que Lucas viu em Paulo o autêntico caminho da igreja, a verdadeira continuação daquele testemunho que um dia começaram a dar os doze apóstolos. Com isso entramos na terceira parte do livro dos Atos.

III. A MISSÃO ENTRE AS NAÇÕES E PAULO (15,36-28,31)

O sentido da igreja termina centrando-se na missão e no destino de Paulo. Sem dúvida, Lucas conhece outras comunidades cristãs que desenvolveram um verdadeiro esforço missionário; poder-se-ia falar de Antioquia ou daqueles irmãos anônimos que levaram a semente da fé a Éfeso ou a Roma. Existem também outras igrejas que superam o velho judaísmo fechado e que se abrem às nações: a de Mateus, a de João, etc. No entanto, para Lucas o progresso da igreja centrou-se e refletiu-se de forma exemplar em Paulo. Por isso escolheu-o como símbolo, herói final do seu relato.

Pedro desapareceu. Os helenistas se ocultam na sombra. Jerusalém se fecha. Diante do cenário de Lucas fica apenas Paulo, destacando-se sobre um mundo que o espera, o recebe, o aplaude e o persegue, segundo os diversos casos.

Paulo sabe-se independente; por isso está avalizado pelo concílio de Jerusalém. Contudo, mantém-se em comunhão com a igreja de Tiago e numa viagem carregada de presságios, contrariando todas as advertências, sobe a Jerusalém para visitar os irmãos. Esta subida modelou o destino e a figura original de Paulo. Como aquele Jesus que sobe a Jerusalém em Lucas, assim o Paulo que se dirige à cidade antiga suscita nos Atos um ambiente de plenitude e sacrifício. Mas esse caminho, que se condensa no juízo definitivo de Israel contra a mensagem de Jesus, conduz em nosso caso a Roma. Para lá se dirige o missionário encarcerado e dá testemunho de Jesus no centro deste mundo.

Com isso já traçamos os três momentos fundamentais desta última parte do livro dos Atos. Começaremos pela missão de Paulo (15,36-19,20); prosseguiremos com seu caminho a Jerusalém (19,21-21,26); trataremos a seguir do julgamento diante de Israel e de

Roma (21,27-26,32). Como conclusão procuraremos precisar o sentido da viagem e da estadia de Paulo em Roma.

1. *A missão de Paulo* (15,36-19,20)

Lucas já descreveu os tópicos da missão de Paulo ao descrever a sua primeira viagem e apresentá-lo perante o concilio de Jerusalém (13,1-14,28). Julgamos, no entanto, que só aqui explanou essa missão por completo. Embora o texto se possa dividir de modo tradicional em duas metades (segunda viagem: 15,36-18,22 e terceira viagem: 18,23-20,38) e embora depois se pudesse apresentar cada cena em separado, preferimos seguir uma ordem mais sistemática. Nesta secção trataremos os problemas fundamentais que suscita em Lucas a missão de Paulo até o momento em que decide subir a Jerusalém (19,21). Na seguinte falaremos do "caminho", introduzindo nele grande parte do material que ordinariamente se inclui na "terceira viagem" missionária (19,21-20,38).

Toda a missão, até no próprio roteiro que percorre, é para Lucas obra do Espírito de Cristo que dirige Paulo (16,6-10). Aquele primeiro pentecostes em que a igreja foi fundada (2,1s) explicita-se agora à maneira de caminho criador no qual Paulo vai adiante e nascem sem cessar comunidades de cristãos.

Sem dúvida, Paulo é para Lucas sinal da igreja missionária das nações. Não obstante, o próprio Lucas tem muito cuidado em assinalar que a palavra dele começou dirigindo-se primeiro aos judeus. Em Tessalônica (17,1s), em Corinto (18,5s), em toda parte a missão se abre no contexto da sinagoga. Israel tem direito de receber, antes de mais ninguém, a grande nova de Jesus, o Cristo. Mas de modo geral o povo de Israel rejeita o mensageiro de Jesus. Então Paulo se volta para os

gentios e prega, e confiada, abertamente o evangelho. Um caso típico é constituído pela missão de Éfeso:

> Entrou na sinagoga e lá falava com firmeza durante três meses, conversando e persuadindo acerca do reino dos céus; mas como alguns se endureciam e não acreditavam, injuriando o caminho (de Jesus) diante da multidão, Paulo separou-se deles e tomou à parte os discípulos, falando todos os dias na escola de Tiranos (19,8-9).

Supõe-se aqui que em Éfeso existia uma comunidade judeu-cristã que se achava unida à sinagoga. Paulo aceita a situação e procura mostrar, a partir de dentro de Israel, o sentido de Jesus e do caminho salvador que nos apresenta. Só quando aparecem dificuldades, Paulo sai fora. Deixa a sinagoga, retira os discípulos e forma com eles uma igreja autônoma. Estando nesta situação prega a verdade aos gentios.

Mas Éfeso é apenas um caso. Talvez outras vezes não tenha havido tempo para formar uma comunidade judeu-cristã devido à própria oposição inicial dos judeus. Seja como for, o Paulo de são Lucas sabe apresentar o evangelho aos gentios sem necessidade de que conheçam o velho testamento. Caso típico constitui o sermão do Areópago (17,22-34)[15].

Esse discurso do Areópago pode conservar um fundo histórico. No entanto, Lucas nos apresenta aqui um sermão tipicamente estilizado; a mensagem de Paulo (símbolo da missão cristã) se apresenta em forma de palavra dirigida a Atenas (centro e compêndio do mundo greco-romano culto).

Os motivos atenienses acham-se habilmente apresentados: templos e imagens de deuses, piedade do povo, escolas filosóficas, curiosidade diante do que é novo, os discursos do Areópago... Sobre esses temas

15. E. Hänchen, *o.c.*, 454.

constrói Lucas uma cena claramente típica na qual Paulo, como novo e autêntico Sócrates, dirige a palavra de verdade a todo o mundo culto do seu tempo.

A palavra de Paulo — a mensagem de Jesus — não começa sendo uma condenação. Atenas e o paganismo elevaram um altar ao Deus desconhecido. Com isso, e sem sabê-lo, veneraram o Deus autêntico em que todos nos movemos, vivemos e existimos. Todo o mundo grego, com a sua busca de Deus e a sua sensibilidade diante do mistério, aparece valorizado aqui como âmbito em que se pode pregar a palavra de Jesus Cristo de modo que se possa compreender.

Contudo, diante de todo o mundo grego, o Paulo de Lucas tem de apresentar a palavra decisiva: o Deus autêntico veio julgar, dar sentido ao mundo por meio de Jesus em quem se mostra a sua verdade e o seu poder por meio da ressurreição dentre os mortos (17,31-32).

Sem dúvida, o sermão de Atenas parece terminar num fracasso (17,32-34). Mas o fracasso é só relativo porque alguns se convertem. Precisamente naquelas palavras de Paulo e nestas conversões finais Lucas entreviu a possibilidade de que o mundo culto do império não se feche. Jesus não é só uma esperança para Israel e os pequenos da terra; a sua palavra oferece salvação e plenitude a todos.

A missão de Paulo inclui ainda um aspecto novo. Não busca só os judeus e gentios. Dirige-se de igual forma aos "cristãos imperfeitos", os fiéis que ainda carecem da plena exigência do Espírito (18,24-19,7). Os textos que revelam essa atividade de Paulo são, à primeira vista, enigmáticos. Fala-se em primeiro lugar de Apolo que prega o que se relaciona com Jesus, mas conhece só o batismo de João. Priscila e Áquila, amigos de Paulo (18,2s), o instruem sobre todo o conteúdo do caminho de Jesus, o Cristo (18,24-28). O que está obscuro nesta cena se precisa na seguinte. Paulo encontra

doze "discípulos" (cristãos) que só conhecem o batismo de João; ele os instrui, batiza-os corretamente e recebem o Espírito Santo (19,1-7).

Estes "cristãos de João Batista" são para Lucas como que membros de uma seita. Não se acham em plena comunhão com a igreja das origens. Por isso falta-lhes o Espírito Santo, como faltava em Samaria antes da vinda dos apóstolos (8,14-17). Só quando aceitam por Paulo ou seus amigos a unidade original esses discípulos recebem o Espírito.

Seja qual for a origem desta história, ela nos mostra que Paulo é o autêntico ministro da igreja. Ao fundarem-se em sua missão, as comunidades cristãs se acham arraigadas nesse princípio permanente de unidade que é o Espírito.

Sobre o fundo de uma mão de Deus que guia a missão de Paulo, era quase necessário falar de milagres (19,11-16). Na realidade, toda a obra de Paulo é um milagre da providência. Assim o mostra Lucas na cena literariamente preciosa da atividade de Paulo em Filipos (16,11-40): a vida dos apóstolos se converte aqui num tipo de novela edificante; Deus assiste com um cuidado peculiar os que anunciam a sua mensagem. Mas no fundo da "imunidade" de Paulo encontra-se também a sua condição de "romano" (16,37-39). Interessa a Lucas mostrar que o pregador do evangelho deve contar com a proteção, ao menos negativa, do império (18,13-17). A mensagem de Jesus não se dirige contra Roma. Mas desse tema trataremos ao falar do processo de Paulo.

2. *O caminho de Paulo* (19,21-21,26)

Toda a segunda parte do evangelho de Lucas (desde 9,51) está montada sobre o esquema de um caminho que conduz Jesus à morte (Jerusalém) e que culmina à direita de Deus Pai (a ascensão). O livro dos

Atos retoma esse caminho: partindo de Jerusalém e movidos pelo Espírito, os discípulos de Jesus sentem-se conduzidos até os confins da terra. Neste movimento expansivo situa-se Paulo e exerce um papel fundamental. Por seu intermédio a palavra de Jesus foi pregada em quase todo o velho oriente. Pois bem, agora são Lucas nos faz ouvir o seu comentário e diz:

> Depois destes acontecimentos, Paulo decidiu vir a Jerusalém passando pela Macedônia e pela Acaia. E acrescentou: Após ter estado lá, é preciso que eu vá também a Roma (19,21).

Nestas palavras temos um esquema de todo o resto do livro dos Atos. Paulo irá a Jerusalém e a Roma passando pela Macedônia e pela Acaia. Sua viagem será uma viagem de despedida. Será preciso fortalecer pela última vez as igrejas, recomendar-lhes a vigilância e exigir delas a fidelidade aos inícios; assim o fará de modo simbólico em Mileto (20,17-38).

Mas a viagem é também uma subida a Jerusalém. E perguntamos: por que Paulo a efetuou? Para celebrar a antiga festa de pentecostes e recobrar a força das suas origens judaicas (cf. 20,16); para saudar os irmãos e mostrar-se em comunhão com eles; para enfrentar decisivamente o mundo, representado pela autoridade de Israel e pelos juizes do império (Roma).

O caminho de Jesus levou do juízo de Jerusalém ao Pai. O caminho de Paulo começa sendo uma "volta". Pretende-se centrar todo o esforço missionário pondo-o à luz dos princípios (Jerusalém), situando-o perante o julgamento de Israel e de Roma. Mas o caminho missionário não pode terminar em Jerusalém. Como testemunha aprisionada Paulo chega a Roma. A palavra de Jesus, perseguida mas vitoriosa, já se semeou no centro da terra.

Pelas próprias cartas de Paulo conservamos o testemunho de um caminho decisivo que o colocou no

rumo de Jerusalém. Leva as coletas das igrejas que fundou e testemunha dessa forma a sua unidade com o princípio original, representado ainda de algum modo pelos irmãos de Jerusalém (21,17). Tudo parece indicar que ele está com medo. Com o anúncio do caminho é muito provável que a sua voz se apague. Preso em Jerusalém e conduzido a Roma, terminou assim a sua obra missionária; deu até o fim o testemunho de Jesus, o Cristo.

Sobre a lembrança histórica da subida a Jerusalém, do julgamento perante Israel e da sua marcha, na qualidade de prisioneiro, até Roma, Lucas escreveu no fim do livro dos Atos. Não nos compete separar "valorização" teológica e história. Só procuramos compreender o sentido de Paulo e de seu caminho no princípio da igreja.

O caminho de Paulo revela-se, em primeiro lugar, como advertência e despedida. Reunidos em Mileto, os anciãos da comunidade de Éfeso o escutam (20,18-38). O velho missionário se despede deles e de todas as igrejas que fundou. Toda a sua existência está aqui cristalizada diante do futuro como exemplo, modelo de passado e advertência perante os novos perigos do amanhã. Certamente, é Paulo quem nos fala; mas o Paulo da vida inteira, o Paulo da missão original, tal como foi interpretado por são Lucas.

No final do seu caminho e orientado para o julgamento decisivo, Paulo aparece como autêntico missionário (20,31). Toda a sua vida foi um testemunho de paixão e de vitória. Agora, no fim, está cativo, mas cativo do Espírito que vai conduzi-lo a um novo sofrimento, a uma vitória nova (cf. 20,22-23).

A figura de Paulo levanta-se assim como advertência diante de todos os perigos que rondam a igreja. Existem lobos que ameaçam de fora e surge de dentro um grande perigo (20,29-30). Dá a impressão que uma espécie de heresia gnóstica ameaça de maneira espan-

tosa as igrejas que fundou. Pois bem, Lucas adverte que a culpa não está em Paulo, que até o fim foi fiel e que lutou de tal modo que o seu exemplo pode ajudar a superar a situação adversa (20,25-35). Lucas dirige aqui por meio de Paulo um apelo angustioso aos anciãos da igreja:

> Cuidai de vós mesmos e do rebanho, do qual o Espírito Santo vos constituiu guardas para apascentar a igreja que Deus mesmo adquiriu com o seu sangue (o sangue do seu próprio filho) (20,28).

Paulo sempre teve companheiros na obra missionária; nas suas igrejas ficaram e surgiram homens do Espírito, encarregados de velar pelos irmãos e avivar o fogo missionário. Aqui eles são chamados indistintamente anciãos (presbíteros) e supervisores (bispos). O seu nome e a sua função estrita não interessa; é quase certo que ainda não se tinham estabelecido na igreja as suas tarefas. O que importa é só isso: a igreja está em perigo e é preciso despertar a consciência daqueles que se dedicam a servi-la; é preciso despertar a sua consciência e apontar-lhes o exemplo de absoluta dedicação, fidelidade e entrega de Paulo.

Sendo tipo de fidelidade para a igreja, este final de Paulo é, ao mesmo tempo, "caminho de lutas e de presságios". É um caminho de luta que começa em Éfeso com o motim dos ourives e Demétrio (19,23-40). Sem dúvida, não tocam em Paulo. Mais ainda, ajudam-no as próprias hierarquias imperiais (asiarcas) e se demonstra que a mensagem de Jesus não é crime perante Roma. Mas o culto pagão o persegue e esta nota de dureza é o começo da sua viagem.

O caminho de presságios adversos iniciou-se na Grécia. Ao que parece, os judeus não o admitem como companheiro de peregrinação e ele tem de começar a viagem dando volta pela região (Macedônia) (20,1-6).

Depois tem-se a impressão de que os presságios se diluem na alegria de uma ceia e num discurso longo e cheio de esperança em Trôade (20,7-12). Mas reaparecem em Mileto, na sua palavra aos anciãos: "Vou a Jerusalém e não sei o que me espera; mas em toda parte o Espírito me anuncia padecimentos e cárceres em Jerusalém" (cf. 20,22-23).

Os presságios tornam-se insistentes em Cesaréia. Um profeta da Judéia, chamado Ágabo, anuncia a Paulo a tragédia. Os judeus o prenderão, será entregue aos gentios (21,10-11). Não era necessária demasiada previsão humana para afirmá-lo. A figura de Paulo era por demais conhecida e odiada entre os judeus do oriente, para passar inadvertida em Jerusalém numa festa como a de pentecostes. O seu nome estava se convertendo em símbolo de infidelidade â lei, aos antigos fundamentos santos do judaísmo. Tudo era de se esperar nestas circunstâncias.

Mas o Paulo de Lucas sente-se judeu até o fim e está disposto a defrontar-se com a própria autoridade suprema do seu povo. Por isso sobe. E sobe também porque lhe importa muito manter a comunhão com os irmãos da comunidade judeu-cristã que, reunidos em torno de Tiago, conservam algo daquele princípio da igreja que se achava constituída pelos doze apóstolos. Paulo não sabe plenamente em que atitude se acham os irmãos; mas precisa manter a comunhão com eles. Por isso sobe, apesar dos presságios. Está disposto a ser encarcerado e a morrer se necessário (21,13).

Chegando a Jerusalém, Paulo visita os irmãos. Visita-os, oferece-lhes comunhão e aceita o conselho que lhe oferecem. Para mostrar que na sua missão aos gentios não deixou de ser israelita, para indicar que não renega as velhas tradições do seu povo, fará diante de todos um ato público de culto diante do Senhor, o Deus do templo (21,17-26).

O gesto de Paulo parece-nos, ao mesmo tempo, enigmático e brilhante. É brilhante porque indica que a fraternidade eclesial está por cima de todas as divergências teológicas. Paulo, o missionário da igreja universal, acede ao pedido dos seus irmãos os crentes, que continuaram ligados ao serviço da lei e sobe ao templo em conformidade com um culto e um espírito que fazem parte da antiga aliança. Por isso mesmo, o gesto é enigmático. Que valor oferece o templo? Que sentido tem todo o fato?

Lucas não quis responder a estas perguntas. Basta-lhe apontar os aspectos fundamentais. Paulo subiu a Jerusalém para oferecer fraternidade e recebê-la. Toda a sua missão parece fundada naquele antigo resultado do concílio. Pois bem, sendo diferentes e igualmente valiosas, a igreja dos judeus e a dos gentios, para continuar sendo igrejas de Jesus, devem manter-se em comunhão. Por isso Paulo veio. E veio porque tenciona dar testemunho diante de Israel e diante do mundo.

Os presságios se cumprem. Paradoxalmente, prendem Paulo justamente quando sobe ao templo para se mostrar autêntico israelita. Prendem-no e o colocam defronte a todo o judaísmo e enfim ele se encontra diante de Roma. Mas com isso, seguindo ainda o caminho, o nosso tema recebe um matiz diferente: começa o julgamento.

3. *O processo de Paulo* (21,27-26,30)

O processo de Paulo, que tantas vezes nos parece monótono, longo, cansativo, constitui um elemento central na teologia de Lucas e na própria essência da igreja. Mais uma vez devemos recordar que Lucas é um homem que escreve em forma narrativa e não por meio de arrazoados ou teoria. Aquilo que nos diz, utilizando em nosso caso as cenas de um processo, quer re-

fletir a própria essência da igreja de Jesus e o seu valor e situação dentro do mundo.

A igreja judeu-cristã de Jerusalém, aquela que Paulo visitou num gesto extremo de unidade e cortesia, desaparece definitivamente. Talvez Lucas suponha que realmente terminaram seu influxo e seu futuro. Talvez queira nos demonstrar que, isolando-se em si mesma — chegou a separar-se da corrente do Espírito que leva o testemunho de Jesus até os confins da terra. O certo é que interessa a Lucas Paulo com todas as igrejas de missão que ele representa, essas igrejas formadas por judeus e gentios em todo canto do império.

Em todas essas igrejas vive-se uma problemática angustiante: as relações com o império. Parece que os cristãos começaram a encontrar dificuldades: são considerados réus de pecado contra César porque anunciam e praticam um tipo de religião em que não resta lugar para o imperador como *soter, kyrios* divino (cf. Lc 2,11). Por outro lado, os judeus, que gozam de um tipo de "estatuto de liberdade" dentro do império, negam-se a estender esse estatuto aos cristãos, traidores da sua lei e do templo. Por isso, Lucas tem de lutar em duas frentes. Por um lado, vai mostrar que o cristianismo não pode ser rejeitado por Israel, porque no fundo Israel e o cristianismo vivem de uma mesma esperança primordial, a ressurreição messiânica dos mortos. Por outro lado, tem de esclarecer que, embora tenha sido acusado perante Roma, o novo caminho dos cristãos não contém nada que contrarie a segurança e a vida do império.

Lucas centra toda esta problemática no fato histórico do processo de Paulo em Jerusalém, Cesaréia e Roma. Agindo assim, foi fiel á sua própria teologia: em Paulo reflete-se o destino da igreja universal; por isso, o seu processo vai se apresentar como sinal e conteúdo desse imenso processo no qual a mensagem de Jesus se acha colocada diante dos judeus e dos romanos.

O processo tem início perante o mesmo povo que o acusa, em Jerusalém e junto ao templo. Paulo liberta-do pelos romanos do motim judaico (21,27s), pede licença e procura mostrar que não é culpado (22,1-21). Com esse objetivo conta o transcurso da sua vida. E apresenta-a no seu conjunto como símbolo de fidelidade estrita à sua velha formação de fariseu e à sua nova vocação cristã.

O debate não se inicia no momento de falar sobre Jesus. Paulo, o fariseu, poderia ter ouvido esse Jesus que dizem que triunfou da morte. O que Israel não pode permitir é que Paulo se dirija às nações e perturbe a ordem dada; não admite que as antigas verdades do seu povo "saiam de Jerusalém" e se convertam em valor de vida para todos (cf. 22,30-23,10). O confronto chega à violência quando Paulo afirma de modo solene que a sua consciência (de judeu) está tranqüila (23,1-5). E continua a violência quando o próprio Paulo procura apresentar o cristianismo como um caso de disputa que se pode manter dentro dos quadros do próprio judaísmo (23,6-9).

Paulo tenta mostrar que, se o julgam, é porque acreditou, de verdade e até o fim, na ressurreição dos mortos com tudo o que nela está implicado. Dessa forma é infinitamente mais judeu que os saduceus que rejeitavam a ressurreição; por isso pode aliar-se na realidade aos fariseus que a admitem. Com isso chegou-se ao centro do processo entre a igreja e o judaísmo. Por meio de Paulo a igreja estende a mão e a estende de forma absoluta. No fundo da nossa fé, na ressurreição, somos aliados. Por isso, não podemos combater-nos e por isso os judeus são injustos se é que querem acusar-nos perante Roma.

Tal é a situação real. E no entanto, o judaísmo pretendeu aniquilar Paulo (o cristianismo) de forma constante e decisiva. Sendo assim, Paulo não tem outro recurso senão acudir à proteção que, imparcialmente,

oferece Roma a todos os que fazem parte do seu império e de modo especial aos que são seus cidadãos (23,12-35). Com isso começa um duplo julgamento. Por um lado, Paulo vai afirmar que nada tem contra o povo de Israel e que, ao condená-lo, os judeus estão lutando contra a sua própria essência (cf. 24,14-16.21). Por outro lado, vai afirmar que é inocente daquilo de que o acusam perante Roma: não organizou sedições, não perturba a ordem do império (24,12-13; cf. 24,1-9).

Paulo procura retirar a sua questão do campo de jurisdição de Roma (ordem pública) para colocá-la num terreno puramente religioso, dentro do próprio judaísmo: a única coisa que realmente se debate é o sentido da ressurreição dos mortos (24,21).

Por tudo isso, Paulo nada tem contra Roma e se o procurador Félix não o pôs em liberdade é porque esperava receber dinheiro em troca (24,22-26). Por isso, quando Festo, o novo procurador, quer granjear a simpatia dos judeus e suscita de novo todo o problema, com evidente perigo de vida para Paulo, a quem ameaçam os extremistas de Israel, Paulo apela tranqüilamente a César (25,1-12).

Não creio que se possa duvidar, ao menos com bastante seriedade, que Paulo tenha sido cidadão romano e que, julgado na Palestina, tenha apelado ao supremo tribunal de Roma. Não obstante, o interesse de Lucas não se centra nos detalhes dessa história. Em Paulo se reflete todo o cristianismo que, rejeitado por Israel e sem contar com proteção oficial de nenhum tipo (em perigo de ser declarado fora da lei) apela, contudo, a Roma.

Lucas não quis terminar o julgamento na Palestina com a cena da apelação. Poderia dar a impressão de que Paulo e o procurador se acham divididos e que o processo tem um fundo de razão. Por isso, para mostrar que Paulo é inocente, para indicar que o procurador

não teve razão enviando Paulo a Roma, Lucas apresentou uma nova cena que é mais de explicação que de julgamento.

A cena reveste-se de um aparato solene. Festo, o procurador, convida o rei Agripa que desceu para visitá-lo. Não sabe o que dizer de Paulo em Roma e não o pode enviar sem uma causa. Por isso quer fazer luz sobre o problema; talvez Agripa o ajude (25,23-26). Pois bem, nesse contexto solene Paulo volta a apresentar a sua vida. Todos os problemas de uma possível sedição contra Roma ou de um delito de ordem pública desapareceram. Paulo não é mais que um judeu, um autêntico judeu que dá testemunho de Jesus e anuncia a ressurreição (26,1-32).

Todo o problema que suscitam Paulo e o cristianismo mantém-se dentro dos quadros do judaísmo, na maneira de entender a esperança messiânica: se Cristo tinha de padecer, se é o primeiro a ressuscitar dentre os mortos e se é luz para o seu povo e para os gentios (26,23). Tal é a realidade do cristianismo; é sobre isso que César deve decidir.

O procurador e Agripa antecipam a resposta que seria lógica, segundo Lucas. Dum ponto de vista meramente pessoal, Festo, o romano, não compreende Paulo. Por isso diz: "Tu estás louco". Agripa, judeu pela metade, deve confessar: "Quase me convertes, Paulo" (26,24-28). No plano oficial os dois concordam:

> Nada fez este homem que seja digno de morte ou de prisão... Poder-se-ia soltá-lo se não tivesse apelado a César (26,31-32).

Sim, o julgamento deveria estar já concluído. Roma teria de ser neutra; judeus e cristãos que resolvam de maneira privada suas querelas sobre a ressurreição e a esperança messiânica. Não obstante, Lucas sabe que o julgamento de Paulo continuou. E sabe,

sobretudo, que a igreja se acha ameaçada. Carece do estatuto de liberdade do judaísmo, acha-se à mercê de Roma. Sobre esse pano de fundo Lucas escreveu a conclusão do seu tratado.

4. *O cristianismo perante o julgamento de Roma* (27,1-28,31)

Paulo apelou a César e foi conduzido a Roma. Talvez a viagem por mar tenha sido acidentada; não é impossível que o capítulo 27 conserve algumas recordações autênticas da dura travessia. Todavia, tudo nos faz supor que este relato está forjado fundamentalmente a partir de uma perspectiva literária. A obra está terminando; convinha rematá-la com um selo artístico do gosto daquele tempo.

Sobre o fundo de um mar violentamente conturbado destaca-se nitidamente a figura de Paulo. Está preso e não obstante só ele sabe e é capaz de superar todo perigo. Nenhuma força da terra pode se opor à obra missionária e Paulo há de vir a Roma, há de dar seu testemunho perante César.

Em Roma Paulo encontra os cristãos. Chegaram antes dele e o recebem. Precisamente eles são os que demonstram que a obra missionária foi válida, saltou por cima de todas as barreiras. É a hora decisiva e Paulo se acha em Roma. Mais uma vez acorrem os judeus. Paulo lhes fala. Toda a sua história foi uma tentativa de chegar ao essencial do judaísmo, abrindo-o à missão universal por meio de Jesus o Cristo. No processo que acaba de enfrentar na Palestina, Paulo mostrou que o judaísmo e a mensagem de Jesus convergem num centro, nessa meta universal da ressurreição dos mortos. Mas o conjunto de Israel não aceitou o testemunho de Paulo. Mais uma vez, em Roma, o rejeitam (28,16-28). E mais uma vez, prisioneiro do César e rejeitado por seu povo, Paulo se dirige aos gentios (28,30-31).

O final da obra de Lucas está carregado de simbolismo. A sua situação parece sem saída; não tem apoio humano e contudo se mantém na esperança. Israel não o aceita como seu. Roma o mantém sob custódia. Pois bem, abandonado pelos seus e aparentemente sozinho, Paulo é o mais forte, anuncia confiante o evangelho de Jesus, Senhor e Cristo (28,31).

Que aconteceu com Paulo? Não sabemos. Talvez tenha sido julgado e sofrido a pena de morte. Mataram-no. Não o sabemos. Nem nos deve interessar porque tampouco interessa a Lucas. Paulo cumpriu a sua missão e foi testemunha de Jesus pelos caminhos do oriente; proclamou a verdade do Cristo aos judeus; e veio a Roma para dar testemunho diante do *kyrios*, diante do César, senhor da terra, mostrando que só Jesus é verdadeiro e absoluto senhor, *kyrios* (28,31). Isso basta.

5. *Nota final*

Por meio da figura de Paulo, Lucas deu testemunho de Jesus e da essência da sua igreja no meio deste mundo. Toda a obra de Lucas se condensa no final como um julgamento. Aos cristãos, esse julgamento os leva a conhecer melhor a solidez daquilo em que acreditaram (Lc 1,2). Para os homens cultos do seu tempo esse julgamento é uma interrogação: que sentido têm esses fatos que surgem de Jesus e se condensam finalmente em Paulo? Os judeus, finalmente, foram convidados a pensar de novo na sua atitude diante do messias, a ressurreição e a missão cristã.

Nesse sentido a obra de Lucas, sendo uma teologia para os cristãos, é uma teologia para os judeus e gentios. Não é um sermão, não é tampouco um livro de argumentos. Lucas é um narrador e dispôs em ordem os fatos que aconteceram entre nós desde o tempo de Jesus, na Galiléia, até os confrontos atuais dos seus se-

guidores com os judeus e o império. A história que se acha por detrás de tudo isso é imponente; fala de Deus, do Cristo e do Espírito; mas fala, ao mesmo tempo, dos homens que acreditaram e daqueles que se acham confrontados com a sua fé e a sua nova atitude perante a vida. Por tudo isso e porque crê em Jesus, Lucas quis narrar-nos esta história.

Como se conhece o seu sentido? Seria preciso começar de novo, voltar ao nascimento, à missão na Galiléia e ao caminho de Jesus até o calvário. Quem se arriscar e seguir o caminho dessa história verá que é verdadeira.

ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS

Isaías

40,3:33

Mateus

4,17:43
18,12-14:99
25,31-46:10
27,46:131
28,16-20:10

Marcos

1,4.5:48
1,14-15:35,40,43
1,16-3,12:35
1,21-38:46
2,23-27:63
4,35-41:64
6,1-6:45
15,34-35:131

Lucas

1,1:10
1,1-4:9
1,2:15,16,21,183
1,5-25:23
1,5-4,13:41,42
1,11s:24,146
1,13-15:24
1,15:12,31
1,15-17:24
1,17-36:24
1,26-38:25
1,28:25
1,31-33:25,145
1,32-35:14
1,33:39
1,35:18,25,26,37
1,39-45:46
1,42-45:27
1,46-47:27
1,46-55:27
1,48:25
1,55:27
1,57:28
1,58:28
1,63:28
1,68:28
1,68-79:28
1,69-73:28
1,74-75:28
1,76:50
1,76-79:29
1,80:29

2,1s:16
2,1-7:29
2,8-20:29
2,10:29
2,11:17,30,39,44
113,145,178
2,14:30
2,15s:31
2,19:31
2,22s:31
2,22-24:31
2,29-32:31
2,32:16
2,34-35:31
2,38:31
2,40:31
2,41-50:31
2,49:32
2,52:32

3,1-2:16,33
3,3:33
3,4-6:33
3,7s:58
3,8:33
3,9:33
3,11:33,34
3,12-14:34
3,16:34,39,137,146
3,17:39,45
3,19-20:35
3,21-22:36,82
3,21,38:36
3,21-4,13:36
3,22:12,14,18,37
3,23-38:36,38
3,31:38
3,34:38
3,38:14

4,1-12:45
4,1-13:38
4,3-4:39
4,5-8:39
4,9-13:39
4,13:38
4,14-15:41
4,14-9,50:41,
42,45,48,50

4,16-30:41
4,17s:113
4,18s:12,17,37,47
4,18-19:43,44
4,18-22:82
4,21:17,43,55
4,22:44
4,23:44
4,24:44
4,25-27:45
4,31-32:46
4,31-44:45,46
4,33-37:46
4,34:47
4,38-39:48
4,40-41:46
4,42-44:46
4,43-44:46

5,1-11:50,51,55
5,1-6,16:51
5,8:48
5,10:48,50
5,12-6:51
5,12-32:51
5,13:51
5,14:51
5,17:52
5,17-26:51,52
5,20:52,53
5,24:52,53
5,27:53
5,27-32:51,53
5,30:53
5,32:53
5,33-35:54
5,33-39:54
5,35:54
5,36-38:54

6,1-11:54
6,5:55
6,7:55,151
6,9-11:55
6,12-13:55
6,12-16:50,51
6,12-49:55
6,14-16:75
6,20:56
6,20-22:56
6,20-49:78
6,23:57
6,27:58
6,27s:58,101
6,29-34:58
6,35:58
6,36:59
6,37:58
6,37-38:59
6,37-42:59
6,43-46:59
6,47-49:59

7,1-15:59,60
7,1-17:60
7,1-50:60
7,1-9,20:59
7,9:60
7,14:61
7,16-17:61
7,18-20:61
7,19-20:61
7,20:60
7,21:61
7,22:61
7,24-27:62
7,28:62
7,29-30:62
7,31-35:62
7,36-50:62

8,1-3:50,63
8,1-21:60
8,4-15:63
8,4-21:63
8,9-10:63
8,16:64
8,17:64
8,19-21:64
8,22-25:60,64
8,22-56:63,64
8,26-39:65
8,40,42:65
8,40-56:65
8,43-48:65
8,51:50
9,1s:50
9,1-2:66
9,1-6:50,63,66,75
9,1-17:60
9,2:55
9,7-9:67
9,10-17:67
9,18-20:50,60,63, 11,12,20,21
9,20:42,50,68,69
9,21-50:42,69
9,22:69,70
9,23-26:69
9,24:69
9,27:70
9,28:50
9,28-36:70
9,30-31:70
9,33:70
9,35:70
9,37-42:71
9,44:71
9,45-46:71
9,48:71,145
9,49-50:72
9,51:41,45,73,138
9,51-52:74
9,51-56:75
9,52-10,24:86
9,58:75
9,59-60:75
9,61-62:75

10,1-3:75
10,1-12:51,75
10,1-15:74
10,9-11:76,78
10,13-15:76
10,16:74,76,145
10,17-19:76
10,21-24:77
10,22:77
10,22-23:145
10,25-28:78,79
10,25-37:78
10,25-11,13:78,86
10,30-37:79

10,38-42:78
10,39:79
10,41-42:79

11,1-13:78,81
11,2-4:80
11,5-8:80
11,11-12:81
11,13:81,82
11,13-12,12:81,96
11,14-15:82
11,15:84
11,17-23:82
11,24-26:83
11,27-28:83
11,29-32:83
11,33:83,85
11,33s:83
11,34-36:83
11,37-44:83
11,37-54:83
11,39:84
11,42:84
11,43:84
11,44:84
11,45-52:84
11,46:84
11,47-48:84
11,47-51:85
11,50:84
11,52:84

12,1:85
12,2-3:85
12,4-7:85,86
12,8s:145
12,10:85
12,11-12:86
12,13-14:90
12,13-18,30:108
12,13-13,9:87
12,15:90
12,16-21:90,103
12,20:90
12,21:90
12,22-29:90
12,30:91
12,31:91
12,32:91,92
12,33:92
12,33-34:91,92
12,34:92
12,35-36:93
12,35-13,9:87
12,42-43:93
12,47-48:93
12,49:94
12,54-56:94
12,57-59:94

13,1-15:94
13,6-9:94
13,10-17:95
13,10-15,32:87, 88,95
13,16:95
13,18-21:95
13,22-25:96
13,26-27:96
13,27-29:96
13,28-29:97
13,32-33:96
13,34-35:97

14,1-6:97
14,1-35:97
14,7-14:x
14,15:98
14,15-24:98
14,25-27:99
14,25-35:99

15,1-7:99
15,1-10:100
15,1-32:99
15,8-10:99
15,11-32:99,100

16,1-13:101
16,1-17,19:87,101
16,10-12:101
16,13:102
16,14:102
16,15:102
16,16:102
16,16-18:102
16,29-31:103
17,1-4:104
17,7s:104
17,7-14:97,104
17,11-12:104
17,20s:145
17,20-21:105
17,20-37:88,105
17,21:112
17,22-25:106
17,33:106

18,1-8:107
18,1-17:88
18,1-30:88,107
18,9-14:107
18,11-12:109
18,15-17:107,108
18,18:109
18,18-23:109
18,18-30:108
18,21:111
18,22:109
18,24-27:109
18,28:109
18,31-33:110
18,34:110
18,35-43:110,111
18,35-19,27:110

19,1-10:111
19,9:111
19,11-27:111,112
19,19-31:103
19,28-34:114
19,28-46:114
19,35-38:114
19,38:114,145
19,39:114
19,41:115
19,42-44:115
19,45-46:115
19,47-24,53:117
19,47-48:117,120

20,1s:119
20,1-8:117

20,1-21,4:117
20,2:117
20,9-19:118
20,20-26:118
20,27-40:119
20,39:119
20,41-44:119
20,45-47:119
21,5-38:117
21,6:119
21,8-9:120
21,10-19:120
21,20-24:121
21,25-26:121
21,27:20,121
21,28:122
21,29-36:122
21,37-38:117,120
22,1-2:122
22,1-6:123
22,1-23,56:122
22,7-13:123
22,7-38:123
22,14-18:123
22,15:123
22,19:123
22,21-23:124
22,24-27:124
22,28-30:124
22,31,35:125
22,36-37:125
22,39s:125
22,42:125
22,47-53:126
22,54-62:126
22,63-65:126
22,67s:127
22,69:11,12,138,
145,156

23,8-12:128
23,13-16:129
23,17-24:129
23,25:129
23,26-31:130
23,28-29:129
23,34:130
23,35:130
23,36-38:130
23,42:130
23,43:12,17,21,
103,130
23,46:14,131
23,46:14,131
23,50s:132

24,1-11:134
24,1-53:132,133,136
24,4:134
24,5:134
24,6-7:134
24,9-11:134
24,13-35:134
24,21-24:135
24,25-26:135
24,26:135,137
24,27:135
24,34:135
24,35:135
24,36-49 X
24,36-53:136
24,40:136
24,42-43:136
24,45-49:138
24,47:55,137
24,48:143
24,49:18,133,146
24,51:138

João

20,21:136

Atos dos Apóstolos

1,1:9,39,132
1,1-2:9
1,1-11:117,132
1,1-14:133
1,2:73
1,2-3:133
1,3:135,136
1,4:136
1,4-5:133
1,4-8:18,138
1,4-11:136
1,5:137,146
1,6-7:137
1,8:137,143,152,167
1,9-11:138
1,11:142
1,11-2,47:142
1,11-5,42:142
1,15-5,42:142

2,1s:18,19.21,169
2,1-4:19,144
2,1-21:147
2,1-42:147
2,1-47:144
2,5-13:15,144
2,14-36:144
2,15-21:145
2,16s:12,19,20
2,22-36:144
2,32-33:146
2,33:12,18,147
2,37-41:145
2,38:19,148
2,38-39:147
2,40:148
2,42-45:149
2,42-47:150
2,46-47:148,150

3,1:105
3,1-26:147
3,6:147
3,6-7:147
3,13:147
3,19s:147
3,19-21:148
3,21:20

4,1-31:151
4,8-12:151
4,10:147
4,12:147
4,16:43
4,18:152
4,20:152
4,24s:152
4,32:150
4,33:148

4,36-37:149

5,1-11:149
5,13s:151
5,17-42:151
5,29:152
5,29-32:151

6,1s:154
6,1-6:154
6,1-8,40:154
6,1-15,35:142,152
6,5:154,156
6,8s:155
6,8-14:155
6,15:19

7,1-53:155
7,2s:14
7,25s:155
7,35:155
7,39-41:155
7,48:155
7,52:155
7,54-60:103
7,55:155,156
7,56s:17,21
7,56-60:12
7,57s:156
7,59:156
7,60:130
7,65:145

8,1:156,158
8,4s:156
8,10:156
8,13:157
8,14-17:144,157,172
8,18-24:157
8,26-40:157

9,1s:147
9,1-2:158
9,1-30:157
9,4-5:159
9,10-13:159
9,15s:159
9,19-22:159
9,26-30:159
9,31-43:160
9,51:172

10,1-8:160
10,9-23:161
10,27s:161
10,37-38:42
10,37-43:161
10,38:18,37
10,42s:19
10,44,45:161

11,17-18:161
11,19-20:161
11,22-23:162
11,25-26:161
11,26:161

12,1-2:163
12,1-17:162
12,3-17:163
12,17:165

13,1-2:162
13,1-14,28:162,169
13,2-3:162

14,15s:14

15,1-6:15,164
15,1-35:163
15,7-9:165
15,7-11:165
15,10-11:165
15,13-17:166
15,13-21:165
15,19-20:160
15,21:165
15,23b-29:166
15,36-19-20:168,169
15,36-28,31:142,168

16,6-10:169
16,11-40:172
16,18:147
16,37-39:172

17,1s:169
17,22-34:170
17,23s:14
17,30:13
17,31-32:171
17,32-34:171

18,2s:171
18,5s:169
18,13-17:172
18,24-28:171
18,24-19,7:144,171

19,1-7:172
19,8-9:170
19,11-16:172
19,21:169,173
19,21-20,38:169
19,21-21,26:168,172
19,23-40:175

20,1-6:175
20,7-12:176
20,16:173
20,17-38:173
20,18-38:174
20,22-23:174,176
20,25-35:175
20,28:175
20,29:142
20,29-30:174
20,31:174

21,10-11:176
21,13:176
21,17:174
21,17-26:176
21,24:12
21,26:16
21,27s:179
21,27-26,30:169,177
21,38:46

22,1-21:179
22,30-23,10:179

23,1-5:179
23,6:119
23,6-9:179
23,12-35:180

24,1-9:180
24,12-13:180

24,14-16:180
24,21:180
24,22-26:180
25,1-12:180
25,8:119
25,23-26:181
26,1-32:181
26,24-28:181
26,31-32:181
27,1-28,31:182
28,16-28:182
28,30-31:182
28,31:183
1Corintios
15,7:143,158
Gálatas
1,15-16:158
Filipenses
2,5s:26
3,1-12:158

ÍNDICE

Pág.

5 Nota bibliográfica
9 Introdução — O objetivo teológico de Lucas

23 **1. Apresentação de Jesus**

23 I. O nascimento de Jesus. Sua relação com João e o Antigo Testamento
33 II. A atividade de João
36 III. A origem de Jesus. As tentações

41 **2. Missão na Galiléia**

41 I. Introdução
43 II. Na sinagoga de Nazaré
45 III. Resumo da atividade de Jesus
48 IV. Jesus e os discípulos
51 V. Perdão de Deus e superação do judaísmo que se fecha
55 VI. O sermão da planície
59 VII. Quem é este? Tu és o enviado de Deus, o Cristo!
69 VIII. Seguir o Cristo que sofre

73 **3. O caminho para Jerusalém**

73 I. O caminho
74 II. Seguimento e missão
78 III. Ação e oração
81 IV. O espírito de Deus e a exigência de superar o judaísmo
86 V. O reino do espírito na vida dos homens
90 VI. O reino: riqueza e vigilância
95 VII. O dom do reino e a resposta humana
101 VIII. A riqueza e o risco do reino. Perdão e agradecimento
105 IX. O quando do reino
107 X. A oração do caminho: De novo a riqueza
110 XI. De Jericó a Jerusalém
114 XII. Entreato: A subida de Jesus ao templo

117 4. **De Jerusalém à ascensão**

117 I. Jesus ensina em Jerusalém
122 II. Comida pascal: Condenação e morte
132 III. Ressurreição e ascensão

141 5. **Do Evangelho à teologia do livro dos Atos**

142 I. Pentecostes: A essência da Igreja
152 II. O espírito e a essência missionária da Igreja
168 III. A missão entre as nações e Paulo

185 Índice das citações bíblicas

Impresso na Gráfica de Edições Paulinas - 1978
Via Raposo Tavares, Km 18,5 - 01000 SÃO PAULO